

A romantic couple is shown in a close embrace against a plain white background. The man, on the left, is shirtless and has short brown hair. The woman, on the right, has long, wavy red hair and is wearing a strapless dress with a bold orange and pink floral pattern. They are facing each other, nearly touching noses, with the woman's hand gently resting on the man's face. The overall mood is intimate and sensual.

SÉRIE SEA BREEZE,
da autora do best-seller
PAIXÃO SEM LIMITES

sem escolha ABBI GLINES



sem escolha



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



sem escolha ABBI GLINES



Título original: *Because of Low*

Copyright © 2012 por Abbi Glines

Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Milena Vargas

revisão: Flávia Midori e Victor Almeida

diagramação: DTPPhoenix Editorial

capa: Jessica Handelman

imagens de capa: Michael Frost

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G476s

Glines, Abbi

Sem escolha [recurso eletrônico]/ Abbi Glines; tradução de Cássia Zanon.
São Paulo: Arqueiro, 2018.

recurso digital (Sea breeze; 2)

Tradução de: *Because of low*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-878-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título. III. Série.

18-51300

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para minha melhor amiga, Monica Tucker. Obrigada por
escutar todas as minhas ideias e por estar sempre presente,
aconteça o que acontecer.*

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os livros de Abbi Glines](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

Se eu soubesse quem ela era quando a conheci, teria feito alguma diferença? Sinceramente, não sei. No instante em que Willow Foster entrou na minha vida, tudo mudou. Embora minha família estivesse se desintegrando, ela continuou sendo minha essência, meu cerne. Então tudo o que ela era veio à tona, tornando-se o meu maior pesadelo. Eu não podia ficar com tudo. Eu precisava escolher: Willow ou minha família. Não havia alternativa.

Capítulo 1

MARCUS

Voltar para casa era uma droga. Tudo nessa cidade me lembrava por que eu havia ido embora. Eu tinha uma vida em Tuscaloosa e precisava daquilo para fugir. Aqui, eu era Marcus Hardy. Não importava para onde eu fosse, as pessoas me conheciam. Conheciam a minha família. E agora... estavam falando sobre a minha família. Era por isso que eu tive que voltar. Deixar minha irmã e minha mãe para encarar tudo sozinhas estava fora de cogitação. O escândalo que pairava sobre nossas cabeças me deixou sem qualquer opção e sem a minha liberdade. No momento, pouca gente sabia, mas era só uma questão de tempo. Logo, toda a cidade litorânea de Sea Breeze, Alabama, saberia o que meu pai estava fazendo – ou melhor, com *quem* ele estava fazendo. Ser eleito o rei das revendas de carros Mercedes na Costa do Golfo fora o bastante para uma vadiazinha interesseira poucos anos mais velha do que eu se atirar na cama com meu querido e velho pai.

Na única vez em que vi a destruidora de lares trabalhando, soube que algo não estava certo. Ela era jovem, extremamente gostosa e parecia faminta por dinheiro.

Meu pai não conseguiu manter as calças no lugar, e agora minha mãe e minha irmã teriam que lidar com o estigma gerado pelas atitudes dele. As pessoas sentiriam pena da minha mãe. Isso já estava sendo devastador, e ela sequer sabia como era jovem a outra mulher. Minha irmã mais nova, Amanda, os flagrara tarde da noite no dia em que minha mãe lhe pedira que levasse o jantar para meu pai no escritório. Naquela noite, ela me ligou chorando histericamente. Saí da faculdade, fiz as malas e segui para casa. Não havia opção. Minha família precisava de mim.

Uma batida à porta me distraiu desses pensamentos e eu fui dar uma olhada para ver qual das garotas estava ali procurando por Cage desta vez. O cara tinha uma lista interminável de mulheres desfilando na vida dele. Meu novo colega de quarto era um galinha e tanto. Perto dele, meu melhor amigo, Preston, passava

vergonha. Girei a maçaneta e abri a porta sem espiar pelo olho mágico.

Fui pego desprevenido. Eu estava preparado para dar de cara com uma garota alta e magra de peitos grandes mas evidentemente falsos, vestindo quase nada. Já ia dizer que Cage estava ocupado com outra muito parecida com ela. Só que, à minha frente, havia uma ruiva bastante natural. Olhos avermelhados em um rosto molhado de lágrimas me encararam. Não havia marcas de rímel borrado. Os cabelos dela estavam presos em um rabo de cavalo. Ela usava uma calça jeans e o que parecia ser uma legítima camiseta da turnê Back in Black do AC/DC. Não havia umbigo à mostra em sua barriga lisa e bronzeada, e suas roupas não eram coladas ao corpo. Bom, talvez a calça fosse um pouco justa, marcando bem os quadris. Mas minha apreciação das pernas dela foi interrompida quando percebi a mala pequena detonada que ela segurava.

– Cage está?

A voz da garota parecia ao mesmo tempo triste e musical. Eu estava tendo dificuldade para digerir o fato de que aquela garota estava ali atrás de Cage. Ela não fazia nem um pouco o tipo dele. Tudo, dos cabelos espessos cor de cobre aos tênis All Star, berrava “não é o tipo de Cage”. E o fato de que ela estava carregando uma mala... Bem, isso não era nada bom.

– Ahn, hum, não.

Ela deixou os ombros caírem e soltou mais um soluço. Sua mãozinha pequena e delicada se moveu em uma tentativa de abafar o som de evidente aflição. Até as unhas dela tinham classe. Não eram compridas demais e tinham uma ponta suave e arredondada, pintadas de esmalte rosa-claro.

– Eu deixei meu celular na casa da minha irmã. – Ela soltou um suspiro antes de continuar: – Preciso ligar para ele. Posso entrar?

Cage saía com uma modelo que aparentemente sentia atração por jogadores de beisebol universitário. Pela forma como ele havia me contado isso, eu sabia que não pretendia voltar naquela noite. Ele jamais atenderia a ligação dela, e eu detestaria vê-la ainda mais chateada.

Uma coisa horrível passou pela minha cabeça. Será que ele tinha engravidado aquela garota? Será que ele não via quanto ela era inocente?

– Claro, mas não sei se ele vai atender. Ele está ocupado... esta noite.

Ela me deu um sorriso amargurado e assentiu, passando por mim.

– Sei o tipo de ocupação dele, mas Cage vai falar comigo.

Ela parecia confiante. Eu mesmo não me sentia tão confiante assim.

– Você tem um celular que eu possa usar?

Enfiei a mão no bolso da calça jeans e passei o aparelho para ela, sem discutir. Ela havia parado de chorar, e eu queria manter as coisas assim.

– Obrigada. Vou tentar ligar primeiro.

Observei enquanto ela ia até o sofá e largava a mala no chão com força antes de afundar desanimada nas almofadas gastas, como se tivesse estado ali centenas de vezes. Já que eu havia chegado ali fazia apenas dois dias, não tinha como saber se ela estivera ali antes ou não. Cage era o amigo de um amigo e estava atrás de alguém para dividir o apartamento. Eu precisava de algum lugar para passar um tempo, e o lugar era legal. Preston estava no mesmo time de beisebol de Cage na faculdade comunitária local. Quando soube que eu precisava de um lugar para morar, liguei para Cage e nos colocou em contato.

– Sou eu. Deixei meu telefone quando saí. Você não está aqui, mas seu novo colega me deixou entrar. Me liga.

Ela fungou, e então desligou. Fiquei olhando, fascinado, enquanto ela digitava uma mensagem de texto. A garota realmente acreditava que o mulherengo com quem eu morava ia ligar para ela assim que recebesse sua mensagem. Eu estava intrigado e ficando mais preocupado a cada minuto.

Ela terminou e me devolveu o telefone. Um sorriso aflorou em seu rosto avermelhado, e duas covinhas surgiram em suas bochechas. Caramba, que coisa linda.

– Obrigada. Você se importa se eu esperar um pouco até ele ligar de volta?

Balancei a cabeça.

– Não, de jeito nenhum. Quer beber alguma coisa?

Ela se levantou.

– Sim, mas eu pego. Minhas bebidas estão na gaveta de baixo da geladeira, atrás das Bud Lights.

Franzi o cenho e a acompanhei até a cozinha. Ela abriu a geladeira e se abaixou para pegar sua bebida escondida. Quando se curvou para procurar, ficou difícil não notar o traseiro dela dentro dos jeans desbotados justos. Tinha o formato perfeito de um coração e, embora ela não fosse muito alta, suas pernas pareciam ter quilômetros.

– Ah, aqui está. Cage precisa comprar mais. Ele deve estar deixando os casinhos dele beberem meus Jarritos.

Eu não podia continuar tentando adivinhar. Precisava saber exatamente quem ela era. Certamente não era uma das namoradas dele. Será que era a irmã com quem Preston disse que estava saindo? Eu esperava que não. Eu estava interessado, e fazia algum tempo que não me interessava por ninguém. Não desde que a última garota partira meu coração.

Abri a boca para perguntar como ela conhecia Cage quando o telefone começou a tocar no meu bolso. A garota andou na minha direção e estendeu a mão. Realmente acreditava que era Cage. Baixei o olhar e vi que era ele mesmo.

Ela pegou o telefone da minha mão.

– Oi... Ela é uma idiota egoísta... Eu não posso ficar lá, Cage... Não tive a intenção de deixar o telefone. Eu só estava chateada... Sim, seu novo colega de apartamento é um cara legal. Ele está sendo prestativo... Não, termine o seu encontro. Resolva essa história. Posso esperar... Prometo não voltar... Ela não vai mudar, Cage... Eu a odeio... – A voz dela ficou embargada novamente. – Não, não, sério. Eu estou bem. Só queria ver você... Não. Eu vou embora... Cage... Não... Cage... Tá, tá bem.

Ela passou o telefone para mim.

– Ele quer falar com você.

Aquela conversa não tinha sido nem um pouco como eu estava esperando. A garota só podia ser irmã dele.

– Oi.

– Olha, eu preciso que você fique com a Low aí até eu voltar para casa. Ela está chateada, e não quero que ela saia. Dê um desses malditos refrigerantes mexicanos que estão na geladeira. Estão atrás das Bud Lights na gaveta de baixo. Preciso escondê-los das outras garotas que recebo em casa. Todas parecem gostar dessas bebidas nojentas. Ligue a televisão, tente distraí-la. Estou a dez minutos de distância, mas estou vestindo meu jeans neste momento e indo para casa. Só a ajude a se distrair, mas *nem pense* em tocar nela.

– Ah, tudo bem, claro. Ela é sua irmã?

Cage riu ao telefone.

– Não, ela não é minha irmã. Eu jamais compraria bebidas e ligaria de volta para a minha irmã no meio de um ménage. Low é a garota com quem vou me casar.

Eu não tinha resposta para isso. Meus olhos a encontraram parada perto da janela, de costas para mim. Os longos e espessos cachos batiam no meio das suas costas. Ela não tinha absolutamente nada a ver com as garotas com quem Cage costumava se envolver. O que ele queria dizer? Ela era a garota com quem ele ia se casar? Isso não fazia sentido.

– Faça ela ficar aí, cara. Já estou indo.

Então ele desligou o telefone.

Larguei o celular em cima da mesa e continuei olhando para a garota de costas. Low se virou lentamente e me observou por um instante, e então abriu um sorriso.

– Ele falou que vai se casar comigo, não foi? – perguntou ela, rindo baixinho antes de tomar um gole do refrigerante alaranjado com rótulo em espanhol. – Que maluco. Eu não deveria incomodá-lo, mas ele é tudo o que eu tenho.

Ela voltou a afundar no velho sofá verde desbotado, puxando as pernas para

baixo do corpo.

– Não se preocupe. Eu não vou embora. Ele destruiria a casa da minha irmã procurando por mim se eu sáísse. Nós duas já temos problemas demais. Não pretendo jogar Cage contra ela.

Fui até a única poltrona da sala e sentei.

– Então vocês são noivos? – perguntei, olhando para a mão dela sem anel.

Com um sorriso triste, ela balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Cage tem umas ideias malucas. Não quer dizer que seja verdade só porque ele disse isso.

Ela levantou as sobrancelhas e tomou mais um gole do refrigerante.

– Então você não vai se casar com Cage?

Eu queria muito que ela esclarecesse isso, porque estava incrivelmente confuso e mais do que um pouco interessado nela.

Low mordeu o lábio inferior, e eu percebi pela primeira vez quanto sua boca era carnuda.

– Cage foi meu vizinho quando eu era criança. Ele é o meu melhor amigo. Eu o amo muito, e ele é tudo o que tenho. A única pessoa com quem eu posso contar. Nunca tivemos um relacionamento antes porque Cage sabe que não vamos fazer sexo, e ele tem necessidade disso. Cage também acha que, se a gente namorar antes que ele esteja pronto para casar, as coisas vão acabar mal, e vai acabar me perdendo. Ele tem esse medo irracional de me perder.

Será que ela sabia que aquele cara havia pegado mais de três garotas diferentes naquela semana e estava em um ménage quando ela ligou? Essa jovem era legal demais para Cage.

– Pode tirar essa expressão do rosto. Não preciso da sua piedade. Sei como Cage é. Sei que você provavelmente viu o tipo de garota por quem ele se sente atraído, e eu não tenho nada a ver com elas. Eu não vivo em um mundo de fantasia. Estou bastante inteirada dos fatos.

Ela inclinou a cabeça e sorriu docemente.

– Eu nem sei o seu nome.

– Marcus Hardy.

– Bem, Marcus Hardy, eu sou Willow Montgomery, mas todo mundo me chama de Low. Muito prazer.

– O prazer é meu.

– Então você é amigo do Preston.

Assenti.

– Sim, mas não use isso contra mim.

Ela riu pela primeira vez, e fiquei espantado com o prazer repentino despertado por um som tão simples. Gostei bastante de ouvir aquela risada.

– Não vou usar. Preston não é de todo mau. Ele gosta de usar a beleza para conseguir as coisas, mas estou fora do radar dele. Cage o mataria se ele decidisse lançar aqueles olhos azuis na minha direção.

Cage protegia Willow porque Preston era um conquistador ou só porque ele era homem? Esperava mesmo que ela fosse aguardar até ele estar pronto para sossegar e se casar com ela?

– LOW! – A voz de Cage ecoou quando a porta do apartamento se abriu. Seus olhos foram direto para Willow. – Caramba, fiquei com medo de que você tivesse ido embora. Venha aqui.

Aquele era um lado de Cage que eu nunca vira. Pelo jeito, aquela ruivinha doce mexia com ele de um jeito que nenhuma outra conseguia fazer. Ele a puxou para seus braços, depois se abaixou, pegou a mala esquecida e a levou para o quarto dele, sussurrando o tempo todo.

Se ela não tivesse me dito mais cedo que se recusava a fazer sexo com ele, eu estaria absolutamente furioso com a ideia de vê-lo tocar em alguém tão doce depois de ter acabado de sair da cama com *duas* garotas. Em vez disso, fiquei me remoendo de inveja porque sabia que ele ia poder abraçá-la e ouvir sua voz suave enquanto ela desabafava seus problemas. Cage iria resolvê-los, não eu. Eu havia acabado de conhecê-la. Por que diabo isso me incomodava?

Capítulo 2

WILLOW

Olhei para Cage deitado no chão ao meu lado. Ele tinha conseguido dar um jeito de amontoar alguns cobertores e um travesseiro na noite passada, depois de voltar de seu encontro às duas da manhã. Cheirava a uísque e sexo. Eu não deixava que ele dormisse ao meu lado depois de transar com alguma garota qualquer, aquele maluco. Resisti ao desejo de estender o braço e afastar os longos cabelos pretos dos olhos dele. Eu precisava sair e, se o acordasse, ele não permitiria. Minha irmã estava me esperando para cuidar da minha sobrinha, Larissa. Eu ainda estava furiosa com ela, mas Larissa era um bebê e precisava de mim. Não era culpa dela se a mãe era uma pirralha mimada e egoísta.

Tirei a colcha de cima da cama, levantei-me e cobri gentilmente o corpo seminu de Cage. Ele havia ficado só de cueca na noite anterior, numa tentativa de se livrar do cheiro de cigarro, uísque e mulheres baratas que dominava suas roupas. Não importava que ele ainda estivesse cheirando a tudo isso. O corpo ridiculamente bem definido dele estava sempre dourado. Sua mãe era praticamente indiana, e isso ficava evidente em seus traços. Seus intensos olhos azuis deviam ser a única coisa que ele herdara do pai. Esse era um dos muitos elos que Cage e eu compartilhávamos: pais ausentes.

Minha mala guardava as únicas três roupas limpas que eu tinha no momento. As roupas sujas estavam empilhadas no canto do quarto de Cage em uma cesta de plástico. Eu precisava muito dar uma passada na lavanderia. Peguei uma calça jeans e uma camiseta de beisebol que Cage me dera e me vesti rapidamente, mas em silêncio. Depois de pentear os cabelos, fechei a mala e atirei as roupas da noite anterior no cesto de roupa suja.

Fechei a porta do quarto atrás de mim com muito cuidado para não o acordar e me virei na direção da geladeira. Precisava tomar um café e queria deixar alguma coisa preparada para quando Cage despertasse. Ele precisaria muito disso depois de chegar em casa tão tarde.

– Achei que você tivesse ido embora ontem à noite.

Dei meia-volta e vi Marcus sentado à mesa da cozinha já com um jornal e uma xícara de café nas mãos. Eu gostaria que ele não fosse tão absurdamente incrível. Marcus Hardy não era do meu nível, nem mesmo do mesmo tipo de ambiente. Eu não fazia ideia de como Cage havia conseguido alguém como ele para dividir o apartamento. Preston devia ser muito próximo de Marcus, o que parecia estranho, já que Preston tivera uma infância muito parecida com a minha e com a de Cage.

– Hum, não. Foi Cage quem saiu ontem à noite.

Marcus franziu de novo o cenho daquele jeito desaprovador que eu tinha visto na noite anterior. Ele não entendia o que havia entre mim e Cage. Eu não sabia ao certo se ele julgava a mim ou a Cage, mas isso me incomodava. Ainda que ele tivesse os olhos verdes mais lindos que eu já vira.

– Cage não está aqui?

Balancei a cabeça.

– Não. Ele voltou. Ele recebeu uma, ahn, ligação ontem à noite e saiu. Voltou há algumas horas.

– Então ele deixou você aqui e... saiu.

Suspirei e peguei uma xícara de café.

– É.

– Vou preparar uns ovos e uma torrada. Quer um pouco?

Aquela não era a resposta que eu esperava. Eu tinha certeza de que ele ia detonar a minha história com Cage. Em vez disso, estava se oferecendo para me preparar café da manhã.

– Não, obrigada. Tenho que cuidar da minha sobrinha hoje.

Levantei a caneca de café na minha mão.

– Eu levo canecas cheias de café quando saio, mas sempre as trago de volta. Marcus deu de ombros.

– Não se preocupe. Elas não são minhas mesmo.

– Eu sei. Dei para Cage quando ele se mudou para cá.

Marcus se levantou, foi até a geladeira e começou a pegar os ovos e a manteiga. Para ser sincera, eu queria era ficar ali vendo-o cozinhar. Seria incrível tomar café da manhã com ele e ver se era capaz de fazê-lo sorrir. Com certeza ele tinha um sorriso bonito. Aqueles olhos verdes provavelmente cintilavam.

– Não pode mesmo ficar? Eu cozinho bem pra caramba.

Marcus estendeu o braço para abrir a gaveta ao meu lado. Senti o aroma de banho recém-tomado misturado com café e alguma outra coisa que me fez lembrar dias quentes de verão. Resisti à vontade de agarrar a camisa dele e inspirar mais profundamente. Ele ia achar que eu era maluca. Sempre achei que o cheiro de Cage quando voltava da comemoração após um jogo vitorioso fosse

o melhor do mundo. Mas o suor, a cerveja e os cigarros não podiam competir com o perfume de limpeza de Marcus.

Tudo bem, eu precisava ir.

– Preciso correr. Mais uma vez, obrigada. Outra hora vou aceitar o seu café da manhã. Tenho que chegar na minha irmã antes que ela venha até aqui com a minha sobrinha a reboque.

Marcus franziu ligeiramente a testa. Pareceu preocupado. Se ele ao menos soubesse que esse era o menor dos meus problemas... Imaginei o que ele pensaria se descobrisse que eu na verdade não tinha onde morar. Que o sofá da minha irmã e a cama de Cage eram as minhas únicas alternativas no momento. De alguma forma, soube que ele iria querer dar um jeito nisso, e me senti bem. Balançando a cabeça para afastar minhas ilusões em relação a Marcus, passei por ele e segui para a porta.

– Você vai ficar bem? – perguntou ele quando toquei na maçaneta.

Eu tinha razão. Ele realmente se importava. Mas, pensando bem, caras como Marcus queriam salvar o mundo.

– Vou – respondi, olhando para trás por cima do ombro para lhe dar um sorriso antes de sair do apartamento e seguir para a minha realidade.

– Por onde diabo você andou? Não, não precisa me dizer. Você estava na cama de Cage York de novo. Sabe, você não tem o direito de me julgar enquanto estiver dormindo com aquele galinha.

Mordo a parte interna da bochecha para não gritar. Minha irmã tinha tão pouco envolvimento com a minha vida que não fazia ideia de quanto estava equivocada. Sim, Cage provavelmente era considerado um galinha, mas ele escolhia mulheres gostosas e sensuais para se divertir. Tinha padrões de exigência bem altos. Eu sempre me espantava quando as pessoas achavam que eu era uma de suas conquistas. Eu não combinava nem um pouco com o perfil. Para começar, ele nunca procurava uma garota depois de dormir com ela, mas me mantinha por perto. Em segundo lugar, eu não sou alta o bastante, sou ruiva, tenho os quadris muito largos e os peitos verdadeiros demais. Cage tem uma queda por peitos siliconados. Estranho, mas é verdade. De qualquer maneira, minha irmã era a versão ambulante do tipo de garota que atrai Cage. Ela também tinha os cabelos ruivos, mas eram naturalmente cacheados, e ela era alta e magra. Os cabelos ruivos ficavam melhor nela do que em mim. Ela tornava o ruivo sexy. Eu, nem tanto.

– Estou aqui agora. Vá logo, e pare de falar palavrões e gritar na frente da Larissa. Levei uma semana inteira para fazê-la parar de repetir m-e-r-d-a.

Se eu não me preocupasse tanto que aquela se tornasse uma palavra permanente no vocabulário dela, teria achado engraçado. Sentada na cadeirinha, Larissa jogava um cereal por vez. Toda vez que um caía no linóleo rachado, ela gritava “MERDA”, batia palminhas e fazia de novo. Isso tudo porque minha encantadora irmã berrava “Merda!” quando Larissa deixava comida cair no chão. Então minha sobrinha decidira transformar isso em uma brincadeira.

– Bom, era engraçado. Preciso ir. Ligue para Janet Hall, aquela mulher que está sempre com os rolos amarelos no cabelo e que mora a três casas daqui. Pergunte se ela pode ficar com a Larissa amanhã. Você tem aula, certo?

– Tenho.

Eu detestava deixar Larissa com a mulher dos milhares de gatos. Na última vez em que ficou lá, minha sobrinha chegou com vários arranhões, sem falar que o lugar fedia a cocô. A questão era que eu não podia faltar nem tirar menos do que B em nenhuma disciplina, ou perderia a bolsa. Eu precisava dessa bolsa. Faulkner era uma faculdade comunitária, com um curso de apenas dois anos de duração, e esse era todo o ensino superior que eu iria ter. Depois que a minha bolsa terminasse, eu não poderia continuar estudando. A menos que eu conseguisse um empréstimo estudantil e, levando em consideração que eu não tinha sequer onde morar, isso parecia improvável.

– Tá bem, fui. Não me ligue no celular enquanto eu estiver trabalhando. Se houver algum problema, trate de resolver.

E então ela saiu. Sem nenhum beijo de despedida em Larissa. Eu a odiava por isso mais do que tudo.

Minha mãe havia morrido de câncer quando eu tinha 12 anos, deixando eu e minha irmã sozinhas no mundo. Tawny tinha 18 e ficara responsável por mim. Por sorte, a casa estava paga, graças às economias frugais da nossa mãe. Tawny a herdou, junto com a miserável quantia que restava no banco. Ela concluiu o ensino médio e, em vez de continuar estudando, conseguiu um emprego para pagar as contas. Quando fiquei mais velha, arranjei um trabalho depois da escola para ajudar. Larissa chegara havia pouco mais de um ano, e tudo ficara mais difícil. Tawny me disse que não podia mais me sustentar e que eu precisava arranjar um lugar para mim. Eu não podia pagar um aluguel com meu salário de garçonne. Então minha irmã decidiu que, se eu cuidasse de Larissa enquanto ela trabalhava, em troca me deixaria passar a noite sem pagar aluguel. O problema era que eu não podia cuidar da Larissa todos os dias, portanto nem sempre ela permitia que eu passasse a noite lá.

Parece duro, mas a verdade é que era bem provável que o pai de Larissa aparecesse naquelas noites, e ela não queria que eu soubesse quem ele era. Não fosse por aquele segredo, tenho certeza de que ela me deixaria ficar. Fui expulsa

por causa de um cara. No começo, eu ia para a igreja metodista, porque eles têm um abrigo para sem-teto, mas, quando Cage descobriu que eu dormia lá porque Tawny não me deixava ficar em casa, ele pirou.

Então agora eu vou para o apartamento dele. Não queria fazer isso por causa daquela ideia maluca dele de que vamos nos casar, mas eu dependo de Cage. Mesmo que às vezes seja possessivo e insano, ele cuida de mim. Ninguém nunca fez isso. Ele gostava de saber que podia cuidar de alguém.

Quando a avó de Cage morreu, ele herdou tudo o que ela havia economizado e escondido dentro do colchão. Cage nem conhecera a mulher, porque a mãe dele tinha fugido de casa aos 16 anos e nunca mais voltara. Fora uma surpresa quando Cage recebeu um cheque de mais de 200 mil dólares. A primeira coisa que Cage fez com o dinheiro foi comprar o apartamento. Imaginava que fosse um bom investimento e queria alguma segurança. Depositou o resto no banco e retirava apenas os juros. Desde que se mudou, vem tentando me fazer ir morar com ele.

– Lowlow sair – exigiu Larissa batendo o punho pequeno e gorducho na bandeja da cadeirinha.

Ultimamente, ela vinha me chamando de Lowlow em vez de “mamãe”. Tawny ficava furiosa quando ela se referia a mim como “mamãe”. Precisei fazer muito esforço para acabar com esse hábito.

– Sim, vou tirar você daí. Mas antes vamos limpar a banana das suas mãozinhas.

MARCUS

– Quando Low foi embora? – resmungou Cage ao sair do quarto uma hora depois de Willow.

Dava para sentir do outro lado da sala o cheiro de uísque no hálito dele. Como ela conseguia dormir perto daquilo?

– Há mais ou menos uma hora.

Ele assentiu e tirou o celular do bolso. Tentei parecer concentrado na tela do meu laptop, e não curioso com o que ele ia dizer para ela.

– Oi, gata, por que você não me acordou?... Ah, qual é. Você sabe que eu acordaria por você... Me desculpa. Eu não devia ter saído... Não, eu não devia. Achei que você estivesse dormindo... Quero que volte aqui esta noite e, por favor, pegue a chave. Está sempre aqui para você. Não gosto de ver você obrigada a ficar com ela, e Deus me ajude se eu descobrir que você voltou para aquele maldito abrigo... Vou atrás de você se não vier para cá hoje... Eu tenho um jogo esta noite. Quer ir? Prometo ir embora com você depois... Tá, tá bem.

Mas venha para cá. Se precisa tanto descansar antes da aula de amanhã, traga essa bunda sexy até aqui e vá para a cama. Prometo que não vou chegar fedendo desta vez.

Cage deu uma risada e desligou o telefone.

– Essa garota vai me deixar maluco, juro para você.

Ergui os olhos da tela do computador. Cage estava se servindo de uma xícara de café.

– Ela tomou café antes de sair?

– Tomou, sim.

Cage assentiu e se recostou no balcão.

– Ela parecia chateada ou cansada?

Low parecia derrotada, mas eu não queria dizer isso para ele. Não por estar preocupado com o sentimento dele, mas porque achava que ela não ia querer que eu fizesse essa observação.

– Ela parecia bem.

Pensei na parte do telefonema em que ele citara um abrigo. Senti o estômago se revirar ao pensar em Willow dormindo em um lugar desses.

– O que você quis dizer com “abrigo”?

Cage disse um palavrão e balançou a cabeça.

– Aquela irmã dela é uma imbecil. Ela basicamente expulsou Low de casa. Não fiquei sabendo quando aconteceu. Então descobri que ela estava dormindo em uma igreja na cidade que tinha uma espécie de abrigo para sem-teto. Fiquei tão furioso que teria sido capaz de matar a irmã dela com as minhas próprias mãos.

– Onde ela mora, então?

Tive a sensação de que não ia gostar da resposta, mas precisava saber.

– Nos dias em que cuida da sobrinha, a irmã deixa que ela passe a noite lá. No resto do tempo, ela vem para cá. Tentei convencê-la a se mudar para o seu quarto, mas ela se recusou. Diz que não consegue dar conta do meu estilo de vida em tempo integral. Só não a pressionei mais porque tenho certeza de que acabaria perdendo-a. Ela veria o bosta que eu sou de verdade, e eu a perderia. Eu não posso perdê-la.

O cara era realmente esquisito. Como ele podia achar que era apaixonado por Willow se não conseguia parar de comer toda garota de pernas compridas e peitos falsos que aparecia pela frente? Como ele pretendia cuidar dela e a manter em segurança assim?

– Entendi – respondi, embora não tivesse entendido de verdade.

Cage riu e largou a xícara de café.

– Não, duvido que entenda.

Não falei nada, porque ele tinha razão.

A batida à porta me assustou, ainda que eu estivesse esperando por isso havia horas.

No momento em que Cage me pediu para esperar por Willow por volta das sete da noite, comecei a ficar inesperadamente ansioso. Eu teria Willow só para mim. Sabia que não era uma atitude inteligente, mas esperava por isso. Ela me fascinava. Porém, me incomodava demais a ideia de que a irmã a colocara para fora de novo. Mesmo depois que ela tinha cuidado da sobrinha naquele dia.

– E aí, Marcus?

Ela sorriu para mim quando escancarei a porta e recuei um passo para ela poder entrar.

– E aí?

– Espero não estar atrapalhando a sua noite. Você pode me ignorar e continuar o que estava fazendo. Posso me esconder no quarto do Cage se você desejar privacidade ou algo assim.

Nem pensar.

– Não. Na verdade, eu estou precisando de uma companhia. Estava organizando os meus cursos on-line. Queria fazer uma pausa e bater um papo.

Ela abriu um sorriso, e as duas covinhas apareceram.

– Ah, que ótimo! Aluguei um DVD e comprei ingredientes para fazer uma pizza.

Low mostrou a grande sacola de lona em sua mão. Na outra mão, ela segurava a alça da velha mala. Senti o estômago se revirar ao pensar na necessidade dela de carregar suas coisas por aí. E no fato de que uma mala tão pequena continha tudo o que ela possuía. A coleção de maiôs da minha irmã não caberia ali.

– Parece perfeito.

– Você sabe picar legumes?

Arregacei as mangas e flexionei o braço.

– Eu sou muito bom nisso.

Ela deu uma risada e fiquei com a sensação de que havia acabado de mover uma montanha em vez de apenas ter concordado em picar legumes.

Segui-a para a cozinha e apreciei a visão de seu traseiro. Naquela noite, aquelas pernas incríveis não estavam cobertas com jeans. Um short cáqui e uma regata vermelha justa cobriam sua perfeita pele cor de pêssego. E os cabelos pendiam pelas costas, livres do rabo de cavalo. Aquelas ondas sedosas pareciam quase irreais.

– Muito bem. Sei que tem uma faca decente em uma dessas gavetas, porque trouxe uma para cá há duas semanas. Procure a faca e uma tábua de corte, enquanto eu lavo os legumes.

Comecei a buscar a faca, tentando tirar o sorriso bobo do rosto.

– Quantos anos tem a sua sobrinha?

Eu estava determinado a descobrir mais a respeito dela. A garota era um enigma. Ela olhou por cima do ombro e sorriu para mim.

– Ela fez 1 ano no mês passado.

Abri uma gaveta e encontrei a faca enfiada entre duas capinhas térmicas de lata de cerveja.

– Achei!

– Ah, ótimo. Aqui, comece a fatiar os cogumelos – disse ela, acenando para os cogumelos em cima da toalha de papel, ainda úmidos.

– Sim, senhora.

– E então, está gostando de morar com Cage? Quero dizer, vocês dois não são nem um pouco parecidos, pelo que já percebi.

O que exatamente ela queria dizer com aquilo? Eu não ficava nem um pouco chateado por ela não me achar um pegador, mas evidentemente tinha algum tipo de admiração por Cage.

– Ele é um cara legal. Quase nunca está aqui. É fácil me concentrar nas minhas aulas on-line.

– Cage não fica muito tempo parado. Ele precisa socializar. Sempre foi assim. Quando a gente era criança, ele estava sempre na rua. Muitas vezes entrava de noite pela minha janela, porque a mãe dele o havia trancado do lado de fora.

Eu não conseguia compreender uma mãe que trancava o filho para fora de casa por chegar depois da hora combinada. Meus pais estavam sempre parados à porta, andando de um lado para outro, prontos para me dar bronca se eu chegasse tarde.

– Pare de franzir a testa. – Ela riu e me deu uma cotovelada. – Quase consigo ler seus pensamentos. Você é amigo do Preston, sabe o tipo de vida que ele levava em casa. Bom, a maioria dos garotos do nosso bairro passava pelas mesmas situações.

Forcei um sorriso e foquei minha atenção nos cogumelos.

– Não, claro, quer dizer, eu sei.

Isso não fazia sentido. Willow soltou uma risadinha e começou a sovar a massa. Trabalhamos em silêncio, e eu fiz um esforço imenso para me concentrar nos legumes que deveria estar picando enquanto ela amassava e enrolava a massa. Low tinha os braços magros, mas os pequenos músculos se flexionando

enquanto ela empurrava e puxava a massa eram hipnotizantes. Qual era o problema comigo?

– E então? Você voltou para cá porque estava cansado da vida na faculdade ou tem outro grande plano que explique essa súbita mudança de cidade?

Ela não era a primeira pessoa que me perguntava isso. Eu tinha sido bombardeado por todos os meus amigos que sabiam que eu adorava a vida em Tuscaloosa. Eles também sabiam que eu queria me afastar da garota que havia me afetado tanto no verão anterior. Willow foi a primeira pessoa para quem eu desejava contar a verdade, mas ainda era cedo demais.

– Voltei para casa por questões familiares.

Eu estava pronto para que ela me pressionasse mais, como Preston havia feito, mas Willow apenas assentiu e pegou um punhado dos cogumelos que eu havia acabado de fatiar, espalhando em cima da pizza.

– Família pode ferrar com as coisas, né?

Seu tom derrotado me pegou. Não era uma boa ideia puxá-la para meus braços e prometer que tudo ficaria bem, já que eu provavelmente a assustaria. Em vez disso, respondi que sim e estendi a mão para colocar rodela de cebola em cima da pizza, de modo que meu braço roçasse no dela.

– Foi uma das melhores pizzas que comi na vida – admiti depois de ajudá-la a limpar a bagunça que havíamos feito na cozinha.

– Formamos uma boa equipe – disse ela, sorrindo por cima do ombro enquanto colocava o DVD no aparelho.

Sentei na poltrona, deixando o sofá livre para ela. Havia espaço suficiente para nós dois, mas eu não queria que ela se sentisse desconfortável comigo ao seu lado. Willow se virou e franziu o cenho.

– Eu não mordo, Marcus. Você pode vir sentar no velho e aconchegante sofá comigo. Essa poltrona é muito desconfortável.

Era a abertura de que eu precisava. Dei um salto, sentei-me na ponta do sofá e estendi as pernas.

– Não precisa repetir. Eu só estava sendo educado.

Willow riu e trouxe um cobertor. Ela não se sentou na outra ponta, o que me surpreendeu. Em vez disso, ficou bem ao meu lado, distante apenas o suficiente para nossos corpos não se tocarem, e mostrou o cobertor.

– Quer dividir?

– Sim.

Eu não estava sentindo nem um pouco de frio, mas não podia deixar passar a oportunidade de ficar debaixo do cobertor com ela.

– Tudo bem – disse ela, estendendo o cobertor sobre nós dois. – Lá vamos nós.

A sala escura foi iluminada pelo brilho da televisão. O calor do corpo de Willow era muito tentador. Minha vontade era diminuir a distância entre nós e passar os dedos pelos cabelos dela. Desde o instante em que abri a porta para ela na noite anterior e a vi aos prantos, estava morrendo de curiosidade para descobrir se eram tão macios quanto pareciam. Como se lesse meus pensamentos, ela se inclinou na minha direção e apoiou a cabeça no meu ombro.

– Espero que não se importe, mas gosto de me aninhar vendo filmes.

Quase engasguei antes de responder:

– Ahn, não. Não me importo.

Embora ela tivesse se aproximado, me obriguei a manter o braço nas costas do sofá, sem tocar os cabelos dela.

– Eu pensei em você quando aluguei o filme e não peguei uma comédia romântica. Você não parece o tipo de cara que gosta de comédias românticas. Escolhi uma ficção científica.

Com ela aninhada em mim no sofá, eu veria até *O diário da princesa*, que eu abominava desde que minha irmã havia me obrigado a assistir repetidamente quando era pequena.

– Ficção científica é bom – garanti, sabendo que não conseguiria me concentrar em nada com aquele cheiro doce de madressilva saindo de seus cabelos.

Capítulo 3

WILLOW

– Low – sussurrou Marcus no meu ouvido.

Eu me aconcheguei mais perto do som e respirei profundamente. Ele era tão cheiroso que eu queria me enroscar dentro das suas roupas.

– Low, você precisa acordar. – A voz dele soou um pouco mais alta.

Espreguiceei-me e abri os olhos, que levaram um instante para se ajustarem à escuridão. A primeira coisa que vi foi o contorno da barriga tanquinho de Marcus Hardy marcado na camiseta azul-escura que ele estava usando. Em seguida, percebi que a minha cabeça estava no colo dele.

– Desculpe acordar você, mas já passa das duas, e imaginei que talvez você quisesse ir para a cama antes de o Cage chegar.

Meu punho agarrava com força o algodão quente da camiseta dele. Olhei para a minha mão e soltei o tecido rapidamente.

Como assim? Eu estava tentando tirar a roupa dele durante o sono? Meu Deus, espero que não.

Sentei no sofá e um bocejo escapou.

– Desculpe ter dormido em cima de você – murmurei, sentindo meu rosto ficar quente.

Ele sorriu, e seus olhos verdes brilharam com malícia.

– Não precisa se desculpar. Não lembro quando foi a última vez que gostei tanto de uma noite.

Baixei a cabeça e mordi o lábio para evitar abrir um sorriso.

– Eu também. Bom, menos quando caí no sono.

A risada profunda dele provocou em mim uma sensação boa que não reconheci. Não era algo com que eu estivesse acostumada, mas foi legal. Mais do que legal. Eu poderia ficar viciada naquilo.

– É melhor ir para a cama. Você tem aula cedo – disse ele baixinho.

Assenti, então me levantei e segui na direção da porta do quarto de Cage. Virei-me antes de entrar e disse:

– Boa noite.

– Boa noite, Low.

A voz grave dele ressoou na escuridão.

– Oi, gata. Cheguei e estou limpo. Tomei uma bela chuveirada e usei meia garrafa de enxaguante bucal – murmurou Cage ao se deitar na cama ao meu lado.

Forcei-me a abrir meus olhos sonolentos e vi o sol nascendo no horizonte. Assenti e me virei de lado para ter mais uma hora de sono antes de realmente levantar.

– Desculpe ter ficado fora a noite toda. Eu não queria – sussurrou ele, estendendo o braço para segurar a minha mão.

Eu não deixava que ele me abraçasse na cama. Nunca acabava bem. Ele ficava excitado e começava a me tocar. Havíamos tentado algumas vezes, e eu sempre acabava chateada com ele e ameaçando dormir no chão. Não queria que as coisas esquentassem entre nós. Cage era minha família – e nunca passaria disso.

– Tudo bem – murmurei.

– Como foi a sua noite? Vi que fez pizza e deixou umas fatias para mim na geladeira.

– Sim.

– Marcus comeu com você? – perguntou Cage.

Assenti.

– Ele é diferente da gente, Low. Você sabe disso, né?

Eu sabia o que Cage queria dizer. Marcus estava fora do meu alcance. Ele não queria que eu pensasse que algum dia poderia haver algo entre mim e o colega de quarto dele. Eu era pobre. Marcus era um garoto rico.

– Eu não sou burra, Cage.

– Não, você é brilhante. E um cara como Marcus jamais entenderia quanto você é perfeita. Ele nunca veria além das outras coisas.

Queria ficar brava, mas sabia que ele tinha razão. Se Marcus soubesse de onde eu vinha, o que eu era, jamais me daria atenção.

– Eu sei – sussurrei na escuridão.

– Eu te amo, Low.

– Eu também te amo.

– Então pegue isto aqui – disse ele, colocando uma chave na minha mão e fechando meu punho. – Vou ficar mais tranquilo sabendo que você tem uma chave. Por favor, fique com ela.

Não respondi. Não sabia ao certo o que dizer. A verdade era que eu queria a chave. Ela me dava a distorcida sensação de que eu poderia ver Marcus com mais frequência.

Em poucos segundos, ele estava roncando baixinho no meu ouvido. Fiquei ali deitada olhando fixamente para o teto. O destino não era justo. Ele adorava fazer brincadeiras cruéis comigo. Marcus Hardy era sua nova brincadeira.

Eu não esperava que Marcus estivesse acordado quando saí do quarto de Cage às sete da manhã. E nunca imaginaria vê-lo diante do fogão preparando ovos e bacon.

– Bom dia.

Não pude evitar um sorriso ao ver quanto ele estava fofo cozinhando de calça de moletom e com uma camiseta que cobria aquele peitoral sarado.

– Não queria que você fosse para a aula com fome. Eu já tinha acordado, então pensei que podia preparar alguma coisa.

Senti o coração derreter um pouco. Ninguém nunca havia preparado café da manhã para mim. Nem a minha mãe. Ah, o destino era mesmo uma droga. Por que esse cara incrível, maravilhoso e sexy precisava ser um Hardy? Por que não podia ser um dos garotos da minha vizinhança? Alguém que compreendesse a minha experiência de vida e não me julgasse ou me visse de um jeito diferente por causa disso?

– Que gentil.

Ele sorriu e pegou um prato.

– Acho que minha missão está cumprida.

Rindo baixinho para não acordar Cage, fui até Marcus e peguei o prato que ele me estendia.

– Fiz café também. Como você prefere?

Parecia bom demais para ser verdade. Olhei para a porta do quarto e me perguntei se na realidade ainda estava dormindo. Aquilo podia muito bem ser um sonho.

– Com açúcar? Creme?

A voz dele interrompeu meus pensamentos. Eu me virei para ele e sorri.

– Os dois, por favor. Duas colheres de açúcar. E obrigada. De verdade. Ninguém nunca fez café da manhã para mim antes. Não sei bem o que dizer.

O sorriso dele se abriu ainda mais e vi algo em seus olhos que eu esperava não estar imaginando. Havia interesse ali. Dava para ver. Será que era porque ele pensava que eu era fácil?

– De nada. Se você continuar olhando para mim assim, talvez eu me torne

seu chef pessoal.

Cobri com a mão a risadinha que não consegui evitar. Talvez ele fosse o cara mais encantador que eu havia conhecido.

Seus olhos ficaram sérios por um instante, e observei enquanto ele estendia a mão e tocava na minha bochecha de um modo quase reverente.

– Eu gosto muito das suas covinhas – sussurrou ele.

O calor subiu rapidamente pelo meu pescoço, inundando meu rosto. Eu sabia que devia estar parecendo um tomate. Detestava minha pele clara.

– Sente-se e coma, Low, por favor.

Obedeci sem questionar.

Estava na segunda garfada quando ele se acomodou à minha frente na mesa.

– Que aula você tem hoje?

Tomei um gole de café antes de responder:

– Cálculo.

Ele sorriu.

– Se precisar de ajuda, matemática é a minha área.

Eu precisava de ajuda, mas duvidava de que conseguiria parar de me distrair com o cheiro dele por tempo suficiente para prestar atenção nas palavras que saíssem de sua boca.

– Obrigada.

Marcus tomou um gole de café.

– Você vai voltar esta noite? – perguntou ele depois de alguns minutos.

Gostaria que estivesse fazendo essa pergunta por querer me ver. Mas sabia que precisava controlar esses pensamentos para não acabar magoada.

– Não sei ainda, mas duvido. Provavelmente vou ficar na casa da minha irmã.

Não queria entrar em detalhes, mas eu tinha uma noite de crédito por ter cuidado da Larissa no dia anterior. Além disso, não podia simplesmente me mudar para a cama de Cage.

Ele pareceu incomodado com alguma coisa.

– Você sabe que eu não me importo que você fique. Se precisar dormir aqui, não tenho problema algum com isso. O apartamento é do Cage, afinal.

Sorri e engoli meu último pedaço de bacon.

– Obrigada, mas não é por isso. Não posso simplesmente me mudar para cá. Isso atrapalharia Cage e ele acabaria se incomodando comigo. Ele não concorda, mas não quero abusar da hospitalidade.

Marcus balançou a cabeça.

– Você não vai abusar da hospitalidade. Tenho certeza de que Cage jamais

iria querer você em outro lugar. Ele se preocupa muito com você.

Sorri e me levantei para levar o prato até a pia.

– Mesmo que ele não perceba, Cage precisa de liberdade e de espaço para respirar.

Marcus franziu o cenho, mas não disse nada.

– Obrigada mais uma vez pelo café da manhã. Foi a coisa mais gentil que alguém já fez para mim.

O rosto dele pareceu relaxar um pouco quando eu falei isso, e ele sorriu, mas ainda dava para ver a preocupação em seus olhos. Meu Deus, ele ia me fazer baixar a guarda. Eu precisava colocar alguma distância entre nós.

– Estou indo. A gente se vê por aí – falei a caminho da porta, sem olhar para trás.

– Tchau, Willow.

MARCUS

Amanda me ligou da escola chateada logo depois que Willow saiu. Pelo jeito, papai não tinha voltado para casa na noite anterior e mamãe havia se trancado no quarto chorando e se recusava a sair de lá naquela manhã. Passei primeiro para conferir mamãe, que se esforçou para parecer feliz, mas suas olheiras profundas me fizeram perceber que ela sabia a verdade. Estava na hora de eu ter uma conversa com meu pai.

Quando parei no estacionamento do Sea Breeze High School, vi Amanda sentada com Sadie White em uma mesa de piquenique do lado de fora da lanchonete. Sadie abraçava Amanda enquanto minha irmã chorava. Fiquei me perguntando quanto ela havia contado a Sadie. Fazia mais de dois meses que eu não via nem falava com Sadie. Sentia falta de estar perto dela, mas era simplesmente mais fácil manter distância. Fora ela quem preferira dessa forma. Eu a perdera por causa de um maldito rockstar, por mais maluco que isso possa parecer. Jax Stone, o mais famoso astro do rock adolescente do mundo, havia sido nosso patrão no verão anterior. Eu e Sadie tínhamos trabalhado na casa de verão dele, localizada na ilha particular ligada a Sea Breeze. Ele só precisou olhar Sadie uma vez para ser fisgado. Infelizmente para mim, Stone foi correspondido.

Saltei da caminhonete e fui andando até minha irmã. O olhar preocupado de Sadie cruzou o meu quando me aproximei. Pela expressão em seus olhos, entendi que ela sabia.

– Oi, Sadie. Obrigado por ficar aqui com ela – falei, chegando mais perto e estendendo a mão para minha irmãzinha.

Ela se atirou na minha direção e começou a chorar ainda mais. Tive vontade de matar meu pai enquanto os soluços sacudiam seu corpo. Cretino.

– Ela me contou, Marcus – disse Sadie baixinho. – Eu sinto muito.

– É, eu também. Ele é um idiota. Um cretino egoísta.

Sadie nem se abalou. Ela compreendia como era estar furiosa com um dos pais. Tinha muito trabalho com a mãe até Jax Stone se apaixonar e resolver todos os seus problemas. A situação com a mãe mimada e egoísta de Sadie, Jessica, foi uma das coisas em que ele tinha dado um jeito.

– Eu só quero ficar longe de tudo. Posso ir para a sua casa? – perguntou Amanda em meio aos soluços.

– É claro. Sadie, você pode informar à secretaria que ela está comigo, por favor?

Ela se levantou.

– É claro. E, Marcus, se eu puder fazer alguma coisa, não deixe de me ligar.

– Obrigado, Sadie.

Puxei minha irmã com força para o meu lado e voltei para a caminhonete. Primeiro ia tentar acalmá-la. Depois, ia ter uma conversa com meu pai.

Capítulo 4

WILLOW

Minha irmã não ia me deixar passar a noite lá. Enfiei a mão no bolso do jeans e apertei a chave que Cage me dera. Por mais que não quisesse abusar da hospitalidade, precisava de um lugar para ficar. Além disso, tinha deixado minha mala no quarto de Cage naquela manhã. Para pagar por mais uma noite naquela semana, ia lavar nossas roupas. Sentindo-me um pouco melhor, apesar de ser um caso de caridade, me dirigi para a escada.

– Low! Oi, belezura, há quanto tempo!

Preston me lançou seu sorriso maroto e prendeu uma mecha do cabelo louro atrás da orelha. O cara sabia o efeito que provocava nas meninas, mas, pelo jeito, não tinha sacado que não funcionava comigo.

– Olá, Preston. Sim, faz muito tempo. Estou surpresa por você não vir mais, agora que seu amigo está morando aqui.

Preston olhou para cima, na direção da porta do apartamento, e então se virou novamente para mim.

– Ah, bom, Marcus está tendo um dia ruim. A irmã dele está lá em cima, muito chateada com uma história que tem rolado na família. Por que não saímos para comer alguma coisa e depois vamos ouvir a Jackdown tocar no Live Bay esta noite? Quero dizer, se você não estiver trabalhando. Faz tempo que não vejo Dewayne e Rock. Tenho certeza de que Dewayne ia adorar ver você.

Ouvir a Jackdown tocar não estava nos meus planos naquela noite. Eu tinha um monte de dever de casa e, no dia seguinte, ia trabalhar dois turnos no restaurante do Live Bay. Mas também não queria me intrometer em um problema de família. Sabia o bastante sobre essas questões para entender que Marcus precisava de privacidade.

– Hum, tá bem, acho legal. Ahn... – Olhei para trás, na direção da escada. – Você acha que dá para eu entrar correndo e me trocar rapidinho? Vou direto para o quarto de Cage e saio em seguida.

– Ah, sim, tudo bem. Só quis dizer que eles precisam de um tempo

sozinhos. Provavelmente estão no quarto de Marcus, de qualquer maneira, e duvido que vão ouvir você entrando. Vamos lá, eu acompanho você e pego uma bebida enquanto você se troca.

Enfiei a mão no bolso e peguei a minha chave, sentindo uma estranha sensação de conforto ao olhar para ela. Era engraçado quanto algo tão pequeno me fazia sentir tão segura.

Dentro do apartamento, deixei Preston na cozinha e fui para o quarto de Cage. Pude ouvir vozes através da porta fechada do quarto de Marcus enquanto passava. Talvez eu conseguisse sair dali antes que se dessem conta de que eu havia entrado. Marcus parecia não se importar com a minha presença. Não queria que isso mudasse.

Vesti uma minissaia jeans e uma regata justa verde-esmeralda, depois coloquei a jaqueta de couro preta que Cage me dera de Natal dois anos antes. Minhas botas de caubói estavam no armário dele, ao lado das dele, e achei graça desse pequeno detalhe. Cage me queria ali. Isso era evidente. O cara não fazia ideia de como tornava as coisas impossíveis.

Ao sair do quarto, notei Preston e Marcus sussurrando na sala de estar. Parei imediatamente, sem querer me intrometer, quando o olhar de Marcus cruzou com o meu. Lentamente, os olhos verdes dele desceram pelo meu corpo, subindo em seguida, e minha pulsação se acelerou. Fiquei paralisada até os olhos dele encontrarem os meus de novo.

– Caramba, garota, vamos tirar esse seu corpo sexy daqui antes que Cage apareça – disse Preston. – Ou então ele vai me pendurar pelas bolas e mandar você trocar de roupa enquanto fica de guarda na porta.

As palavras dele tinham a intenção de quebrar o silêncio, mas só serviram para fazer os olhos de Marcus cintilarem.

– Hum, tá bem, boa ideia.

Forcei um sorriso, e então andei até o lado de Preston. Ele passou os braços pelos meus ombros, baixou a cabeça e me cheirou:

– Hummm... Você está com um perfume ótimo.

Marcus limpou a garganta alto, fazendo Preston dar uma risada.

– Vá cuidar da Amanda, cara. Acabei de dar toda a privacidade de que vocês precisam. Cage tem um encontro com uma garota de Monroeville que está aqui para o feriado da primavera. E eu pretendo manter esta aqui lá fora até tarde.

Senti o rosto queimar com a insinuação na voz dele. Certamente Marcus sabia que eu não ia fazer o que Preston estava dando a entender. Qual era o

problema com ele, afinal? Ele nunca deu em cima de mim assim.

– Boa noite, Marcus. Espero que vocês resolvam tudo – consegui dizer com a voz calma, sem transparecer o tumulto que a atenção dele havia provocado na minha pulsação.

Ele assentiu e se virou sem dizer uma palavra.

MARCUS

Botas de caubói. Ela precisava usar aquelas malditas botas de caubói com uma saia minúscula? Bati a porta da geladeira sem pegar a bebida. Uma cerveja parecia uma ótima ideia depois de ver Preston sair abraçado com Willow. Mas Amanda precisava de mim. Eu não podia beber, ainda que eu quisesse ficar bêbado para esquecer aquela bagunça maluca que meu pai havia atirado no meu colo.

– Por que você está batendo as coisas? – perguntou Amanda, saindo do meu quarto.

Dei de ombros, sem querer contar para a minha irmã que eu estava derretido por uma garota que havia acabado de conhecer enquanto precisávamos lidar com problemas maiores.

– Tem alguma coisa a ver com a voz feminina que acabei de ouvir aqui com Preston?

Atirando-me em uma cadeira da cozinha, olhei para ela, querendo dizer que não, mas acabei cedendo.

– Tem.

Amanda franziu o cenho e puxou a cadeira à minha frente para se sentar.

– Preston está saindo com ela?

– Não, a menos que esteja querendo morrer.

Amanda levantou as sobrancelhas, espantada.

– Quer dizer que gosta tanto dela que a disputaria com Preston?

– Não eu. Cage. Ele acha que vai se casar com Low.

Amanda riu.

– Cage, casado? Ele parou de fumar maconha e começou com crack agora?

Também parecia loucura para mim, mas ela não o vira com Willow. Ele era diferente com ela. Ele realmente se importava.

– É complicado.

Amanda começou a puxar as franjas vermelhas do jogo americano à sua frente. Aquele era mais um dos pequenos toques de Willow no apartamento. Preston era tão ruim quanto Cage quando se tratava de mulheres. Eu detestava saber que ele tinha saído com Willow.

– Preciso voltar para casa e ficar com a mamãe. Eu diria para você ir comigo, mas sua expressão furiosa poderia assustá-la. Vista uma roupa atraente e vá atrás dessa garota. Preston não teria saído com ela se soubesse que você está tão a fim. Ele provavelmente a levou para algum lugar só para tirá-la do apartamento.

Ela tinha razão. Pelo menos eu esperava que sim. Levantei-me e olhei para os jeans desbotados e a camiseta do time de futebol americano do Alabama que eu estava usando.

– Qual é o problema com a minha roupa?

Amanda suspirou e se levantou.

– Venha aqui, meu irmão sem noção. Vou deixar você irresistível. Confie em mim, está bem? Você deixou escapar por entre os dedos a última garota por quem se apaixonou. Eu diria que você precisa da minha ajuda.

– Eu estava competindo com um astro do rock, Amanda. Não foi exatamente uma disputa justa.

Amanda deu de ombros.

– Talvez, mas Preston e Cage não são nenhum Jax Stone. Desta vez, você definitivamente é o mais sexy.

– Você acabou de me chamar de sexy? Aliás, Jax não é mais bonito do que eu. Ele só é famoso.

Amanda soltou uma gargalhada.

– Não, meu querido irmão, Jax Stone é a encarnação da sensualidade, com ou sem a guitarra, e a voz mais excitante do mundo. Você nunca teve chance. Ele era o que chamam de “cachorro grande”. Desta vez, você pode brigar dentro da sua liga.

– Que seja. Só me diga o que vestir.

WILLOW

– Quer uma cerveja? – perguntou Preston, atravessando a multidão em direção a uma mesa com rostos conhecidos.

– Não, obrigada. Mas uma Coca seria bom – respondi quase gritando, para que ele conseguisse me escutar acima da música.

A Jackdown ainda não tinha subido ao palco, mas a banda antes deles havia animado o público. Pelo que ela conseguira ouvir, provavelmente havia sido o álcool que fez todos ficarem de pé, gritando e dançando. A banda não era tão boa assim. A Jackdown era a razão de haver uma multidão ali naquela noite. Eles sempre atraíam muita gente.

– Muito bem, vá sentar com Rock, Trisha e Dewayne. Vou pegar nossas

bebidas e me encontro com você lá.

– Está bem.

Rock e Dewayne eram amigos de Preston que eu havia conhecido por meio de Cage ao longo do último ano. Trisha era casada com Rock. Eles pareciam um casal de subcelebridades. Trisha não era muito natural, mas definitivamente faria sucesso como capa da Playboy se quisesse. Ou como dançarina exótica. Dewayne me viu primeiro e sorriu. Seus longos dreadlocks estavam presos em um rabo de cavalo naquela noite e a camiseta que ele usava era justa o suficiente para exibir seu impressionante corpo definido.

– Low! – chamou Dewayne quando me aproximei da mesa deles.

Trisha abriu um largo sorriso e acenou discretamente para mim.

– Oi, garota. Não sabia que você vinha. Quando falamos com Cage, ele disse que tinha um encontro e que duvidava que iria sair do hotel.

Rock cutucou Trisha, que franziu o cenho.

– O que foi? Low não é idiota. Ela sabe que Cage é um galinha.

– Meu Deus, gata, pare com isso – implorou Rock.

Balancei a cabeça e dei risada, pegando a cadeira ao lado de Dewayne.

– Ela tem razão, Rock. Sei onde ele está e o que está fazendo. Só porque ele diz para todo mundo que vai se casar comigo, não quer dizer que eu vá me casar com ele. O cara é doido. Não me importo com o que ele está fazendo.

Rock assentiu.

– Então você veio sozinha?

– Não, ela está comigo – anunciou Preston, colocando uma Coca-Cola na minha frente antes de pegar a cadeira ao meu lado.

– Ah, que merda, cara. – Rock gemeu, e Dewayne se juntou a ele com um suspiro de frustração.

– O que foi? Marcus e Amanda estavam com problemas da família lá no apartamento. Então pensei que Low e eu podíamos passar um tempo com vocês e escutar a banda do seu irmão, Trisha.

– Má ideia – resmungou Dewayne antes de tomar um gole de cerveja.

– Que seja. Cage não vai se importar. Além disso, ele está comendo uma garota de Monroeville.

– Por mais fascinante que seja esta conversa – disse Trisha –, acho que cabe a Low decidir o que ela faz e com quem. Cage não é pai dela. Vamos parar de agir como se ela pertencesse a ele e deixar que tenha uma vida.

O tom irritado dela fez todo mundo se calar e eu me senti grata.

Ela se levantou e estendeu a mão para mim.

– Venha, garota. Vamos dançar ao som do Krit e dar a eles algo com que se ocupar.

– O quê, por exemplo?

Ela segurou a minha mão e me puxou.

– Ameaçar, fazer cara feia e maltratar todos os caras que vão ficar babando por nós.

Pude ouvir o resmungo de Rock enquanto nos misturávamos à multidão.

– Não fica cansada de ver todo mundo agindo como se você fosse propriedade do Cage? – perguntou Trisha, puxando-me para mais perto enquanto seguíamos até a frente do palco.

A Jackdown começaria a tocar em alguns minutos e eu sabia que ela estava nos levando até lá para podermos vê-los. E para que Krit nos visse. Fazia meses que ela vinha tentando dar uma de cupido entre mim e o irmão dela. Cage sempre parecia frustrar suas tentativas, mas esta noite ele não estava ali.

– Cage é tudo o que eu tenho. Ele é meu melhor amigo, então ignoro os defeitos dele. Se aparecer um cara por quem valha a pena brigar, não vou deixar Cage me atrapalhar. Mas até agora não me impediu de ficar com ninguém que eu realmente quisesse.

Trisha me observou por um instante. Não tinha gostado da minha resposta. Dava para ver pela expressão dela.

– Se você não experimentar, como vai saber quando aparecer o certo?

Dei de ombros, pensando em Marcus e afastando imediatamente aquela ideia da cabeça. Ele estava muito fora do meu alcance. Nem valia a pena fantasiar a respeito.

– Eu vou saber.

Ela deu de ombros e começou a dizer alguma coisa, mas as luzes se apagaram e o som da guitarra elétrica de Krit preencheu o ar, levando o público a uma loucura de gritos e assobios.

– Lá vamos nós – disse ela, sorrindo e voltando a atenção para o palco, que tinha sido tomado por fumaça.

Krit surgiu e seguiu na direção do único holofote enquanto fazia a guitarra cantar. A cor do longo cabelo louro dele era tão parecida com a de Trisha que pensei que talvez o dela não fosse falso, afinal. Em vez de amarrá-lo, ele deixava as mechas soltas sobre os ombros nus. Era sua marca registrada. Krit nunca aparecia de camisa no palco. Usava uma calça jeans larga, deixando as garotas e provavelmente alguns garotos excitados com a visão insinuante de seus quadris. Seu peitoral não era tão largo e musculoso quanto o de Dewayne e Rock, mas tinha músculos magros e um tanquinho bem evidente, coberto do lado direito por uma tatuagem de cobra.

O restante da banda saiu do meio da fumaça, e a voz de Green se juntou à guitarra elétrica. Green era o melhor amigo de Krit e também o baixista e

segundo vocalista do grupo. Krit era o principal, mas Green também sabia cantar e ficava responsável por várias canções em cada apresentação, quase como um gêmeo de cabelos escuros do outro. Os mesmos cabelos compridos, mas castanhos.

Só que o peitoral e os braços de Green eram cobertos de tatuagens. Olhando para ele, ninguém imaginaria que estava no segundo ano da faculdade de direito. Uma garota à minha direita começou a berrar o nome dele junto com algumas outras coisas nada fofas que ela queria fazer depois do show. Balançando a cabeça para me livrar daquelas imagens, olhei para o fundo do palco, para o baterista, Matty, que tinha cabelo laranja-claro espetado, também comprido. Ele precisava usar uma tonelada de gel para deixar os fios em pé daquele jeito. Usava uma camiseta preta justa e, embora estivesse sentado atrás da bateria, eu sabia que vestia um jeans igualmente apertado.

– Mal posso esperar que ele veja você aqui! – gritou Trisha, empolgada, no meu ouvido.

Eu só queria dançar. Atrair a atenção de Krit era a última coisa em que eu pensava. Voltei os olhos para o tecladista cabeludo, Legend. Ele tinha uma barba cheia, o que era estranho para alguém de 24 anos, e sentia muito orgulho da sua cabeleira. O cabelo castanho revolto era comprido o bastante apenas para enfiar atrás das orelhas, e seu jeans justo deixava à mostra o abdômen liso que a camiseta do Aerosmith – que poderia ser minha de tão pequena – não chegava a cobrir.

A voz de Krit se juntou à de Green, e os dois começaram a cantar a música mais famosa deles, “Aces”.

Os olhos azuis de Krit me encontraram. Parecia impossível os olhos de alguém serem daquele tom de azul-elétrico. Antes eu acreditava que ele usava lentes de contato. Então conheci Trisha e os olhos dela tinham exatamente a mesma cor. Krit piscou para mim e umedeceu os lábios sugestivamente. Não consegui deixar de rir. Era ultrajante. O cara não fazia o meu tipo, mas não deixava de ser engraçado. E não era nem um pouco difícil olhar para o peitoral dele.

– Sabia que ele ia adorar ter você tão perto! – berrou Trisha.

Sorrindo, deixei meu corpo se movimentar no ritmo da música.

Depois de várias canções e vários parceiros de dança, atravessei o público na direção da nossa mesa. Estava com a boca completamente seca. Precisava da minha Coca, provavelmente quente e sem gás a essa altura. Preston conversava com uma garota de cabelos castanhos cacheados. Talvez eu fosse precisar pegar uma carona com Trisha e Rock na volta para casa.

Sentindo que alguém me observava, voltei a atenção para as outras pessoas

na mesa. Marcus estava sentado na cadeira que Trisha havia liberado mais cedo. Eu não esperava vê-lo ali naquela noite.

– Oi – falei, indo até a mesa, sem saber onde eu devia sentar, já que a morena conversando com Preston tomara o meu lugar.

– Low, você voltou. – Preston se levantou. – Sente-se aqui. Está com sede? O gelo derreteu. Vou pegar outra Coca para você.

– Não, Preston, pode ficar. Estou bem. Continue a sua conversa. Vou pegar minha bebida.

Ele não se sentou e sua expressão ficou insegura. Rindo da evidente confusão dele, me virei e segui para o bar. Preston era mesmo tão cabeça de vento quanto qualquer surfista parecia ser.

– Ele é meio sem noção. Sinto muito.

A voz de Marcus estava baixa e próxima da minha orelha. O calor do hálito dele contra o meu pescoço me provocou um arrepio. Ele havia me seguido. Foi impossível evitar o sorriso pateta no meu rosto.

– Preston é um querido. Eu não ligo. Além disso, eu não estou com ele.

– Não está?

Virei um pouco a cabeça para olhar nos olhos de Marcus.

– Não, é claro que não. É o Preston. Somos apenas amigos.

Um sorriso ergueu os cantos da boca de Marcus, e não consegui desviar o olhar. O cara era simplesmente sexy.

– Você sai sempre com ele como amiga?

– Não. Na verdade, não. Quer dizer, quando saio, normalmente estou com Cage também. Mas esta noite ele achou que você precisava ficar com a sua irmã. O sorriso dele desapareceu.

Chegamos ao bar, e Marcus se manteve atrás de mim, me envolvendo com os braços. A excitação de sentir o corpo quente dele pressionando minhas costas me fez lutar contra a vontade de me aconchegar. Lembrei a mim mesma que ele estava fazendo aquilo para impedir que eu fosse esmagada pelo mar de pessoas ao redor do bar. Era um gesto de proteção. Nada mais. Mas eu gostei.

– Ricky! Duas Cocas. Uma turbinada.

O barman olhou na nossa direção, fez que sim para Marcus e começou a preparar nossas bebidas. Foi um atendimento rápido. Ajudava ser local por ali.

– A que horas você chegou? – perguntei a Marcus enquanto esperávamos as bebidas.

– Uns dois minutos antes de você aparecer. Eu já estava indo procurá-la para ver se conseguia convencê-la a dançar comigo.

Fui tomada por um sentimento de frustração. Sentir meu corpo contra o de Marcus enquanto nos movimentávamos ao som da música teria entrado para a

minha lista de momentos preferidos da vida.

– Ah... – foi o que consegui responder.

Meu coração acelerou por causa da fantasia que tomava forma na minha cabeça. O cheiro limpo e masculino de Marcus não ajudava muito. Eu estava no meio de uma fantasia estranha, mas agradável, em que eu entrava por baixo da camiseta dele e lambia seu peitoral, quando as bebidas foram colocadas diante de nós. Marcus deixou o dinheiro em cima do balcão e pegou os copos. Acenou com a cabeça para a nossa mesa e eu imediatamente senti falta do toque dele. Segurando meu suspiro patético, fui na frente, na direção dos nossos amigos.

Preston conseguiu fazer a morena sentar em seu colo, deixando uma cadeira livre para mim ao lado deles. Incrível.

– Achei que você estivesse saindo – disse Marcus a Preston quando sentei.

Preston tomou um gole de cerveja e olhou para a garota em seu colo. As unhas vermelhas dela brincavam com os cachos louros sedosos dele.

– Vai comigo? – perguntou ele.

Ela riu e fez que sim, balançando os cabelos sobre os ombros. Ele olhou para mim.

– Tudo bem se eu deixar você com Marcus? Ele falou que pode lhe dar uma carona.

Sim! Consegui disfarçar meu prazer com a mudança de planos.

– É claro.

Preston sorriu e se levantou abraçando a cintura da garota.

– A gente se vê depois.

Acenei rapidamente enquanto tomava um longo gole de refrigerante.

Rock ainda estava na pista de dança com Trisha e eu não fazia ideia de para onde Dwayne tinha ido. Estávamos apenas Marcus e eu. Olhar fixamente para minha Coca e passar o dedo pela condensação que escorria pelo copo se tornou algo fascinante. Ou pelo menos era o que parecia. Eu não sabia o que dizer, e de repente me senti sem graça.

– Obrigado por me dar um pouco de privacidade com Amanda hoje, mas você nunca deve sentir como se não pudesse ficar no apartamento. Não importa o que estiver acontecendo comigo, você é sempre bem-vinda.

Ergui os olhos do copo e sorri para ele.

– Obrigada, mas eu costumo ter problemas familiares, e sei que é sempre melhor ter privacidade.

Ele também tomou um longo gole da sua bebida, que eu tinha quase certeza de que continha uísque.

– Bom, eu vou ter muitos problemas familiares nos próximos meses, então não se preocupe comigo. Se Amanda aparecer chorando ou estiver enfiada no meu quarto, jamais pense que precisa sair. Fique. Prefiro que fique a ver você sair correndo para algum lugar.

Ele tinha ido até ali atrás de mim? Certamente não.

– Obrigada.

Eu não ia discutir com ele. De qualquer forma, se aquilo acontecesse de novo, eu não ficaria por perto para deixá-los desconfortáveis. Mas não havia por que discutir.

– E aí, cara! Não sabia que você estava aqui. – Dewayne deu um tapinha nas costas de Marcus e pegou a cadeira do meu lado, sorrindo. – Caramba, como é bom ver você em um dia de semana. Sinto falta da sua cara feia quando você está na faculdade.

Dewayne, Rock, Marcus e Preston haviam crescido juntos. Segundo Cage, eram todos muito próximos. Na minha opinião, uma combinação estranha. Marcus era de família rica, embora certamente não vivesse como um, e Rock tinha sua própria empresa de parapente. Preston não tinha um objetivo na vida além de surfe, beisebol e garotas. E Dewayne era, bom... eu não sabia direito o quê. Ele parecia sombrio e perigoso, cheio de tatuagens e *dreads* nos cabelos, mas tinha uma personalidade que me lembrava um urso de pelúcia gigante. Era sempre muito legal e fácil de conversar.

– Eu precisava sair, e meus dois colegas de apartamento me deixaram sozinho, então segui essa linda aqui.

Marcus havia acabado de me chamar de “linda”?

Dewayne riu.

– Não deixe Cage ouvir você chamá-la assim. Ele fica maluco quando os caras mencionam a beleza da Srta. Willow.

Dewayne piscou para mim e acendeu um cigarro, recostando-se.

– Cage só late – garanti, especialmente para Marcus, a quem eu não queria assustar, caso houvesse alguma chance de ele estar interessado em mim.

Dewayne riu, soltando fumaça pelo nariz e pela boca.

– Não, gata, ele fala muito sério. Já o vi em ação depois de alguém dizer alguma coisa sobre você. Não é nada bonito.

Cale a boca, Dewayne. Olhei para Marcus, que parecia sério. Caramba, eu precisava fazer Dewayne fechar o bico.

– Marcus! Oi! Não sabia que você tinha voltado. Por que não me ligou? Fiquei magoada.

A mulher era maravilhosa. Alta, loira e toda magra. Exatamente como as garotas de Cage.

– Jess.

Marcus se levantou e a abraçou. Senti meu estômago se revirar.

– Venha dançar comigo – pediu ela, sem soltá-lo.

Ela olhou ao redor e abriu um sorriso para Dewayne.

– Oi, D! Como você está, gato?

– Estou bem, Jess. Você terminou com aquele idiota de novo?

A mulher fez uma careta.

– Sim, há mais de um mês. Ele engravidou uma desta vez. Isso eu não posso perdoar.

Dewayne soltou um assobio baixinho.

– Nossa... posso imaginar. Papai Hank. Nunca pensei que ouviria isso.

Ela deu de ombros e puxou Marcus para perto.

– Tudo bem, estou aproveitando o Marcus aqui e já posso me sentir melhor – arrulhou ela.

Marcus olhou para mim e eu forcei um sorriso, então voltei a atenção para o palco, para a Jackdown que acabara de retornar depois do intervalo. Eu não podia vê-lo se afastar com ela. Vê-lo com ela só me lembrava quanto ele estava fora do meu alcance.

– Uma dança – ouvi Marcus dizer.

Jess deu um gritinho e o levou para o meio da multidão.

Eu não vou pensar nisso. Eu não vou pensar nisso.

– Ela é prima do Rock. Ele não podia rejeitá-la.

A voz de Dewayne interrompeu meu mantra mental. Meu rosto ficou imediatamente quente com suas palavras. Ele percebeu que aquilo me incomodou. Ah, que ótimo. Agora eu estava sendo patética. A típica garota pobre a fim de Marcus Hardy. De repente, fiquei com vontade de ir embora. Eu queria Cage. Precisava me sentir segura.

– Não tem problema. Eu não vim com ele.

Não passei nenhuma credibilidade. Minha voz até soou trêmula, pelo amor de Deus.

– Hummmm – fez Dewayne entre uma tragada e outra no cigarro.

– Preciso tomar um pouco de ar e dar um telefonema – falei, me levantando.

Dewayne ergueu as sobrancelhas. Eu não precisava do olhar dele sobre mim. Segui para a porta. Para longe do calor do bar lotado e da fumaça do cigarro de Dewayne no meu rosto.

Capítulo 5

WILLOW

O ar da noite ainda estava fresco. Embora nossa primavera supercurta estivesse quase no fim, as noites ainda não haviam começado a esquentar. Inspirei profundamente o ar puro do mar e pisei na areia branca, desejando não estar usando botas. Se estivesse de saltos, poderia tirá-los facilmente para sentir a areia entre os dedos.

Meu celular tocou dentro da bolsa e eu o peguei. Era Cage.

– Oi – falei, segurando o aparelho entre a orelha e o ombro enquanto caminhava pela praia.

– Onde você está?

Era de imaginar que ele faria essa pergunta. Do jeito que eu conhecia Cage, ele devia estar no meio do sexo quando se deu conta de que não sabia onde eu me encontrava, então deu um jeito de pegar o telefone para me ligar entre uma estocada e outra. Que nojo, péssima imagem mental.

– No momento, estou na praia, do lado de fora do Live Bay, tomando um ar fresco. A Jackdown está tocando esta noite.

– Com quem você foi?

– Bom, eu vim com Preston, mas ele saiu com uma garota, e Marcus falou que vai me dar uma carona para casa.

– Onde está Marcus?

– Lá dentro, dançando com uma garota.

Houve uma pausa.

– Você quer ir embora? – perguntou ele.

Eu queria muito sair dali, mas, se dissesse isso a Cage, ele largaria seu encontro e iria correndo até mim. Ele tinha um complexo de herói quando a situação dizia respeito a mim. Eu costumava me perguntar se era porque ninguém jamais nos salvou na nossa infância. Ninguém salvou a mãe dele quando o padrasto batia nela. Cage era só uma criança, mas eu tinha certeza de que ele se culpava por não tê-lo impedido.

– Eu estou bem.
– Não está, não, Low. Dá para ouvir na sua voz. Tem alguma coisa errada. Chego aí em cinco minutos.

– Cage, não...

Mas ele tinha desligado. Ah, droga, eu não queria que ele fizesse isso. Sem dúvida a garota vai deixá-lo voltar mais tarde. Elas sempre deixavam, o que me surpreendia. Se um cara fosse embora correndo para ajudar outra garota no meio de um encontro, eu não permitiria que ele voltasse para a minha cama mais tarde. Por outro lado, eu também não faria sexo casual com um estranho. Então, isso era um ponto irrelevante.

Voltando para a rua, olhei para as luzes do Live Bay e pensei em simplesmente ligar para Marcus e informar que estava indo embora em vez de voltar lá para dentro. Além disso, pela aparência da loura nos seus braços, ele provavelmente ia demorar para se dar conta de que eu não estava mais ali.

MARCUS

Finalmente consegui me desvencilhar de Jess. Queria dançar com Willow. Eu a observara brevemente assim que cheguei, e só conseguia pensar em me aproximar e tocar nela enquanto ela se mexia daquele jeito. Jess apareceu e me atrasou. Dewayne estava sentado à mesa com Rock e Trisha. Os três conversavam e davam risada, mas Willow não estava com eles. Olhei na direção do bar, mas não consegui encontrá-la no meio da multidão.

– Onde está Willow?

– O quê? Não vai me dar nem um pouco de amor antes? – provocou Rock, olhando para mim.

Virei-me para Dewayne. Ele estava recostado na cadeira com uma cerveja nas mãos, me observando.

– Onde está Willow? – perguntei especificamente a ele desta vez.

Ele girou o piercing de metal no lábio inferior e acenou a cabeça na direção da porta.

– Foi tomar um pouco de ar um tempinho atrás.

Ah, não.

– Quanto tempo atrás?

Dewayne parecia estar se divertindo com a minha frustração. Colocou a porcaria de um cigarro nos lábios e tragou profundamente, então deu de ombros.

– Desde que você saiu com Jess.

Quando me virei para sair, meu telefone tocou. Esperava que não fosse Amanda em outra crise envolvendo a mamãe agora. Era a última coisa de que eu

precisava. Estava fazendo progressos com Willow. Até Jess me arrastar para a pista de dança.

– Alô – falei, pressionando o telefone perto da orelha enquanto saía para a rua.

– Peguei minha garota. Já a estou levando para casa. Quis avisar, caso você se lembrasse de que ia dar carona para ela e não a encontrasse mais tarde.

Cage tinha ido buscar Willow. MERDA!

– Por quê? O que houve? Ela está bem?

Willow havia ligado para Cage ir buscá-la, e ele tinha ido ao seu resgate. Onde eu estava? Dançando. Que ótimo. Simplesmente ótimo.

– Ela só estava cansada. Não queria incomodar você e a sua garota. Estou com ela. Está tudo certo. Até mais, cara.

Ele desligou.

Minha garota? Jess não era a minha garota. Quer dizer, a gente já ficou antes. Ela era a priminha gostosa do Rock, mas nunca foi nada sério.

Fiquei parado no estacionamento, olhando para os carros. Eu já havia ferrado com tudo. Willow tinha erguido diversos muros ao seu redor. Eu queria atravessá-los. Queria que ela confiasse em mim e me deixasse entrar. Mas eu a decepcionara, e ela voltara correndo para Cage. Havia interesse nos olhos dela naquela noite. Eu tinha visto. E tive vontade de gritar de triunfo por isso. Então Jess apareceu, e não quis rejeitá-la. Rock me contou que ela estava passando por um momento muito ruim. Só tentei alegrar uma velha amiga. Nada mais. Mas para Willow... tinha parecido mais. Eu a havia deixado. Cage foi buscá-la. Quem imaginaria que seria difícil competir com Cage pelo posto de cara mais confiável?

– Encontrou Willow? – perguntou Trisha quando voltei para a mesa.

Eu precisava de outra bebida. Dessa vez, nada de refrigerante. Só queria um uísque.

– Cage veio buscá-la.

Dewayne riu e eu lancei um olhar furioso para ele. Não estava a fim de ouvir nada naquele momento. Ele sempre via demais. Esta noite, queria que ele guardasse as opiniões dele.

– Ahhhh, droga. Krit queria vê-la depois desse set.

Voltei meu olhar furioso para Trisha, que sorria para mim como se soubesse de um segredo hilário.

– Ei, Hardy, não olhe para a minha mulher desse jeito. Guarde essa cara amarrada para outra pessoa.

Rock não estava brincando. Passei a mão pelos cabelos e rosnei, olhando de volta para a porta, querendo desesperadamente ir embora.

– Já estava na hora, caralho. Sadie White pegou você de jeito. É bom ver você todo envolvido com outra garota.

Não havia por que negar a observação de Dewayne. Aqueles eram meus melhores amigos. Eles me conheciam melhor do que ninguém. Não fazia sentido mentir para eles.

– Por que ela tem que correr para ele todas as vezes? Eu não entendo!

Trisha largou sua bebida e se inclinou para a frente, me encarando.

– Porque ele é o abrigo dela. Por mais maluco que seja, levando em consideração de quem estamos falando. Cage se importa só com uma coisa neste mundo, e é Low. Ele tem lutado as batalhas dela e resolvido os problemas dela desde que os dois eram crianças. Nós morávamos na mesma rua. Lembro de como os dois eram. Sempre me fascinou a forma como o bad boy Cage York agia feito um cachorrinho apaixonado quando se tratava de Low. Ela caía, ele vinha correndo. Se você a quer, boa sorte. Porque toda vez que você não estiver por perto para pegá-la, posso garantir que Cage estará. Ela sabe que pode contar com ele. Sabe que ele vai amá-la sempre. É difícil competir com amor incondicional.

Peguei o copo de Dewayne e tomei um longo gole da cerveja dele. Trisha tinha razão. Como competir com aquilo? Será que eu queria entrar nessa briga?

WILLOW

Cage fechou a porta e atirou as chaves em cima da mesa.

– Comprei mais Jarritos para você hoje. Vá pegar um enquanto tomo uma ducha.

Eu havia deixado Cage paranoico com relação ao cheiro de perfume, sexo e uísque que pareciam grudar nele depois dos seus encontros. Queria dizer para ele não se preocupar com isso. Estava tudo certo, mas eu queria um tempo sozinha. Então assenti e segui para a geladeira.

Cage beijou o topo da minha cabeça antes de ir para o banheiro.

– Vou me esfregar bem, prometo – disse ao fechar a porta.

Ri baixinho sozinha, mas, a caminho do quarto dele, o sofá chamou a minha atenção. Lembranças de me aconchegar em Marcus e acordar no colo dele me fizeram preferir ir até lá em vez da cama. Eu gostava dali. Ele havia ficado sentado naquele sofá durante horas, enquanto eu dormia em seu colo. Ninguém além de Cage fizera algo parecido por mim antes. Sorrindo, tomei um gole de refrigerante. Ele era um cara legal. Um cara sexy. Um cara divertido com quem

fantasiar.

Senti o rosto queimar ao pensar que Dewayne pudesse ter dito a Marcus sobre suas suspeitas. E ele tinha razão. Fiquei com ciúme. Eu gostava de Marcus muito mais do que deveria. Mas era simplesmente constrangedor que Marcus soubesse disso. Meu celular apitou com uma mensagem de texto.

Era de Trisha.

Chegou bem em casa?

Digitei rapidamente:

Sim. Obrigada =)

Ela respondeu:

Vc deixou saudade.

Quem sentiu saudade? Marcus? Ou só ela? Dewayne não comentaria com todo mundo algo que nem fora dito antes de eu sair. Meu Deus, eu esperava que não.

Enfiei o telefone outra vez no bolso e me levantei. O chuveiro havia sido desligado, e eu queria tomar uma ducha também. A fumaça do cigarro de Dewayne havia empestado meus cabelos e minha roupa. Eu estava exausta e pronta para deixar aquela noite para trás.

Acordei antes de todo mundo e juntei a minha roupa suja e a de Cage, indo para a lavanderia lá embaixo para começar o trabalho. Cage havia deitado na cama ao meu lado na noite anterior, e nós caímos no sono sem muitas palavras. Ele dormiu a noite inteira, o que significava que estava descansando por um motivo. Hoje devia ser dia de jogo. E o uniforme dele estava sujo, assim como todas as minhas roupas e a maioria dos jeans dele. Acrescentei alvejante na água e coloquei o uniforme imundo e manchado de terra sozinho na máquina. Por sorte, havia três lavadoras e secadoras ali, e todas estavam vazias. Como muitos dos apartamentos tinham suas próprias máquinas, eu raramente via outra pessoa usando as do prédio. Isso adiantava muito o trabalho. Enquanto as três máquinas funcionavam, meu celular tocou. Tirei o aparelho do bolso e vi que era Tawny. Ela nunca me telefonava. Não era um bom sinal.

– Alô.

– Onde você está?

– No Cage.

– Imaginei. Olhe só, preciso de uma babá para esta noite. Tenho um encontro. Larissa está pedindo por você. Se cuidar dela, pode passar a noite aqui. De qualquer maneira, provavelmente só volto de manhã.

– Tenho que trabalhar, Tawny.

– Merda. Tudo bem. Se eu precisar pagar por uma babá, não volte aqui esta semana.

– Eu não estava pensando em fazer isso.

– O quê? Você finalmente se ajeitou com Cage? Igual à nossa mãe.

– Não, Tawny, *você* é igual à nossa mãe. Eu ainda sou virgem, enquanto você tem uma filha sem pai. Pense bem, irmãzinha.

– Que seja. Tchau.

A ligação foi encerrada. Senti meu estômago se revirar ao pensar em Larissa passando a noite com alguma babá. Não dava para saber quem Tawny iria chamar. Liguei de volta para ela.

– O que foi?

– Depois do trabalho, eu vou até aí para cuidar dela durante a noite. Não pague uma babá para a noite toda.

Houve uma pausa breve.

– Tá, tudo bem. A que horas você vem render a babá?

– Hoje eu faço dois turnos, mas vou conseguir alguém para trocar comigo e poder sair às onze da noite. Então estarei aí às onze e meia. Talvez eu precise ir caminhando.

– Ótimo.

Ela desligou de novo.

Se não fosse pela minha sobrinha, duvido que eu sequer falasse com minha irmã. Não havia amor entre nós, e eu não sabia bem por quê. Quando éramos crianças, eu fazia de tudo para conseguir sua aprovação, mas nada lhe agradava. Era como se o fato de eu ter nascido tivesse destruído a vida dela. A quem eu estava enganando? Minha mãe agia do mesmo jeito. Meu nascimento não havia sido motivo de comemoração para ninguém da família. Às vezes eu me imaginava entrando em um ônibus e deixando aquela cidade para trás. As lembranças não eram nada boas. A maioria, pelo menos, não. Minha vida cabia em uma mala. A única pessoa que sentiria a minha falta seria Cage. Bem, e Larissa, até ela se esquecer da minha existência. Era muito tentador simplesmente recomeçar em outro lugar. Um dia, Cage entenderia a sabedoria da minha partida. Ele se libertaria da sua necessidade de me proteger. Eu faria novos amigos. Talvez encontrasse um emprego decente e terminasse meus estudos.

– Pensamentos profundos?

A voz de Marcus me despertou e eu levantei o olhar do piso de cimento para os olhos verdes sonolentos dele.

– Oi. O que você está fazendo aqui embaixo tão cedo?

Ele deu de ombros e colocou um cesto de roupa no chão ao seu lado.

– Bom, eu pensei em lavar algumas roupas antes de preparar o café da manhã. Mas parece que todas as máquinas estão sendo usadas.

O tom dele era de provocação.

– Opa. Desculpe por isso. Não achei que alguém fosse precisar delas tão cedo.

– Foi o que eu pensei também.

Dei uma risadinha e fiquei brincando com os polegares, as mãos cerradas no colo. Será que ele sabia que eu tinha saído correndo feito uma idiota ciumenta na noite anterior?

– Então você me largou ontem à noite.

O tom dele não entregava nada. Ajeitei atrás da orelha as mechas de cabelo.

– Ahn, é. Desculpe. Eu estava cansada e precisava tomar um pouco de ar.

Ele não comentou nada imediatamente e eu torci para a minha respiração estar normal, porque meu coração palpitava de um jeito estranho.

– Eu teria trazido você para casa se soubesse que queria voltar.

Porque ele era um dos mocinhos.

– Você estava se divertindo. Seus amigos evidentemente sentem a sua falta. Eu não queria estragar a sua noite. Cage estava passando por ali, então deu tudo certo.

Ele crispou um pouco os lábios, e eu voltei a fitar a rachadura no chão de cimento para onde estava olhando antes de ele chegar.

– Eu estava gostando da sua companhia também. E estava ansioso por trazer você para casa.

Certo, agora a palpitação no meu coração havia se transformando em um tambor.

Marcus Hardy havia acabado de insinuar que estava chateado por não ter conseguido me trazer para casa?

– Ah – respondi.

O que mais eu poderia dizer?

A primeira lavadora parou. Eu me levantei de um salto e comecei a colocar as roupas na secadora.

– Está liberada – anunciei, sorrindo para ele.

Em vez de esperar que eu saísse da frente, Marcus me prensou contra a máquina e apoiou o cesto em cima da lavadora fechada ao lado. Ergui os olhos como se pedisse licença, mas o calor nos olhos verdes dele me fez parar. Arfei levemente.

– Acho que não fui muito claro, Low.

Marcus havia baixado o tom de voz, o que deixou meu corpo todo arrepiado.

– Eu estava interessado em apenas uma pessoa naquele bar ontem à noite. E fui até lá só para vê-la.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e acariciou suavemente meu lóbulo antes de traçar a linha do meu maxilar.

– Eu fui lá por sua causa.

Seu sussurro rouco tornou minha respiração mais difícil. Eu estava arfando rapidamente.

– Ah – sussurrei.

Ele riu e abaixou a cabeça até estar com os lábios bem próximos dos meus.

– Ah! Ah, ahn, eu, hum...

Uma voz feminina e assustada desfez o feitiço, e Marcus fechou os olhos com força e soltou um palavrão. Endireitando-se, ele se virou para ver quem havia entrado na lavanderia. Eu não conseguia enxergar atrás dele e, pela maneira como ele me escondia com o próprio corpo, percebi que também não queria que a intrusa me visse. Pelo menos não o meu rosto.

– Sadie? – pude ouvir a confusão surpresa na voz dele.

– Ahn, Marcus, eu sinto muito. Eu estava subindo até o seu apartamento, mas vi você pela janela e decidi entrar. Não sabia que tinha mais alguém.

– Não, tudo bem. O que você está fazendo aqui?

O corpo de Marcus estava tenso como a corda de um arco. Tinha algo errado ali. Quem era Sadie?

– É a Amanda. Ela passou a noite comigo. Eu a levei para casa hoje de manhã, e a sua mãe estava, bom... enfim, ela está lá fora no Hummer, bem chateada. Eu não sabia o que fazer.

O som musical da voz da garota não estava ajudando a minha imaginação. Ela produzia um efeito estranho em Marcus.

– Não, você fez a coisa certa. Estou indo.

Ouvi a porta se fechar, e Marcus soltou um suspiro derrotado.

– Preciso ver minha irmã.

– É claro que sim.

Dessa vez eu dei a volta nele e fui até a outra máquina, que havia parado de funcionar, para tirar a roupa.

Ele ficou me encarando, como se fosse dizer mais alguma coisa. Em vez disso, balançou a cabeça e saiu da lavanderia, esquecendo seu cesto de roupa suja.

Coloquei o resto das minhas roupas na secadora, depois carreguei a máquina de lavar com as peças escuras dele.

De repente, ficar na lavanderia sem Marcus pareceu frio e solitário. Ele quase havia me beijado. Ele tinha ido me ver na noite anterior. Então Sadie

apareceu. Ela o afetava. Por quê? Jess, Sadie... Havia muitas garotas na vida dele. Exatamente como Cage. Balancei a cabeça e esvaziei a mente. Precisava terminar de recolher as roupas e me preparar para o trabalho.

Capítulo 6

MARCUS

Sadie estava enrolando uma mecha de cabelo louro com o dedo. Costumava fazer isso quando ficava nervosa.

– Desculpe por ter surpreendido vocês, Marcus. Estou me sentindo uma idiota – ela começou a se explicar assim que cheguei ao Hummer de Jax Stone.

– Não tem problema.

O que não era exatamente verdade. Eu estava prestes a beijar Willow, e Sadie ter flagrado isso havia mexido um pouco com a minha cabeça. Eu era tão apaixonado por ela havia tão pouco tempo que esperava sentir alguma coisa quando, com o corpo quente de Willow pressionando as minhas costas, eu me virei e a vi lá parada. Mas não senti. Nada. Nenhuma dor ao vê-la ali. Absolutamente nada. Uma raiva absoluta pelo meu pai e pelo inferno a que ele estava submetendo minha mãe e minha irmã, sim, isso eu senti. Preocupação com Amanda. Mas nada por Sadie.

Minha reação imediata foi proteger Willow. Não sei direito do que a estava protegendo, mas, de qualquer maneira, foi o que eu tinha feito.

Quando Sadie abriu a porta, Amanda estava sentada no canto, fungando feito uma menininha. Senti meu coração se partir. Foi como se eu tivesse voltado no tempo e a irmãzinha que eu amava e cuidava precisasse de mim para espantar os monstros que se escondiam debaixo da cama dela. Mas, dessa vez, o maldito monstro era o nosso pai. Ele estava nos trocando por uma vadia de 20 anos. Ou qualquer que fosse a idade dela. Ela era jovem. Era tudo o que eu sabia.

– Ele não voltou para casa ontem à noite e a mamãe não quer sair do quarto. Está berrando e empacotando as coisas. Ela vai embora.

Amanda soltou um soluço engasgado e voltou a afundar o rosto nas mãos. Minha doce irmãzinha mimada nunca precisou lidar com as merdas da vida. Sempre teve tudo o que queria. A vida dela havia sido mamão com açúcar até agora.

– Não fique assim, querida. Vou conversar com a mamãe e acalmá-la. Ela

não vai embora. Eu prometo.

– Ela pode ficar comigo se você precisar – disse Sadie. – Já perdemos uma hora de aula. Podemos muito bem perder o dia todo.

Olhei para Sadie e assenti. Provavelmente era uma boa ideia. Amanda não precisava ouvir o que eu tinha a dizer para mamãe.

– Você quer ficar com Sadie enquanto eu vou falar com mamãe?

Minha irmã aquiesceu lentamente, olhando para mim com o rosto molhado de lágrimas.

Eu me inclinei para dentro do carro e a abracei.

– Vai ficar tudo bem, maninha. Eu estou aqui. Aconteça o que acontecer, vou dar um jeito nessa bagunça.

– Ok – murmurou ela contra o meu peito.

Eu sabia que estava fazendo uma promessa que talvez não conseguisse cumprir, mas precisava tranquilizá-la.

– Obrigado, Sadie – falei, soltando Amanda e recuando para que Sadie pudesse entrar de novo no Hummer.

Jax tinha disponibilizado um motorista para Sadie, com um carro de vidros escuros. Desde que o mundo havia descoberto que Sadie White era a namorada de Jax Stone, ela se tornara uma celebridade. Paparazzi iam ao Alabama para tirar fotos dela. As pessoas a tratavam de um jeito diferente quando ela saía em público. Jax não gostava de ficar longe dela, por isso tomava providências para que ela ficasse em segurança. O Hummer e o motorista/guarda-costas eram apenas duas delas. Por que o sujeito simplesmente não lhe arranjava um professor particular e a levava consigo era algo que eu não conseguia entender. Tinha algo a ver com não querer tirar dela a experiência do ensino médio ou uma maluquice assim. Só alguém que não passou pelo ensino médio poderia achar que estaria roubando essa experiência de alguém. Sadie teria ido em um instante se ele deixasse.

– Fico feliz por poder ajudar. Se precisarem de qualquer coisa, estou mais do que disponível. Detesto que isso esteja acontecendo com vocês. Fico arrasada com as lágrimas de Amanda.

A doce e gentil Sadie. Não esperaria nada menos dela. Foi um dos motivos por que eu havia ficado louco por ela depois de apenas ter acabado de conhecê-la no verão anterior. Ela era linda, claro, mas também era uma garota doce. Por outro lado, admitir que estar parado ali conversando com ela sem sentir nada além de gratidão era absurdamente libertador.

– Você é uma amiga incrível, Sadie – falei, me afastando quando ela se sentou ao lado da minha irmã.

Eu precisava conversar com a minha mãe.

O Mercedes CLS63 que meu pai dera para a minha mãe de presente de aniversário de casamento havia quatro meses ainda estava na garagem. Isso era bom. Ela ainda não tinha dado no pé. Entrei na casa de três andares de frente para o mar com fachada de estuque onde eu havia morado a vida toda.

– Mamãe – chamei, indo para a escada que levava ao quarto dela.

– Marcus – respondeu ela, chorando alto em seguida.

O menininho dentro de mim disparou correndo escada acima, com medo do que poderia encontrar. Ela era a minha mãe. Eu não queria que ela sofresse. Quando pisei no último degrau, ela saiu do quarto e se atirou nos meus braços.

– Você está aqui – disse ela, soluçando.

Acaricieei seu cabelo louro devagarzinho, esperando acalmá-la. Quantas vezes ela havia me abraçado enquanto eu chorava em seus braços? Não dava nem para começar a contar. Agora ali estava eu, tomando-a nos meus.

– Ele não veio para casa ontem à noite. – Ela soluçou. – Ele nem ligou.

Eu o odiava. Naquele momento, com minha mãe chorando desesperadamente, eu sabia que o odiava. Não apenas o que ele estava fazendo. Eu realmente odiava meu pai.

– Eu sei. Amanda me contou. Venha comigo. Deixe eu enxugar o seu rosto.

Ela assentiu contra o meu peito e relaxou um pouco o punho cerrado com que estava me agarrando.

– Vá sentar no sofá, mamãe. Vou pegar um lenço e depois vamos conversar sobre isso e sobre o que precisamos fazer, está bem?

Ela soltou outro soluço.

– Eu estou aqui, mamãe. Não vou deixar você. Vou dar um jeito em tudo. Apenas confie em mim, ok?

Seus lábios se abriram um pouco em um pequeno sorriso de alívio misturado com uma tristeza profunda. A dor nos olhos dela, porém, não diminuiu.

Eu ia matá-lo com as minhas próprias mãos. Eu ia matar meu pai. E Deus permita que aquela vadia que trabalha com ele nunca chegue perto de mim. Ainda consigo me lembrar do sorriso sedutor que ela me lançou quando fui ao escritório dele naquele dia. Ela era uma interesseira. E meu pai, um idiota. Um idiota egoísta.

– Liguei para o celular dele hoje de manhã, e ele atendeu. Disse que estava no trabalho e ia lidar comigo mais tarde. – Ela soltou uma risada engasgada. – *Lidar comigo*, Marcus. Como se eu fosse um problema. Eu sou a esposa dele. A esposa dele.

Sentei ao lado dela e usei o lenço para limpar as lágrimas em seu rosto.

– Não ligue mais. Vou falar com ele. Eu o quero fora desta casa, mamãe.

Ela fungou, enquanto eu enxugava seu rosto, como se ela fosse minha filha.

– Você acha que eu devo pedir o divórcio?

– Sim, mãe. Eu acho. Ele está dormindo com outra pessoa. Ele não merece você. Você é melhor do que isso.

Ela assentiu e segurou meu punho, puxando minha mão até a boca para me dar um beijo.

– Eu te amo, Marcus Hardy. Você é o meu bom menino. Sempre cuidando de mim e da sua irmã. Não tem nada a ver com o seu pai. Você sabe disso, não sabe?

Ali estava a minha mãe. Mesmo que por um breve instante, eu precisava daquela porção de afeto materno. Saber que ela ainda existia ali por baixo de toda aquela mágoa e de toda aquela dor me tranquilizou um pouco.

– Eu sei – garanti, deixando que ela pegasse o lenço da minha mão para assoar o nariz.

– Meu Deus, Marcus, como isso foi acontecer? Quando foi que deu tudo errado? – perguntou ela em um tom de voz derrotado, soltando as mãos no colo.

– No instante em que o papai perdeu a cabeça, acho. Vou falar com ele. Não o espere esta noite, mamãe. Vou levar as roupas para ele, mas não o quero de volta aqui.

– Ah, querido, será a melhor solução? E se ele se der conta de que foi um erro? Eu realmente preciso acabar com um casamento de 25 anos por isso?

– Sim, mamãe, precisa! O cretino traiu você. Ele está traindo você. Você é melhor do que isso. Não deixe ele ganhar. Não faça isso.

Eu detestava vê-la assim. Ela achava mesmo que o papai mudaria de ideia e voltaria para ela. Talvez ele fizesse isso quando a namoradinha dele o abandonasse ou começasse a irritá-lo. Só que depois outra exatamente igual assumiria o posto.

– Mamãe, por favor – supliquei, segurando as mãos frias e macias dela. – Você precisa pedir o divórcio. Tirar tudo o que puder dele legalmente. Deixá-lo sem nada. Está me ouvindo? Ele está gastando o dinheiro dele com aquela vadia. Pegue o que for seu por direito. Ele deve tudo a você, mamãe.

Ela se endireitou e assentiu. Graças a Deus eu havia conseguido fazê-la prestar atenção.

– Você tem razão, querido. Vou fazê-lo pagar.

Ótimo. Pude ver a vingança brilhando nos olhos dela. Pelo menos não era dor. Queria que ela ficasse furiosa. Que o deixasse sem nada. Aquela era a mulher dura na queda que havia me criado. Inclinei-me na direção dela e lhe dei um beijo no rosto.

– Eu te amo, mamãe. Vamos superar isso. Você não está sozinha. Não afaste

a Amanda também. Ela precisa de você agora. Vocês duas têm que comer um pote de sorvete e ver filmes juntas. Deixe que essa situação aproxime vocês, mamãe. Não deixe ele ganhar.

Ficando de pé, minha mãe estendeu o braço e apertou a minha mão.

– Você tem razão. Eu sou mais forte do que isso. Minha menininha precisa da mãe dela. Enquanto você estiver aqui para me apoiar, eu consigo fazer isso, Marcus.

– Bom, estou aqui. Agora, por que não tira o pijama para a gente preparar o café da manhã? Eu estou morrendo de fome.

A risada dela foi como música para os meus ouvidos.

WILLOW

Era o feriado da primavera e os turistas invadiam Sea Breeze. Isso era bom, porque as gorjetas vinham em dobro. Eu já havia ganhado 200 dólares só dos clientes do almoço. O jantar estava apenas começando. Nas noites em que o bar ao lado do Live Bay tinha uma banda relativamente famosa, o restaurante sofria um pouco. Famílias em busca de um bom restaurante de frutos do mar são afastadas pelo estacionamento lotado. Elas não se dão conta de que é por causa do bar. Naquela noite, porém, como o bar não estava cheio, o restaurante estava repleto de turistas.

– Low, você pode assumir uma mesa de quatro lugares na seção C para a Macy? Ela disse que não pode dar conta de mais nada na seção dela. Aquele grupo de doze a está consumindo.

Assenti para Kim, a recepcionista, e fui pegar alguns copos d'água e uma tigela de limões antes de seguir para a mesa em questão.

– Ei, você ainda está atrás de alguém para ficar no seu lugar? – perguntou ela quando eu estava me virando.

Olhei para ela.

– Estou.

Então ela apontou para Seth, um garçom com quem eu sabia que ela vinha saindo. Devia estar querendo que ele trabalhasse até tarde com ela.

Dando um sorriso cúmplice para ela, me aproximei de Seth no caminho para a cozinha.

– Oi, você pode trocar de lugar comigo esta noite? Preciso cuidar da minha sobrinha.

Seth olhou para Kim por cima do ombro. Pelo jeito, ele queria a aprovação dela antes de responder. Ele me encarou de novo e sorriu.

– Claro. Sem problemas.

O evidente entusiasmo dele me fez segurar uma risada. Sem dúvida ele já estava planejando aquela noite a sós com Kim em um grande restaurante vazio.

– Ei, aquele lá não é o vocalista da Jackdown? – perguntou Seth.

Quando olhei, sentados na minha mesa para quatro na seção C estavam Krit, Trisha, Rock e Green.

– Sim, e o baixista também.

– Troque comigo, por favor – implorou Seth.

Olhei para a mesa e Trisha acenou. Eu não podia fazer isso com ela.

– Eu trocaria, Seth, mas Trisha e Rock são meus amigos. Não posso.

Seth arregalou os olhos.

– Você conhece Krit?

– Sim.

– Bom, você poderia pelo menos me apresentar? Faz muito tempo que quero fazer um teste para a Jackdown, mas eles nunca têm vaga.

Seth ia me ajudar naquela noite, então senti que devia isso a ele. Embora ele certamente fosse se dar bem no almoxarifado com Kim mais tarde.

– Claro. Dê uma passada por lá depois de eu tirar os pedidos, que eu apresento você.

Com uma bandeja cheia de copos d'água, segui na direção da minha mais nova mesa.

– Ei, garota, que pena que você foi embora tão cedo ontem à noite. Você perdeu a última canção. Foi o Krit quem compôs, e foi incrível – disse Trisha, sorrindo para mim.

– Desculpem. Depois de sair para tomar um ar, simplesmente não consegui voltar para o bar lotado.

Sem falar que eu não queria ver Marcus dançando com Jess.

– Você partiu meu coração. Eu estava esperando ansiosamente pelo fim do set para ir falar com você. Com aquelas botas e a minissaia, Low, você estava me matando.

– Ela estava de minissaia e botas? Como foi que eu perdi isso? – perguntou Green, olhando para mim e para Krit.

Gargalhei e peguei meu bloquinho de pedidos.

– O que vocês vão querer beber? – indaguei, mudando de assunto.

– Uma Bud – respondeu Rock.

– Coca diet.

– A long neck da Miller Lite.

– Chá gelado.

Eu ainda não tinha completado 21 anos e, embora fosse legal servir álcool aos 19, o dono do restaurante não gostava disso. Ele preferia que só quem tinha

idade para beber servisse. Isso seria um motivo perfeito para levar Seth até a mesa.

– Vou pedir que o Seth traga as cervejas de vocês, já que eu não tenho permissão para servir álcool. Preparem-se: ele é superfã da Jackdown e quer muito conhecer vocês.

Krit se inclinou para a frente e mordeu o lábio inferior, me encarando. Ele realmente achava que seu *sex appeal* funcionava com todo mundo.

– A que horas você sai, Low? – perguntou ele com uma voz sensual.

– Ah, merda, ele já está colocando as garras para fora. Fuja, Low, antes que ele comece a piscar e a mostrar as covinhas – alertou Green, dando um soquinho no braço de Krit, e todo mundo explodiu na risada.

– Vou pegar as outras bebidas – falei, sorrindo, e me virei na direção da cozinha.

Seth estava na máquina de refrigerante enchendo dois copos.

– Tudo bem, eu preciso de uma Bud e uma long neck da Miller Lite na mesa. A Miller é para o Krit. Aproveite.

– Incrível, Low. Obrigado.

Seth saiu apressadamente, deixando os refrigerantes para trás.

A sedução de Krit continuou durante a refeição, mas, como eu estava acostumava com a paquera dos clientes, isso não me incomodou. Quando soube que eles estavam acabando, imprimi a conta da mesa e fui na direção deles. Antes que eu pudesse dar mais um passo, a porta da frente se abriu, e eu parei de repente. Por sorte, o pequeno gemido que escapou da minha boca passou despercebido, já que ninguém estava perto o suficiente para escutar. Um Marcus Hardy muito maravilhoso e com um jeito bem determinado estava passando pela porta. O cabelo louro dele estava curto o bastante para não precisar ser penteado. Embora com frequência ele exibisse o visual de quem havia acabado de sair da cama, naquela noite ele tinha se esforçado. Os cachos louros estavam perfeitamente no lugar, com um leve topete. A cintura do jeans era baixa, presa no lugar exato, e a camisa polo verde-clara fazia seus olhos verdes se destacarem ainda mais sob os cílios pesados.

Ele acenou com a cabeça para Kim, mas manteve os olhos em mim enquanto vinha direto para onde eu estava, paralisada.

– Fiquei sabendo que você precisa de uma carona esta noite – disse ele com uma expressão satisfeita no rosto.

– Preciso, sim. Mas como você soube?

O brilho nos olhos dele provocou uma sensação boa no meu corpo.

– Tenho minhas fontes. Não queria que você precisasse caminhar, pensei em beber alguma coisa e esperar até você estar pronta.

Eu havia planejado caminhar até a casa da minha irmã. Cage tinha um jogo naquela noite, e eu não quis pedir o carro dele emprestado.

– Bom, tá bem. Obrigada. Rock está aqui – falei, tentando processar o fato de que Marcus acabara de aparecer para me levar até a casa da minha irmã depois do trabalho, como se isso fosse um comportamento normal.

Ele acompanhou o meu olhar.

– Estou vendo. Vou dar um alô para eles. Pode ficar tranquila. Não preciso ir a lugar algum. Tenho a noite toda.

Depois de olhar longamente para mim, ele se virou e caminhou até a mesa aonde eu estava indo antes de ele entrar. Como diabo ele soube que eu precisava de uma carona? Além disso, por que ele me daria uma carona sem eu pedir?

Balançando a cabeça, confusa, eu o segui até a mesa.

– Marcus, cara, você perdeu o jantar – provocou Rock.

– É, estou vendo, mas vim por causa da Low, não por vocês.

Krit olhou para trás de Marcus e me encarou. Suas sobrancelhas louras se levantaram, intrigadas, diante do comentário dele.

– Vai levar Low a algum lugar, Marcus? – perguntou Krit, desviando o olhar de mim e fitando Marcus.

Aquilo podia ficar mais interessante. Eu estava evitando as investidas de Krit fazia quase um ano. O garoto não aceitava não como resposta.

– Sim, isso é um problema para você? – perguntou Marcus, puxando uma cadeira e sentando-se ao lado de Green.

– Acho que sim. Eu ia tentar convencê-la a sair comigo depois do trabalho. O fato de você estar aqui por causa dela meio que estraga isso.

Não pude deixar de olhar para o rosto de Marcus para ver como ele reagiria à explicação de Krit. Ele fez uma careta e se recostou na cadeira.

– Não, acho que não é uma boa ideia. Você não é o tipo de Low.

– E você é?

Não consegui me aproximar da mesa. Aquilo era ao mesmo tempo constrangedor e fascinante.

– Muito bem, meninos, acalmem-se – interrompeu-os Rock, me chamando com um aceno. – Vou pagar a conta e Krit vai embora com a gente. Low tem planos de sair com Marcus esta noite. Vocês dois podem discutir isso ou se pegar no soco outra hora. No momento, eu quero ir para casa e passar um tempo a sós com a minha garota.

Marcus pareceu totalmente satisfeito com a sugestão de Rock. Se ele não fosse tão fofo, eu o lembraria de que não sou sua propriedade. Caramba, a gente

sequer havia tido um encontro e ele já estava ali agindo como se tivesse algum direito sobre mim.

Ele levantou os olhos e encarou os meus. Todos os motivos que eu tinha para estar chateada desapareceram. Quem podia ficar brava com aquele rosto?

Capítulo 7

MARCUS

Willow não falou muito no caminho até a casa da irmã. Eu não sabia direito se ela estava brava comigo por causa da minha discussão com Krit, mas ela se manteve em silêncio. Eu não tinha a intenção de passar dos limites com ela. Mas me dava calafrios pensar em Krit tirando vantagem dela ou tratando-a como eu sabia que ele tratava as mulheres. Low era doce demais para alguém como ele. Ela precisava de um homem que cuidasse dela com carinho.

– Olhe só, desculpe pelo que eu disse ao Krit. Não é da minha conta com quem você sai. Eu não devia ter feito aquilo.

Eu faria tudo de novo se precisasse, mas queria vê-la sorrir para mim. Ela ia sair da minha caminhonete em poucos minutos e eu precisava ouvir o som da risada dela para me sentir bem naquela noite.

– Você não devia ter feito aquilo. Mas tinha razão. Krit não é o meu tipo. Já faz um tempo que venho tentando me livrar dele.

Ótimo. Ela sabia que ele era um cretino.

– Então você me perdoa? – perguntei, olhando para ela.

Um sorrisinho levantou os cantos dos seus lábios.

– Sim, acho que sim.

Soltei um suspiro dramático de alívio.

– Caramba, garota, você estava me fazendo sofrer aqui.

A risada que eu queria escutar preencheu a caminhonete. Senti o peito inflar, e de repente tive vontade de bater nele com os punhos cerrados. Aquela menina estava me transformando em um homem das cavernas.

– Desculpe por ter deixado você preocupado. Eu só estou cansada. Foi um longo dia.

– Você vai poder ir direto para a cama quando chegar lá?

Eu não gostava da ideia de deixá-la na irmã. Estava me acostumando a saber que ela estava sã e salva no apartamento à noite.

– Vou tomar uma ducha antes, mas, sim, depois vou direto para a cama.

Willow se remexeu no assento e virou a cabeça na minha direção.

– Está tudo bem com a sua irmã?

A lembrança do nosso quase beijo me deixou desesperado de vontade de parar o carro e terminar o que havia sido interrompido naquela manhã.

– Ela está ótima. Obrigado.

– Que bom.

Esperei, torcendo para ela falar do beijo, mas não comentou nada. Em vez disso, fizemos o restante do trajeto em silêncio. Quando ela apontou para a casinha de blocos de concreto, parei na entrada para carros, desejando que houvesse algum jeito de mantê-la comigo.

– É aqui – disse ela com a voz sonolenta.

Tirando o cinto de segurança, ela apoiou a mão na maçaneta da porta e se virou para mim.

– Obrigada pela carona. Não sei como você soube que eu precisava de uma, mas fiquei muito contente por ter aparecido. Eu estou exausta, e caminhar teria sido uma droga.

Eu havia escutado Cage conversando com ela mais cedo pelo telefone. Pelo que ele dizia, soube que ela precisava de uma carona naquela noite, mas que ia pegar com um colega. Imaginei que ela estava mentindo para tranquilizá-lo, ou então tinha mesmo uma carona mas mudaria de ideia e me deixaria levá-la se eu simplesmente aparecesse. Eu estava bastante determinado a sair do restaurante com Low.

– É, bom, eu tenho os meus meios. Mas, sabe, facilitaria meus superpoderes se você me ligasse da próxima vez. Assim, eu não vou precisar usar minha habilidade de ler pensamentos.

Ela riu.

– Tá bem, vou fazer isso. Não quero que você gaste seus superpoderes à toa.

– Exatamente o que eu pensei. Vai ajudar muito.

Ela sorriu para mim, depois desceu da caminhonete.

Pensei em acompanhá-la até a porta, mas então eu a beijaria e, de repente, aquele primeiro beijo havia se tornado incrivelmente importante. Não queria que fosse do lado de fora da casa da irmã dela, um lugar que ela detestava. Queria que fosse em algum lugar de que ela se lembrasse com carinho. Então, preferi ficar olhando até ela estar segura antes de voltar para casa.

WILLOW

Quando pusesse as mãos em Tawny, ia esganá-la. Não, esganá-la seria bom para

ela. Eu ia arrancar os cabelos dela um fio por vez. Não, aos punhados. Como podíamos ter qualquer tipo de relação? Não fosse pelo fato de termos exatamente a mesma cor de cabelos da nossa mãe, eu poderia jurar que havia sido trocada na maternidade. Que mãe maluca não volta para casa a tempo de ficar com sua bebê ou nem mesmo telefona? Quero dizer, por favor! Quem faz isso? Apoiei Larissa mais alto nos quadris e pendurei a sacola de fraldas no outro braço. A cadeirinha dela estava na faixa de cascalho ao lado dos meus pés. Para poder sair para passear, ela precisava de mais coisas do que eu tinha na vida. Beijando sua cabecinha, eu a aconcheguei contra o meu corpo. Recusei-me a deixá-la com a mulher louca dos gatos, pois sabia muito bem que a minha irmã não precisava trabalhar hoje.

Cage parou o carro antes de saltar e correr para me ajudar com Larissa e a sacola.

– Aqui, vou prender a cadeirinha.

Cage havia se tornado especialista na instalação da cadeirinha desde que Larissa nasceu. Ele tinha vindo muitas vezes ao nosso resgate.

Ele se virou e tirou Larissa dos meus braços.

– Oi, menininha – arrulhou para ela enquanto a aninhava no colo.

Ela amava Cage. A garota era caidinha por homens. Especialmente os atraentes. Que Deus a abençoasse, mas ela havia puxado à mãe. Estendeu a mãozinha gorducha e bateu no rosto dele.

– Cay – disse ela em voz alta.

Fazia pouco tempo que tinha começado a chamá-lo de Cay. Ainda não dominara o som do *g*.

– Sim, o Cage está com a menina dele. Agora, vamos lá, vamos prender você na cadeirinha.

Depois que ela estava no lugar, ele se levantou e me puxou para seus braços.

– Manhã ruim? – perguntou, esfregando as minhas costas.

Assenti e deixei que ele me reconfortasse. Cage era muito bom nisso.

– Agora está tudo bem. Você está aqui. Vamos levar a pequena para o apartamento e depois nos preocupamos em encontrar a mãe dela. Tawny vai ter que aparecer em algum momento.

– Sim, mas eu estou perdendo aula porque ela não apareceu a tempo – resmunguei.

– Ela é uma vaca egoísta. Não é novidade. Você sabe disso.

Com um suspiro derrotado, afundei no assento do passageiro do Mustang preto de Cage e apoiei a cabeça no encosto. Ainda estava cansada. Larissa tinha acordado às quatro horas com cólicas e depois às seis de novo. Eu precisava

dormir mais do que aquilo. Provavelmente não adiantaria nada ter ido às aulas hoje de qualquer maneira. Não sei se teria conseguido manter os olhos abertos enquanto o professor falava.

– Você ficou acordada muito tempo na noite passada?

Assenti, bocejando.

– Eu cuidaria dela no apartamento e deixaria você dormir. Mas ficarei fora do jogo se faltar à aula.

– Eu sei. Vou dormir depois que Tawny a pegar. A boa notícia é que não trabalho esta noite.

Cage ligou o rádio e fomos até o apartamento em uma mudez confortável, ouvindo música.

MARCUS

Eu estava de pé desde que ouvi Cage sair. Era cedo demais para ele estar acordado, especialmente depois de ter chegado tão tarde na noite anterior. O que só podia significar uma coisa: Willow havia ligado para ele. Depois daquela noite, eu tinha a esperança de que ela passasse a me ligar. Pelo jeito, não.

Eu tinha acabado de preparar mais um bule de café quando a porta se abriu e Cage entrou. Em seus braços, uma menininha com cachinhos louros que balançavam com o movimento. Grandes olhos verdes, alegres e empolgados, percorreram o apartamento antes de pousarem em mim. Willow entrou atrás deles, carregando uma grande sacola cor-de-rosa com bolinhas, que largou no chão ao lado da porta. Ela estava usando um short minúsculo que parecia os que eu lembrava de ver as animadoras de torcida usando nos ensaios do ensino médio. Aquele short tinha o objetivo de enlouquecer os caras. O casaco com capuz azul que ela vestia tinha a inscrição HURRICANES BASEBALL na frente e era grande demais para ela. Eu já tinha visto Cage com ele mais de uma vez.

– Vou pegar a cadeirinha dela no carro e trazer para cá. Depois preciso me trocar e sair – disse Cage a Willow.

Ela cobriu a boca para abafar um bocejo. A noite passada não devia ter sido muito boa.

– Ok, obrigada – respondeu ela, então pegou a louninha que se agarrava à camiseta de Cage. – Vamos lá, Larissa, vamos tomar café da manhã. Cage precisa ir para a aula.

A louninha bateu no peito de Cage.

– Cay.

– Sim, esse é o Cage. Agora dê um beijo de despedida nele e venha comigo.

Ela se virou e deu um beijo muito estalado e molhado no rosto de Cage, de um jeito que parecia haver lambidas envolvidas.

Cage riu.

– Essa é uma boa maneira de começar o dia de um cara, Larissa.

Estendendo os bracinhos gorduchos, ela se atirou no colo de Willow.

– Bom dia, Marcus – disse Willow ao entrar na cozinha com a sobrinha.

– Noite ruim?

Ela deu de ombros e franziu um pouco a testa.

– Dá para dizer que sim. Larissa, este é o meu amigo Marcus. Ele mora com o Cage agora. – Ela olhou da menininha para mim. – Marcus, esta é a minha sobrinha, Larissa.

Larguei minha xícara de café e estendi a mão para segurar a mãozinha dela e cumprimentá-la.

– É um prazer conhecer você, Larissa.

Ela explodiu em risadinhas agudas e bateu palminhas quando soltei sua mão.

– Cuidado, ela adora paquerar – alertou Willow, indo até a mesa.

Observei-a colocar Larissa em uma cadeira e se agachar para ficar no nível do olhar da menininha.

– Posso fazer panquecas ou ovos. Se você quiser, aposto que Cage deixa você comer um pouco do Sucrilhos de chocolate dele.

Larissa assentiu alegremente.

– Tá bem, mas eu não vou fazer os três. Você precisa escolher um. Panquecas, ovos ou cereal.

Os olhos expressivos de Larissa cruzaram com os meus, e ela sorriu. A menina era encantadora.

– *Cedeal* do Cay.

Assenti e me levantei.

– Então será o cereal do Cage.

Os ombros de Low estavam caídos dentro do agasalho grande demais, e ela tinha olheiras. Não gostei de vê-la tão cansada.

– Pode deixar comigo. Sente-se com a Larissa e, se você se comportar direitinho, farei uma omelete.

Ela parou, inclinou a cabeça e me examinou.

– Por quê?

Diminuí a distância entre nós e passei levemente o polegar sobre os círculos escuros ao redor dos olhos dela.

– Porque você está exausta. Porque eu quero. Porque eu estou fazendo um esforço enorme para que você confie em mim.

A respiração dela ficou entrecortada e, naquele momento, tive vontade de esquecer que Cage estava no quarto e que havia uma bonequinha loura sentada em uma cadeira nos observando. Tudo o que eu queria fazer era beijá-la. Em vez disso, baixei a mão e dei um passo para trás.

– Ok – disse ela em voz baixa, quase um sussurro.

– Ótimo. Agora vá se sentar e me deixe servir um café para você.

Ela assentiu e obedientemente se acomodou ao lado de Larissa.

– Martus – disse a menina, batendo palmas com força.

Olhei para a mesa enquanto servia o café de Willow.

Ela estava sorrindo para mim.

– Acho que você ganhou a honra de Larissa ter acrescentado seu nome ao vocabulário limitado dela.

Então Larissa gostava de mim. Pisquei para ela, que deu outra risadinha, batendo palmas com as mãos gorduchas. Queria que a tia dela também fosse tão fácil de conquistar.

Abrindo a geladeira, peguei a garrafa de achocolatado que minha mãe havia mandado para mim junto com algumas compras no dia anterior. Pegando uma garrafinha squeeze do armário, servi um pouco e a levei até a mesa junto com a xícara de café de Willow.

– Aqui está, senhoritas. Café para a maravilhosa ruiva e achocolatado para a linda loura.

– *Chocoate! Lowlow! Chocoate!* – gritou Larissa animadamente.

Willow riu, olhou para mim e me presenteou com um sorriso largo.

– Obrigada.

Eu estava fazendo progresso. Voltei até a geladeira para preparar uma tigela de cereal e uma omelete.

– Low, posso pegar meu casaco ou você precisa dele? Não consigo encontrar minha jaqueta de couro.

Cage saiu do quarto, interrompendo meu momento com as meninas. Eu quase havia me esquecido de que ele ainda estava ali.

Willow se levantou e tirou o agasalho. Quase deixei os ovos caírem. Ela estava usando uma regatinha *cropped* preta justa que não chegava ao umbigo.

– Não, pode levar. Todas as minhas roupas limpas estão aqui.

Cage se aproximou dela e pegou o casaco, abaixando-se para lhe dar um beijo no rosto, em seguida dando a mesma atenção a Larissa.

– Muito bem, meninas, comportem-se. Larissa, não dê muito trabalho a Low, está bem?

Larissa olhou para Cage, sorrindo, mas não concordou com nada.

– Cuide-se – disse Low enquanto Cage ia até a porta.

– Sempre – respondeu ele, e saiu.

Não me permiti olhar novamente para Willow. Ela precisava colocar uma blusa. Uma que não deixasse à mostra aquela barriga lisinha e macia e o umbigo perfeito.

O telefone dela começou a tocar e ela resmungou:

– Finalmente.

Então se levantou e foi até a sala de estar antes de atender.

– *Onde você está?* Eu tinha aula hoje de manhã, Tawny. Você nem me ligou... Não, eu estou no apartamento do Cage... Porque não tinha nem leite na sua casa. Larissa estava com fome... Ela vai comer agora... Bom, quando você vai estar aqui? Eu estou exausta, Tawny... Que seja... *Não!* Tá, tá bem. Só, por favor, compre comida antes.

Willow grunhiu antes de voltar para a cozinha.

– Tawwy.

– Sim, era a sua mamãe. Lembre-se de que você a chama de “mamãe”, não de “Tawny”.

– Mama.

– Isso. Mama.

– Méda.

Engasguei com meu café e cuspi tudo em cima do balcão.

– Larissa, eu já falei que você não pode dizer essa palavra. É uma palavra muito, muito feia. Feia.

– Mama méda.

Willow soltou um suspiro alto e frustrado e cobriu o rosto com as duas mãos. Levei a tigela de cereal até a mesa.

– Sim, a mamãe falou essa palavra, mas não é legal. Menininhas bonitas não dizem essa palavra – começou a explicar Willow.

Deixando a tigela na frente de Larissa, eu me abaixei para poder olhar em seus olhos. Ela sorriu alegremente para mim, gostando da atenção.

– Eu gosto de princesas, Larissa. Você também gosta?

Ela assentiu e bateu palminhas.

– *Princesas.*

Perfeito.

– Sabe, as princesas não dizem essa palavra feia. Elas usam a palavra “caramba” em vez disso.

Larissa examinou minha boca por um instante, como se tentasse absorver aquilo. E então seus grandes olhos verdes se voltaram novamente para os meus.

– *Caamba.*

– Isso. “Caramba”. É uma palavra de princesa.

Larissa abriu um sorriso imenso e olhou para Willow.

– *Caamba!* – anunciou em voz alta.

Willow riu.

– É, “caramba” – respondeu ela, parecendo menos cansada.

Seus olhos encontraram os meus, ela me agradeceu com um movimento labial.

Assenti e sorri para ela antes de voltar para a cozinha a fim de preparar a melhor omelete do mundo.

Capítulo 8

WILLOW

Comi a última garfada da minha omelete. Estava deliciosa. Fiquei um pouco encabulada com o quanto pareci faminta depois do primeiro pedaço, mas Marcus ficou muito contente pela forma com que eu devorei o prato, então pensei *Dane-se* e aproveitei. Fazia tempo que Larissa havia terminado o cereal e o achocolatado. Naquele momento, estava sentada no chão com Marcus, enquanto ele empilhava os blocos para que ela pudesse derrubá-los mais uma vez. Ele gemia e fingia que aquilo era a pior coisa que ela podia fazer, derrubar os blocos dele, e ela ria ainda mais alto. Ele era um doce, sabia cozinhar, tinha jeito com crianças, era inteligente, tinha objetivos, era absolutamente perfeito. Sem dúvida seria um ótimo marido para alguma filha do *country club*. Esse pensamento me deixou com a sensação de ter engolido um tijolo.

Uma batida à porta interrompeu meus pensamentos sombrios e eu me levantei para atender. Tawny não podia já ter chegado. Ela tinha que fazer compras antes. Larissa precisava de comida.

Não era Tawny.

Do outro lado da porta havia duas garotas que pareciam a sócia do *country club* que eu estava visualizando como esposa de Marcus Hardy. Ambas eram louras e vestiam roupas que eu sabia que não haviam sido compradas em lojas de departamento ou em brechós. Uma era de longe a mais bonita. Ela era impressionante, com cachos louros compridos e olhos azuis emoldurados por cílios pretos espessos. Meu Deus, por favor, faça com que ela seja a irmã de Marcus. Era uma modelo perfeita.

– Oi, ahn, Willow, certo? – perguntou a garota menos intimidante.

Forcei um sorriso e assenti. Talvez elas estivessem ali atrás de Cage. Tinha que ser isso.

– Marcus está?

Meu estômago afundou.

– Oi, Amanda, está tudo bem? – disse Marcus, aparecendo por trás de mim,

perto o bastante para eu sentir o peito dele pressionando as minhas costas.

A menos intimidante deu um sorriso triste e encolheu os ombros.

– Sim, tanto quanto possível.

Droga. A maravilhosa não era irmã dele.

– Podemos entrar? – perguntou Amanda quando Marcus não abriu passagem.

Ele fez uma pausa e comecei a sentir uma *vibe* esquisita ali.

– Ahn, bom, hum, acho que sim.

Marcus se afastou e eu rapidamente me sentei no chão a fim de assumir a tarefa de entreter Larissa.

– Low, esta é minha irmã, Amanda.

Ele apontou para a garota que eu já tinha deduzido que era a irmã dele.

– Amanda, esta é Low.

– Muito prazer, Low.

Amanda me deu um sorriso amigável, então seus olhos se voltaram para Larissa, e eu pude ver o questionamento em sua expressão.

– E a princesinha ali derrubando blocos é Larissa, sobrinha de Low.

O alívio no rosto de Amanda foi evidente. Quase senti vontade de rir. Ela estava preocupada que eu tivesse um filho.

– Low, esta é minha amiga, Sadie.

A Srta. Perfeita era a dona da voz musical do dia anterior, na lavanderia. Incrível.

– Sadie, esta é Low.

Sadie deu um passo para a frente e se agachou para sorrir para mim e depois para Larissa.

– Então você gosta de derrubar blocos também, é?

Larissa fez que sim.

– Bom, eu tenho um irmãozinho em casa que acabou de descobrir quanto isso é divertido.

Larissa derrubou os blocos e se virou para sorrir para Sadie, como se tivesse entendido o que a garota tinha dito e quisesse se exhibir.

– Você é mesmo muito boa nisso – elogiou Sadie.

Ia ser muito difícil não gostar dela.

Marcus se aproximou e sentou no sofá bem atrás de mim. O pé dele ficou pressionado contra os meus quadris.

– Como está o Sam? Ainda um menino bonito?

Sadie riu, e sua voz na verdade me fez lembrar sininhos suaves. Argh!

– Sam está uma figura. E, sim, acho que ele está ficando mais bonito. Jax está determinado a transformá-lo em um jogador de beisebol. O menino tem 7

meses de idade e mais bolas e tacos de beisebol autografados do que um colecionador de verdade.

Jax... Sadie... por que esses nomes me diziam alguma coisa?

– Eu não poderia esperar nada menos do que isso. Jax Stone é o futuro cunhado dele.

Meu queixo caiu. Era ela. A garota. Aquela pela qual Jax Stone, o roqueiro mais sexy do mundo, havia se apaixonado naquele verão. Ah. Meu. Deus.

– Isso não quer dizer que ele precise mimá-lo – cantarolou Sadie como resposta.

Marcus começou a brincar com meus cabelos e me esqueci completamente da minha surpresa.

Comecei a empilhar os blocos novamente, esperando que ninguém percebesse meu rosto vermelho por conta da atenção de Marcus.

– Mamãe quer que a gente almoce com ela hoje. Quer conversar conosco sobre algumas coisas. Sadie me trouxe até aqui para podermos ir juntos. Ela está a caminho do aeroporto.

A mão de Marcus fez uma pausa por um instante, então voltou a enrolar os meus cabelos em seus dedos.

– Tá, tudo bem.

Arrisquei um olhar para Amanda, que observava Marcus brincar com meus cabelos com um sorriso divertido no rosto.

Marcus pigarreou.

– Você vai pegar alguém ou embarcar, Sadie?

Vi Sadie sorrir para Marcus. Era impossível aquele sorriso não afetá-lo. Esse pensamento me incomodou. Por mais idiota que pudesse parecer, me incomodou.

– Embarcar. Jax vai ser jurado convidado no *American Idol* esta noite. Depois vai voltar para cá amanhã para um show em Pensacola.

Caramba.

Marcus riu e passou um dedo pelo meu pescoço, me fazendo ficar arrepiada até os braços.

– Você está se adaptando bem à vida dele. Está vendo? Não havia nada com que se preocupar.

Sadie deu de ombros.

– Ele faz tudo valer a pena.

– *Eca!* Muito bem, pode parar com essa breguice – interrompeu Amanda.

Ficando de pé, ela se virou para Marcus.

– Vamos lá. Preciso passar no papai para pegar meu carro. Ele vai me dar um novo. Imagine só. Puxa-saco.

A mão de Marcus parou de repente e pude sentir a tensão se irradiando do corpo dele. Alguma coisa o havia incomodado. Era o fato de o pai dele dar um carro para a irmã? Ou porque ela havia chamado o pai deles de puxa-saco?

Sadie se levantou.

– Tenho que ir também. Prometi a Kane, o motorista que Jax insiste que me acompanhe, que estaria pronta para a decolagem às dez.

Ela olhou para mim.

– Foi muito bom conhecer você, Low.

Pude ver a sinceridade no rosto dela, e era impossível não gostar dela. Então Sadie lançou seu sorriso iluminado para Larissa.

– E foi maravilhoso conhecer você também, Larissa. Não é sempre que conheço princesas.

Larissa bateu palminhas alegremente ao ouvir a palavra “princesa”, sem dúvida.

– Boa sorte para vocês dois – disse Sadie, olhando de Marcus para Amanda.

– Obrigado – respondeu ele com um tom de voz tenso, ficando de pé atrás de mim.

– Obrigada por tudo. Vou sentir sua falta neste fim de semana, mas vou ver o programa hoje à noite, então acene para a câmera quando derem um *close* em você.

Amanda puxou Sadie para um abraço. Alguma coisa definitivamente estava acontecendo na família de Marcus, e eu podia apostar que o pai dele estava envolvido.

Amanda acompanhou Sadie até a porta, e então se virou para mim.

– Adorei conhecer você, Low. De verdade. Precisamos passar mais tempo juntas.

Eu simplesmente assenti, surpresa com o entusiasmo dela.

– Vou acompanhar Sadie e pegar as minhas coisas no Hummer. Encontro você na caminhonete – disse Amanda a Marcus com uma expressão estranha no rosto.

Era como se os dois estivessem tendo uma conversa sem palavras.

– Está bem – respondeu ele.

Depois que a porta se fechou atrás delas, estiquei as pernas e me levantei.

– Martus bincá – pediu Larissa.

– Não, querida, o Marcus não pode brincar agora. Ele precisa dar tchau.

– Tchau também – pediu ela, levantando os braços para cima como a rainha de Sabá.

Marcus riu, e pude sentir a tensão dele diminuir um pouco.

– Você faz com que seja muito difícil sair, princesa, mas eu preciso ir.

Vamos brincar juntos de novo. Prometo.

Larissa franziu o cenho, depois fez que sim, como se concordasse com isso, e voltou para seus blocos.

– Obrigada pelo café da manhã e pela ajuda com Larissa – falei, me levantando.

– Eu gostei de cada minuto.

Senti meu rosto corar de novo e mordi o lábio inferior para não ficar sorrindo feito uma idiota.

– Venha aqui, Low – sussurrou ele, estendendo o braço.

Segurei a minha mão e me puxou na direção dele até meu corpo estar pressionado contra o seu. Então colocou minha mão sobre o seu ombro antes de soltá-la para pousar na minha cintura.

A boca de Marcus Hardy estava na minha antes que eu absorvesse o fato de que estava tocando nele.

Os lábios dele eram quentes e suaves enquanto brincavam gentilmente contra os meus. Ele mordiscou meu lábio inferior, e eu arfei, abrindo a boca apenas o suficiente para ele deslizar a língua para dentro e começar a acariciar a minha. O gemido que deixei escapar foi como um sinal para meus braços se agarrarem a ele. As duas mãos de Marcus deixaram a minha cintura e seguraram meu rosto enquanto ele explorava minuciosamente minha boca. Ninguém nunca havia me beijado desse jeito. O sabor de menta do creme dental dele foi a coisa mais deliciosa que jamais havia tocado a minha língua. Juro. A mão direita dele deslizou pelo meu braço e passou pelas minhas costas nuas, puxando-me para ainda mais perto dele, enquanto ele continuava mordiscando e lambendo cada centímetro da minha boca. Lentamente, a mão esquerda dele deslizou pelo meu pescoço em uma carícia suave, parando logo abaixo da minha clavícula. Choringuei. Não consegui evitar. Sua mão grande e forte estava muito perto de cobrir meu seio. Interrompendo o beijo, Marcus respirou fundo e levou a mão até meu braço, aumentando um pouco a distância entre nós. Não consegui evitar a respiração errática. Não era experiente o bastante para manter minhas reações sob controle.

Os olhos dele cruzaram com os meus. A excitação em seu olhar melhorou um pouco a sensação de que eu me encontrava em um estado deplorável.

– Martus bezo – disse Larissa em voz alta, nos lembrando onde estávamos e que não estávamos sozinhos.

Soltei uma risadinha e olhei para Larissa, que fitava Marcus com expectativa.

Marcus soltou um suspiro dramático.

– As mulheres, todas me querem – provocou ele.

Então se abaixou e beijou Larissa no topo de seus cachos platinados.

– Tchau, tchau – disse Larissa, aparentemente satisfeita com o beijo.

– Tchau, tchau, princesa. A gente se vê de novo em breve.

Ele se levantou e me observou por um instante antes de passar o polegar pelo meu lábio inferior.

– Eu não acabei aqui. Estou só começando, Low. Mas não poderia ir embora sem esse beijo.

Meus joelhos pareciam feitos de gelatina. Como ele era romântico... Os caras não costumam falar comigo assim. Marcus Hardy tinha saído direto de um daqueles romances sentimentais que a minha mãe costumava ler.

– Está bem – foi tudo o que consegui dizer.

Juntar palavras agora seria impossível.

Marcus abaixou a mão e um sorrisinho sexy surgiu em seus lábios antes de ele sair.

Capítulo 9

MARCUS

– Você demorou – provocou Amanda quando entrei na caminhonete sorrindo feito um bobo.

– É, demorei.

– Ela é mesmo linda.

“Linda” não começava a descrever Willow. Ao vê-la sentada ao lado de Sadie, me dei conta de como Willow era mais sexy. Aquele cabelo cor de cobre, a pele clara e as curvas. Caramba, o corpo dela era muito, muito lindo.

– Ela está mais para deslumbrante – respondi, dando ré na caminhonete.

– Foi o que Sadie disse. Ela ficou muito animada a respeito de Low. Está feliz por você. Acho que estava preocupada que você ainda estivesse a fim dela.

Eu não era mais a fim de Sadie havia algum tempo. Minha atração por Willow apenas provava isso.

– Quer dizer, sei que Cage é um galinha completo, mas Preston disse que ele é, tipo, muito cuidadoso com Low. E também tem aquele probleminha de ele dizer que vai se casar com ela.

Segurei o volante com força, tentando controlar a reação violenta que essa lembrança me provocou. De jeito nenhum Willow se casaria com Cage. Eu não estava pronto para pedi-la em casamento ou algo assim – a gente ainda estava dando os primeiros passos no relacionamento –, mas sabia que ela era boa demais para Cage York. Claro, ele era legal com ela, mas como um irmão mais velho. Ele tratava Willow como eu tratava Amanda. Willow merecia muito mais na vida do que isso. Era inteligente, divertida, verdadeira, tão incrivelmente sexy... Não podia ficar na reserva, caramba.

– Os nós dos seus dedos estão ficando brancos – observou Amanda.

Relaxe os dedos e respirei fundo.

– Cage está confundindo as coisas. Low nunca vai se casar com ele. Ela mesma vai lhe dizer isso. Ela é especial.

– Assim como Sadie era especial?

Pensei por um instante, então respondi:

– É, como a Sadie, acho. Não vemos garotas como elas por aí. Acredite em mim, eu procurei. Elas são raras.

– Como eu disse antes, desta vez você não está enfrentando um astro do rock. Estou apostando em você.

Sorri, estendi a mão e apertei o joelho dela.

– E aí? Conte-me sobre esse carro que o papai vai dar para você.

Ela contraiu imediatamente o rosto, curvando os cantos da boca para baixo.

– Meu Jeep está dando defeito e o papai disse que é isso que acontece quando compramos carros inferiores.

Ela revirou os olhos.

– Enfim, ele vai me dar um carro que acabou de receber em uma troca. Um cupê esportivo ou algo assim. Acho que ele falou que é um 250CL... talvez. Não sei. Estou precisando de um carro e não posso comprar sozinha.

Claro que meu pai ia colocá-la em um Mercedes. Para o mundo ver que o Rei dos Mercedes tinha dado um carro para a filha. A mim ele não colocaria em um maldito Mercedes. Não havia nada de errado com a minha caminhonete Chevy. Eu a comprei com o meu dinheiro.

– Vai ser um carro seguro. Se for para Tuscaloosa no outono, vou gostar de saber que você está na estrada com um Mercedes cupê.

Amanda se remexeu no assento e limpou a garganta. Opa. Isso nunca era bom. Esses eram seus tiques nervosos.

– Ahn, quanto à faculdade. Sabe, Jamie e Hannah vão para Auburn.

– Ah, *não*! Amanda, por favor, diga que você está brincando.

– Deixe eu terminar, Marcus!

Eu não queria ouvir aquilo, mas deixei que ela continuasse.

– Como eu estava dizendo antes de você me interromper, Jamie e Hannah vão para Auburn. Jamie conseguiu uma bolsa de estudos como animadora de torcidas e o pai de Hannah é ex-aluno de Auburn, e eu quero ser veterinária. Você sabe que eu amo animais. É o que eu realmente quero fazer.

Isso não ia acontecer. Amanda se remexeu no assento antes de se virar para mim.

– Se você não fosse um fã inveterado do Alabama e alguém lhe perguntasse qual é a melhor faculdade do Alabama para quem quer fazer veterinária, o que você diria? Hein?

Soltei um suspiro frustrado.

– Auburn – resmunguei.

– Exatamente! E foi por isso que eu me candidatei... e fui aceita lá.

Puxa, que merda. Minha irmãzinha ia estudar na porcaria da Auburn.

– Quer dizer, eu poderia ter me inscrito em uma faculdade fora do estado e me mudar para longe de verdade.

Balancei a cabeça.

– Não, eu não iria querer isso.

– Foi o que pensei. Secretamente, eu ainda vou torcer pelo Alabama no Iron Bowl todos os anos, prometo.

Ainda em negação, decidi me concentrar naquele beijo com Low. Ele me deixava feliz. A escolha de faculdade da minha irmã, não.

Meu pai estava parado do lado de fora da concessionária quando chegamos. Ele era alto e estava em forma, com alguns fios grisalhos nos cabelos castanhos. Estava rindo, relaxado e parecia feliz. Por sua aparência jovial, não dava para dizer que estava destruindo a própria família. Isso parecia não incomodá-lo. Cerrando os dentes com força, guardei meus pensamentos. A última coisa de que Amanda precisava era me ouvir desabafar sobre o grande cretino que nosso pai era.

– Você vai sair? – perguntou ela, olhando para mim ao abrir a porta da caminhonete.

Balancei a cabeça.

– A gente se vê em casa daqui a pouco.

– Está bem.

A compreensão nos olhos dela me lembrou que eu não estava sozinho. Éramos um time.

Ela saiu da caminhonete. Meu pai começou a caminhar na minha direção. Pensei em dar o fora antes que ele chegasse à janela. Por Amanda, não fiz isso. Abri o vidro quando ele se aproximou.

– Marcus, você não vai sair para ver o carro da sua irmã?

A pergunta dele me irritou. Como se eu não me importasse com Amanda.

– Vou vê-lo em alguns minutos, na casa da minha mãe.

Isso o pegou desprevenido. Ele limpou a garganta e mudou de posição.

Continuei olhando furioso pela janela.

– No outro dia eu não estava preparado para o seu ataque verbal. Talvez eu tenha dito coisas que não deveria. Peço desculpas. Mas isso é entre sua mãe e eu. Vocês dois não precisam ficar no meio. Já são quase adultos.

Virei-me para ele e o olhei com fúria.

– Isso sempre vai me afetar. Minha mãe está desmoronando. Ela é minha mãe. A mulher que me dava sopa quando eu estava doente e cuidava de mim quando eu vomitava. Era ela quem fazia curativos nos meus joelhos ralados e me segurou enquanto eu levava pontos nos meus machucados. Ela lia histórias para eu dormir à noite. Você espera que eu simplesmente não me importe em vê-la

magoada? Meu Deus, você a está matando. Minha mãe e minha irmã são as únicas duas pessoas do mundo pelas quais eu daria a minha vida. Eu farei o que for preciso para elas ficarem felizes. Então, não, papai, isso não é apenas entre você e a mamãe. Quando a mamãe chora, a Amanda chora. E sou eu que preciso ir juntar os cacos da bagunça que você criou.

Parei de falar e respirei fundo, porque, no momento, eu sentia uma necessidade real de bater em alguma coisa, e o rosto do meu pai estava parecendo o lugar ideal.

– Eu não sabia que sua mãe andava compartilhando nossos problemas pessoais com vocês. Vou falar com ela sobre isso.

Abri a porta da caminhonete e fiquei frente a frente com meu pai. Nossos narizes estavam quase se tocando. Enfiei o dedo no peito dele com tanta força que sabia que devia estar doendo.

– Se chegar perto da minha mãe, eu vou quebrar todos os ossos do seu corpo, velho. Está me entendendo?

O rosto do meu pai ficou completamente vermelho. Pude ver a fúria e a surpresa em seus olhos. Eu o havia constrangido na frente dos funcionários. Se ele dissesse mais uma palavra, teriam que chamar uma ambulância para o chefe.

Afastando-me, voltei à caminhonete e saí, deixando marcas de pneu no belo estacionamento pavimentado dele.

WILLOW

Seria possível que, horas depois, meus lábios ainda formigassem por causa do beijo de Marcus? Certamente não. Devia ser coisa da minha cabeça. Recolhi a última colher que Larissa havia usado para bater nas panelas. Tawny finalmente tinha aparecido para buscá-la, agindo como se eu estivesse sendo inconveniente por pedir que ela fosse pegar a própria filha. Mas nem mesmo minha irmã maluca conseguiu tirar minha alegria. A lembrança do beijo de Marcus e do que ele disse me deixara flutuando em uma nuvem da qual ninguém conseguiria me derrubar.

Bocejando, decidi que estava na hora de tirar uma soneca, com todos aqueles pensamentos bons na cabeça. Olhando para o quarto de Cage, parei. Eu devia me deitar na cama dele? Queria fazer isso? Virei-me e olhei para o sofá. Era lá que eu queria dormir. Todas as minhas melhores lembranças de Marcus estavam naquela sala, naquele sofá ou perto dele. Eu certamente sonharia com Marcus se dormisse ali. Pegando um travesseiro da cama de Cage e um cobertor do armário, fui para o sofá para dormir um pouco e, com sorte, ter sonhos muito bons.

Dedos quentes acariciaram meus cabelos, percorrendo a lateral do meu rosto até minha clavícula, onde provocaram a pele sensível.

– Hummm – murmurei, me aninhando mais contra o calor que me segurava.

Eu estava tendo um ótimo sonho realista com Marcus. As mãos fortes voltaram para os meus cabelos e massagearam suavemente a minha cabeça. Ah, eu gostava disso. Como Marcus sabia fazer isso? Cage sempre massageava a minha cabeça. Ele sabia que era a minha fraqueza. Droga, Cage estava estragando o meu sonho. Naquele sonho devia haver apenas Marcus. Antes que eu ficasse muito chateada, a mão dele encontrou o caminho de volta para a minha clavícula. Ele estava me deixando maluca. Enfie a mão embaixo da minha blusa logo. Por favor. Eu estava pronta para implorar. Quando a mão dele começou a subir de novo, choraminguei:

– Marcus, por favor.

A mão parou. Abri os olhos e dei de cara com Cage.

– Você acabou de me chamar de Marcus?

Que ótimo. O que eu tinha feito? Não era assim que eu iria falar sobre a possibilidade “Marcus e eu” com Cage. Revirei os olhos e me sentei.

– Provavelmente. Eu estava sonhando, Cage. Não posso controlar o que digo quando estou dormindo.

Cage fez uma careta.

– Você estava sonhando com Marcus?

Dei de ombros.

Cage gemeu.

– Willow, nós já falamos sobre isso. Gata, ele não é como a gente. Ele sai com garotas ricas escolhidas pelos pais dele. Ele é exigente. Não se deixe magoar, por favor – suplicou ele.

Se qualquer outra pessoa dissesse que sair comigo era “não ser exigente”, eu teria reagido com um tapa. Mas aquele era Cage, que havia crescido na casa ao lado da minha. Ele salvara a minha vida. Ele podia. Era diferente vindo dele.

– Mais uma vez, foi só um sonho. Não tenho como controlar isso.

Cage se aproximou, diminuindo a distância entre nós.

– Você fica tão bonitinha dormindo... – murmurou ele, se inclinando para morder meu ombro.

– Pare com isso, Cage. Não comece. Se você precisa transar, vá para outro lugar.

Ele inclinou a cabeça, recostando-a no sofá.

– Eu só queria uma provinha, Low. Você está me matando.

Dei um tapinha na perna dele.

– Não, você só está com tesão, e eu estou disponível.

Cage riu.

– Você acha que me entende completamente, não é, amor?

– Eu sei que entendo você completamente. Você não pode me enganar, Cage. Sei que você morre de medo de aranhas e que chora toda vez que vê programas de reforma beneficentes na TV. Não tem nada a seu respeito que eu não saiba.

Cage levantou as sobrancelhas para mim.

– Você acha mesmo?

Ele se inclinou até eu sentir seu hálito quente na minha orelha. Surpreendentemente, não estava cheirando a uísque... ainda.

– Eu luto contra pensamentos de você nua, deitada na minha cama, com esses seus lindos cabelos ruivos cobrindo meu travesseiro.

– *Argh!* Cage!

Eu o empurrei para longe e me levantei.

– Muita informação, Cage. Eu não precisava saber disso.

Ele gargalhou.

– O que foi, gata? Você não pensa em mim quando coloca a mão dentro da calcinha para umas safadezas?

– Cage, CALA A BOCA! – gritei, enfiando os dedos nos ouvidos.

Ele enfiou o indicador na boca e lambeu. Juro, ele sabia ser muito nojento.

– No que você pensa, Low? Quando está curtindo lá embaixo?

Eu estava quase arrancando aquele sorriso idiota do rosto dele.

– Em primeiro lugar, eu não faço isso. E, em segundo lugar, você é um perverso. Agora vá transar e me deixe em paz.

Cage sentou e apoiou os cotovelos nos joelhos. Os olhos azul-bebê dele eram imensos e redondos.

– Você não faz isso, Low?

– Ah. Meu. Deus. Pode, por favor, parar com isso?!

Cage balançou a cabeça, sem conseguir acreditar.

– Você realmente não faz isso. Você nunca teve um orgasmo. Estou vendo isso no seu rosto. Ah, que merda.

– Cage, eu estou falando sério. Essa conversa...

Parei quando a porta se abriu e Marcus entrou no apartamento. Meu rosto ficou imediatamente vermelho. Eu sabia. A ideia de que ele pudesse ter escutado ainda que um pedaço minúsculo daquela conversa ridícula era humilhante.

– Marcus, cara, a gente estava falando justamente de você – disse Cage com um sorrisinho malicioso, levantando-se do sofá.

Não consegui esclarecer o cumprimento idiota de Cage. Em vez disso, me levantei e fiquei paralisada enquanto ele passava por mim, sussurrando:

– Lembre-se do que eu disse.

Eu não precisava que ele me lembrasse de que eu não era boa o bastante para Marcus. Já sabia disso. Mas o que ele não entendia era que Marcus não fazia ideia disso. E não seria eu a indicar isso a ele.

Dei um empurrão em Cage, e ele tropeçou e riu antes de ir para o quarto e fechar a porta atrás de si.

Marcus estava esperando que eu dissesse alguma coisa, mas eu não sabia o que dizer. Colocando os cabelos para trás da orelha, olhei para ele.

– Ahn, oi – consegui dizer.

Um sorrisinho sexy surgiu nos lábios dele, e tive a impressão de que iria derreter e me transformar em uma poça no chão. Se não fosse pela minha preocupação de que ele tivesse nos escutado antes de abrir a porta, eu estaria aproveitando completamente aquele sorriso.

– Você conseguiu dormir um pouco? – perguntou ele, se aproximando lentamente com um brilho determinado nos olhos.

Assenti.

– Acabei de acordar.

Ele passou a mão pelos meus cabelos e segurou minha nuca.

– Que bom – respondeu ele.

Marcus desceu o olhar pelo meu rosto, parando para examinar minha boca antes de seguir na direção do pescoço e dos ombros, então o peito, que subia e descia muito rápido.

– Saia comigo esta noite, Low. Podemos fazer o que você quiser: sair para jantar, dançar, caminhar pela praia, você escolhe. Apenas vamos juntos a algum lugar.

Engoli em seco e fiz que sim.

– Está bem – respondi, embora minha voz saísse como um sussurro estrangulado.

Um sorriso satisfeito se espalhou pelo rosto dele. Marcus fixou os olhos nos meus.

– Podemos fazer as três coisas. Eu levo você a algum lugar para comer. Algum lugar legal. Depois podemos ir dançar. Quero muito dançar com você. Então podemos terminar a nossa noite com uma caminhada pela praia.

Ah, nossa. Sim. Sim. Sim.

– Vou me arrumar e você faz a mesma coisa. Podemos nos encontrar aqui de novo em uma hora. É tempo suficiente?

– Sim.

Marcus afastou a mão do meu pescoço e deu um passo para trás. Então me dirigiu um último sorriso destruidor antes de desaparecer dentro do quarto dele.

Fantasiei ir atrás dele. Para vê-lo se trocar. Como seria ele sem camisa? A breve espiada que dei tinha me deixado com água na boca. Só podia imaginar como seria o resto.

– Low, onde você colocou meus jeans preferidos? – Cage quebrou o encanto.

Dei meia-volta e fui até o closet, onde havia pendurado os jeans dele. Aquele maluco não conseguia encontrar nada.

Tirei os jeans do cabide e entreguei a Cage.

– Bem debaixo do seu nariz.

– Obrigado, gata. Olhe só, tenho um encontro. Provavelmente vou voltar bem tarde. Você fica aqui. Depois do que aquela maldita Tawny fez com você hoje de manhã, quero você aqui.

Assenti. Ele vestiu os jeans, e eu voltei para o closet para encontrar as poucas coisas minhas que havia pendurado.

– Aonde você vai? – perguntou ele, enfiando as botas.

– Ainda não sei. Vou sair com uns amigos.

Não que eu não quisesse contar a ele a respeito de Marcus, porque eu queria muito, sim. Pensei em dizer: *Olhe aqui, acho que ele não concorda com você que só pessoas pouco exigentes saem comigo*, mas fiquei quieta. Se contasse a Cage, eu o deixaria preocupado. Possivelmente ele ficaria com ciúme. Eu nunca tinha certeza de como seria com ele. Mas queria que Cage ficasse fora a noite toda. Não queria que ele voltasse para casa e arruinasse a minha noite com Marcus. Então, fiquei de boca fechada.

Cage veio por trás de mim e passou os braços pela minha cintura.

– Cuide-se. Ligue se precisar de alguma coisa! E não beba demais.

– Vou ficar sóbria e chegar em casa cedo, deitada na cama em segurança – prometi.

Cage deu um beijo bem estalado na minha bochecha.

– Essa é a minha garota. – Ele me soltou e saiu de dentro do closet. – Estou indo. Se eu não aparecer até de manhã, não se preocupe.

Começou a caminhar na direção da porta enquanto eu saía do closet, e então parou.

– Mas me ligue se precisar.

– Prometo que vou ligar.

Ele sorriu para mim e depois finalmente saiu do quarto. Olhei para o relógio. Tinha ainda 45 minutos. Precisava me depilar e pintar as unhas dos pés. Depois de atirar algumas peças de roupa em cima da cama para escolher, peguei minha nécessaire e segui para o banheiro.

Capítulo 10

MARCUS

Ela parecia ter sido mergulhada em chocolate e, caramba, como eu queria dar uma mordida. A refeição que fizemos não abalou o apetite que Low despertara em mim com a roupa que estava usando naquela noite. Abri a porta da caminhonete para ela, mas não dei um passo para trás. Eu queria ajudá-la a descer. Deixar o corpo dela pressionar o meu enquanto saía do veículo foi quase suficiente para suprir minha necessidade de tocá-la. O vestido leve, curto e sedoso abraçava o peito dela, deixando à mostra um decote matador e uma cintura fina. Depois ele se abria nos quadris e flutuava até mais ou menos a metade das coxas. Passei a noite toda me perguntando se o vestido levantaria atrás se eu soprasse com força suficiente.

– Obrigada – sussurrou ela, olhando bem nos meus olhos enquanto seus pés tocavam o chão.

Eu sabia que aquele era o momento em que eu deveria soltá-la e recuar, mas não gostei da ideia. Em vez disso, mantive as mãos em sua cintura. As pontas dos meus polegares mal tocavam a parte de baixo dos seios dela e, caramba, a forma como ela arregalou os olhos diante daquele toque inocente me deixou aceso.

– Você me faz lembrar aqueles morangos cobertos de chocolate que comemos de sobremesa – admiti.

As bochechas dela ficaram com um belo tom de cor-de-rosa e um sorrisinho surgiu em seus lábios.

– Como assim?

– Bom... – Passei a mão pela lateral do corpo dela, cuidando para não tocar em seu seio, e depois percorri o decote baixo do vestido, mal roçando na pele macia logo acima. – Este vestido é da mesma cor daquele chocolate, e você parece absolutamente comestível dentro dele.

Ela mordeu o lábio inferior, me lembrando do beijo de mais cedo.

– Se eu beijar você agora, Low, não vamos conseguir entrar. Eu não confio

em mim mesmo. E quero muito dançar com você – sussurrei, dando um passo para trás, descendo a mão até a parte de baixo de suas costas e a encaminhando na direção da entrada. Pude sentir sua respiração acelerada na palma da minha mão.

Abri a porta do Hurricane Port. Sabia que Rock e o pessoal estariam ali. A Jackdown ia tocar naquela noite. Tive que decidir entre ficar com Low só para mim e ir dançar em Pensacola ou levá-la até ali, onde encontraria meus amigos. Decidi que queria que todos soubessem que estávamos saindo. Não queria nenhuma dúvida na cabeça de ninguém, especialmente na de Krit, de que ela não estava mais disponível. Talvez ainda não fôssemos exclusivos, mas eu sabia que, se todos a vissem comigo, Preston, Krit e até mesmo Dewayne pulariam fora. Se a declaração idiota de Cage não os afastara, a lealdade a mim faria isso.

– Quer ir sentar com todo mundo ou prefere uma mesa só para nós dois? – perguntei, me abaixando para que ela me ouvisse apesar do barulho.

– Para mim não faz diferença.

– Para mim também não. Pretendo manter você naquela pista de dança, nos meus braços, a maior parte da noite. Então não importa onde a gente sente.

Ela virou a cabeça, fazendo com que seus lábios quase roçassem nos meus. Seu hálito quente banhou minha boca e não consegui resistir. Deslizei meus lábios nos dela, lambendo seu lábio inferior exatamente como fantasiei fazer quando a vi comendo os morangos com chocolate. Imediatamente, ela abriu a boca para mim e sua língua tocou a minha cuidadosamente, até eu gemer e puxá-la para mais perto. Sua boca era mais doce do que qualquer coisa que eu jamais havia experimentado. Eu nunca havia fantasiado muito com beijos, mas os lábios de Willow eram carnudos, macios e sensuais demais. Após interromper o beijo, ela respirou longa e profundamente.

– Nossa – sussurrou ela, tirando o foco dos meus lábios para meus olhos. – Eu quero dançar com você também – explicou ela, sorrindo. – Só por isso parei.

Hummm... as covinhas dela eram lindas.

Sem conseguir tirar a expressão satisfeita do rosto, deslizei a mão pelas costas dela e a puxei contra mim enquanto íamos na direção do pessoal. Rock nos observava com um sorriso divertido no rosto. Ele evidentemente não havia perdido nosso beijo.

– Ora, ora, ora, vejam se não é o meu melhor amigo com a doce Willow – anunciou Rock, levantando sua caneca de chope pela metade.

– Caramba, cara, você praticamente comeu o rosto dela ali atrás – provocou Preston.

– Eu quero só ver quando alguém contar ao Cage – cantarolou Dewayne.

– Oi para vocês também.

Lancei um olhar furioso de alerta para todos. Não queria que mencionassem o nome de Cage.

– Adoraria ficar por perto para ouvir mais dos comentários sem noção de vocês, mas prefiro dançar com a Low.

– Ai, essa doeu! – berrou Preston às minhas costas enquanto eu levava Willow para a pista de dança.

Aninhando-a em meus braços, abri caminho entre a multidão até estarmos em um lugar central e bem fora do campo de visão da mesa.

Low se virou, sorrindo para mim quando paramos, e começou a se mexer no ritmo da música. Levei um instante para me juntar a ela. A visão de todo aquele cabelo ruivo caindo sobre seus ombros conforme seus quadris acompanhavam a batida da música, com o tecido leve do vestido deslizando por suas coxas, prejudicava minha capacidade de concentração. Low não estava tensa como eu. Na verdade, ela parecia mais relaxada ali do que durante toda a noite. Ali era o lugar dela. Ela gostava de dançar. Mais uma coisa para guardar na memória. Coloquei a mão em seu quadril e a puxei para mais perto. Se ela ia ficar se mexendo daquele jeito, eu queria colher os benefícios. Ela veio até mim satisfeita, passando a mão no meu braço enquanto levantava o outro braço acima da cabeça e rebolava. Talvez eu não fosse conseguir ficar ali por muito tempo antes de jogá-la na parede vazia mais próxima.

WILLOW

Dançar era libertador e excitante. Com as mãos de Marcus Hardy no meu corpo, talvez fosse a minha atividade preferida no mundo. Eu estava completamente solta e ele parecia se divertir tanto quanto eu. Eu não entendia muito de preliminares sexuais. Mas dançar... isso eu sabia fazer. Virando-me nos braços dele, pressionei as costas contra o seu peito e passei os braços pelo seu pescoço. Remexendo o traseiro contra ele, senti o roçar de sua ereção na minha lombar. Ah. Isso era novo. Ele não pareceu se importar com o fato de que eu evidentemente estava sentindo aquilo. Continuei me remexendo, fechando os olhos e deitando a cabeça de novo em seu peito. Isso ia povoar meus sonhos. Os dedos dele se abriram na minha cintura, e um atravessou lentamente a minha barriga, descendo de novo, passando para o meu quadril e chegando à altura da minha calcinha. Tudo bem. Nossa. Pude sentir meu corpo começar a tremer um pouco. Não sabia bem por quê, mas gostei daquela sensação. O segundo tremor fez com que Marcus parasse e as mãos dele agarraram minha cintura com força.

– Low, eu preciso de uma bebida. *Agora.*

Eu não sabia ao certo o que havia provocado aquilo e não queria parar o

que estávamos fazendo. Era incrível. Mas assenti e deixei que ele me levasse de volta para a mesa, onde apenas Preston e Dewayne estavam bebendo.

– Você quer alguma coisa? – perguntou Marcus.

A voz dele parecia um pouco irritada. Tentei pensar no que estávamos fazendo na pista de dança. Será que eu o havia incomodado?

– Uma Coca, por favor.

Ele aquiesceu e apertou a minha cintura antes de me deixar ali com Preston e Dewayne.

Desanimada, afundei na cadeira mais próxima. Eu claramente havia feito alguma coisa para que ele desistisse de dançar comigo.

– E então, me conte, Low, o Cage sabe que você saiu com o Marcus? – perguntou Preston.

Frustrada pela obsessão das pessoas em falar do Cage, lancei um olhar exasperado para ele.

– Não, e isso não é da conta dele.

Dewayne soltou um assobio baixinho.

– Aposto como ele não concordaria com isso, gata.

Dando de ombros, abandonei os dois e suas perguntas enxeridas e saí para procurar por Marcus. Encontrei Jess primeiro. Então vi Marcus encostado no bar, conversando com ela, que estava evidentemente flertando. O sorriso de Marcus denunciava que ele gostava disso. O cara tenso que tinha me deixado ali havia desaparecido. Ele parecia relaxado na companhia de Jess. De repente, os ombros dela caíram, e ela enxugou o rosto com a mão. A mulher estava chorando? Marcus se endireitou, então se inclinou para a frente e deu um abraço nela. Lembrei a mim mesma que Jess era prima de Rock e tinha acabado de passar por uma separação ruim. Ou seja, Marcus estava apenas reconfortando-a. Respirando lentamente, me forcei a vencer o nó no estômago. Marcus recuou do abraço, virou a cabeça na direção do bar e disse alguma coisa ao barman. Então, pegou a mão de Jess, que o levou para o meio das pessoas. Para longe de mim. Aquilo não estava acontecendo. O alerta de Cage voltou para me assombrar. Acho que Marcus estava cansado de não ser exigente. Encolhendo-me ao pensar nisso, me levantei.

– Tudo bem?

A voz de Preston interrompeu meus pensamentos, trazendo-me de volta à mesa, onde eu tinha sido abandonada pelo meu acompanhante.

Respirei fundo e assenti, forçando um sorriso. Não ia deixar que me vissem chorando. Ninguém ficaria sabendo que aquilo havia me magoado. Isso não me constrangeria. Eu não ia permitir que Marcus Hardy me humilhasse.

– Está quente aqui. Vou tomar um pouco de ar fresco – respondi.

– Da última vez que falou isso, você desapareceu – observou Dewayne.

– Tenho quase certeza de que o que você viu não é o que parece.

A preocupação estava evidente na voz de Preston.

– Não tem problema se for. Só porque ele veio comigo, não significa que precise ir embora comigo. Eu cresci com Cage. Estou acostumada com esse comportamento.

Tentei fazer minha voz soar leve e indiferente.

– Marcus não tem nada a ver com Cage – respondeu Dewayne.

Eu queria acreditar nisso também, mas, naquele momento, só pensava em ir embora. Como não tinha o que dizer, saí.

Apenas dois dias depois, lá estava eu de novo. Outro bar, sozinha do lado de fora porque a mesma loura linda havia roubado o meu carinha. Bom, da última vez tecnicamente ele não era o meu carinha, mas estava me paquerando. Olhei para o vestido que eu tinha demorado vinte minutos passando porque estava dobrado no fundo da minha mala fazia meses. Nunca havia um motivo para vesti-lo. O cara que me ajudara a sair da caminhonete parecia gostar mesmo de mim. Só de mim. Meus olhos começaram a se encher de lágrimas, embora eu lutasse contra elas. Não ia fazer isso ali. Tinha orgulho. Meu celular estava dentro da bolsa, na caminhonete de Marcus. Não queria lidar com meu telefone enquanto estivesse dançando. Não havia onde guardar nada naquele vestido. Ligar para Cage era impossível. O que provavelmente era bom. A última coisa que eu queria era Cage com raiva de Marcus. Mal havíamos tido um encontro de verdade.

Abaixei-me para abrir as tiras nos tornozelos, então tirei os sapatos de salto e atravessei a rua. Se eu ia caminhar os 3 quilômetros de volta a pé, era melhor ir pela praia. Era melhor pisar descalça na areia do que no asfalto. Além disso, se lágrimas rolassem pelo meu rosto na praia escura, ninguém veria.

Capítulo 11

MARCUS

– Jess, eu não estou vendo ninguém. Acho que você bebeu demais.

Ela cruzou os braços estrategicamente embaixo dos seios e fez beicinho. Eu estava começando a achar que havia sido enganado, e isso me irritou. Quando Jess foi me pedir ajuda para chegar ao carro lá fora, eu falei para ela procurar Rock. Mas ela comentou que não estava conseguindo encontrá-lo e que havia dois vira-latas enormes bloqueando seu caminho até o carro. Deixar Willow com Preston me incomodava. Ela estava muito excitada com a nossa dança. Tão excitada que eu precisei colocar uma distância entre nós para conseguir pensar direito. Willow começara a estremecer nos meus braços quando passei as mãos pela parte de cima das suas coxas, e achei que estava imaginando coisas. Mas então ela estremeceu de novo. Por Deus, ninguém além de mim iria testemunhar o orgasmo dela. Meu coração estava batendo tão forte que parecia prestes a saltar fora do peito, e eu estava tão duro que tinha quase certeza de que teria sofrido danos permanentes se não tivesse saído daquela pista de dança e me acalmado.

Jess fora a distração de que eu precisava para perder a ereção e recuperar o fôlego. Lidar com vira-latas clarearia a minha mente. Assim eu poderia voltar e levar Willow para aquela caminhada na praia que lhe havia prometido. Queria que a noite fosse especial. Levantar aquele vestidinho e deslizar as mãos por entre as pernas dela definitivamente não estava nos meus planos. Ainda mais levando em consideração que ela devia ser bastante inexperiente para chegar a um orgasmo com apenas alguns toques. Devagar, Marcus. Eu precisava ir mais devagar.

– Bom, tudo bem, então. Acho que você pode voltar para a sua garota lá dentro – resmungou Jess.

– Pois é, acho que você está segura – respondi, e voltei pela porta dos fundos.

A história do cachorro era mentira. Disso eu tinha certeza. Pelo menos eu

não estava mais completamente duro. Parei no bar e peguei nossas bebidas, depois segui para a mesa. Preston e Dewayne estavam sozinhos, e as expressões sérias deles me deixaram em alerta.

Ah, *INFERNO*, não!

Eu sou um idiota.

Colocando as bebidas com força em cima da mesa, examinei os rostos dos dois e soube. Sem perguntar, eu soube.

– Quando ela saiu? – consegui dizer apesar do nó no meu estômago.

– Logo depois que você saiu de mãos dadas com a Jess – respondeu Preston.

– Ela falou que ia tomar um pouco de ar, mas todos sabemos que isso quer dizer que ela ia dar no pé – disparou Dewayne.

– Por que vocês *não fizeram nada*?

Eu mal estava conseguindo conter o rugido no meu peito.

Preston deu de ombros, parecendo lamentar um pouco.

– Eu fiz, cara. Eu disse a ela que provavelmente não era o que parecia.

– “Provavelmente não era o que parecia”? Sério, Preston? Isso foi o melhor em que você pensou?

– Ei, não rosne para mim. Você foi idiota o bastante para se afastar com Jess depois de quase fazer sexo com a Low na pista de dança.

Eu queria vomitar.

Caminhei a passos largos até a porta, querendo desesperadamente correr. Será que ela ligara para Cage? Para salvá-la de mim? Abrindo a porta, saí para um estacionamento cheio de carros, mas sem ninguém. Sem Willow.

Por que eu não contei a ela o que ia fazer? Será que ela não percebeu que eu estava fazendo todo o possível para não encontrar um canto vazio e percorrer todo o corpo dela com as mãos e a língua? Como ela pôde pensar que eu a trocaria por outra? Eu não havia deixado claro meu interesse por ela?

Abri a porta da caminhonete e meus olhos pousaram na bolsa de Low no assento do carona. O telefone. Peguei a bolsinha vermelha que combinava com os sapatos vermelhos de salto dela. O celular dela estava dentro. Tirei-o de lá. Uma mensagem de texto de Cage:

Indo para Destin esta noite, gata. Devo voltar de manhã em algum momento. Me mande uma mensagem quando chegar em casa.

Largando a bolsa, liguei a caminhonete e saí do estacionamento. Ela teria que caminhar até em casa. Usando aqueles saltos enormes. No escuro. Com a aparência mais sexy do planeta. Meu coração batia furiosamente no peito por outros motivos agora. Por favor, Deus, faça com que ela esteja bem.

Voltei lentamente para o apartamento, procurando por Willow nas calçadas

escuras. Não havia sinal dela quando finalmente parei na garagem. Ela não podia ter ido a pé para casa. Não dava tempo. Ou ela estava ali e alguém havia lhe dado uma carona ou... Balancei a cabeça. Não queria pensar no “ou”. Eu já estava começando a entrar em pânico. Não podia pensar daquela maneira. Precisava manter a cabeça no lugar. Subi correndo as escadas e abri a porta de um apartamento muito escuro e silencioso.

– Willow!

Corri até o quarto de Cage, mas a cama estava vazia. Ela não estava ali. Dei meia-volta, em pânico. Onde ela poderia estar? Eu a havia perdido. Tive um encontro com ela e a perdi. Não consegui cuidar dela nem por uma noite. Minha cabeça martelava no ritmo do meu coração. Eu ia voltar e parar pessoas no caminho. Talvez alguém a tivesse visto. Talvez ela houvesse conseguido uma carona com alguém que precisava ir a algum outro lugar antes. Alguém devia ter visto alguma coisa. Voltei correndo para a porta, que escancarei, e desci a escada dois degraus por vez. Eu iria encontrá-la. Precisava encontrá-la.

– Marcus?

Parei e me virei para ver Willow caminhando pela praia com os sapatos de salto pendurados nas mãos. Saí correndo na direção dela. Ela estava ali. Estava a salvo. Ninguém a havia machucado. Tive apenas um instante para olhar para seus grandes e expressivos olhos verdes cheios de surpresa antes de envolvê-la nos braços.

– Você está bem – declarei, registrando a informação em meu cérebro.

– Estou – respondeu ela com uma voz hesitante.

Passei as mãos pelos cabelos dela, precisando senti-la. Queria saber que ela era real e estava ali. Levei um instante para me dar conta de que as mãos dela haviam se colocado entre nossos corpos e que ela estava me empurrando. Soltando-a, dei um passo para trás.

A expressão doce que sorrira para mim mais cedo havia desaparecido. Fora substituída por um olhar furioso. E seu rosto estava coberto de lágrimas. Por que ela estivera chorando? Ah. Eu tinha me esquecido por que ela havia saído: Jess.

– Low, escute. Você não...

– Não, Marcus. Escute você. Entendo que posso não ser o tipo de garota com quem você costuma sair. Não frequento o círculo social da sua família e, bom, vamos ser francos, eu não tenho exatamente o corpo de uma modelo. Mas eu tenho sentimentos. Sou provavelmente muito mais sensível do que as mulheres exuberantes com quem você desfila. Se você quer sair com outra garota, pelo menos avise aquela com quem você estava e encontre alguém para levá-la para casa. Não a deixe lá parecendo uma idiota. Isso não é legal!

Ela passou por mim com um empurrão e subiu a escada pisando duro.

Fiquei parado, atônito, olhando para ela.

– Low – chamei, correndo atrás dela.

Ela parou e se virou lentamente.

– O que foi?

– Eu jamais deixaria você. Por ninguém. Eu fui um idiota. Cometi um erro.

Devia ter contado a você sobre os cachorros e sobre ajudar Jess a chegar ao carro dela. Mas, sinceramente, eu só estava pensando que seria uma distração, e estava precisando muito de uma distração, porque você tinha me deixado tão excitado que eu mal conseguia caminhar.

Respirando fundo, esperei enquanto ela considerava a minha explicação. Eu ia continuar implorando se fosse preciso. E não me oporia a ficar de joelhos se isso a fizesse acreditar em mim.

– Cachorros?

Tive vontade de rir de alívio.

– Sim. Cachorros vira-latas estavam bloqueando o caminho de Jess da porta dos fundos até o carro dela. Ela não estava conseguindo encontrar o Rock. Eu não teria ido ajudá-la se não precisasse de um pouco mais de tempo antes de voltar para perto de você.

Ela franziu levemente o cenho.

– Quando você diz “excitado”...?

Ela fez uma pausa.

– Quero dizer *duro como pedra*, Low.

Um sorrisinho atravessou seu rosto. Não esperei que ela dissesse mais nada. Aproximei-me e agarrei seu rosto antes de apertar minha boca contra a sua. Ela emitiu um gemido de surpresa, mas então suas mãos percorreram meus braços e agarraram meus ombros. Era mais difícil alcançá-la de pés descalços. Aqueles saltos haviam ajudado muito mais cedo. Abaixando-me, agarrei sua cintura e a peguei no colo até ela enroscar as pernas nos meus quadris. Ah. Sim.

WILLOW

Percebi que Marcus estava abrindo a porta e entrando de costas no apartamento escuro. Estava tão perdida no beijo que não me dei conta de que ele havia subido a escada comigo no colo. Abri os olhos por tempo suficiente para vê-lo chegar ao sofá e afundar nas almofadas comigo montada nele. Recuando, ele me encarou com atenção.

– Vamos precisar parar logo. Estou quase no meu limite.

A voz dele estava rouca.

– Limite? – perguntei, antes de beijar várias vezes o maxilar e o pescoço

dele.

– Ah, o meu limite, Low. Você sabe.

Ele estava com dificuldade para falar, e isso me fez sentir incrível. Tomando coragem, coloquei a língua para fora e lambi o pescoço dele. Marcus era tão cheiroso... Gemendo, ele se mexeu embaixo de mim até sua ereção estar pressionada contra minha calcinha. A sensação foi demais, e eu gemi de choque e prazer.

– E aí está o meu limite – disse Marcus, me empurrando para longe e se levantando.

Comecei a achar que havia feito alguma coisa errada de novo, mas, pela maneira como ele estava respirando, como se tivesse acabado de correr uma maratona, imaginei que devia ser bom.

– Qual é o problema? – perguntei, olhando fixamente para Marcus, querendo que ele simplesmente voltasse.

Eu havia descoberto algo de que realmente gostava.

Marcus fechou os olhos com força e soltou um gemido alto.

– Low, gata, por favor, arrume seu vestido – implorou.

Olhando para baixo, percebi que meu vestido tinha subido até a minha cintura.

– Opa – falei, rindo e endireitando a roupa.

Marcus soltou uma risadinha e encontrou meu olhar questionador.

– Low, esta noite foi incrível. Exceto pela parte em que eu a magoei e você saiu correndo e me deixou morto de preocupação. Estar com você é incrível. Eu quero fazer isso de novo. Amanhã. E no dia seguinte.

Dei risada. Ele sorriu e continuou:

– Você entendeu. Mas tem um problema. Eu não quero ir rápido demais com você. E vou precisar trabalhar nisso, porque estou acostumado a ir muito rápido.

Então por que ir devagar comigo? Franzindo o cenho, eu me levantei. Sem a ajuda dos saltos, eu mal chegava aos ombros dele. Todos os meus sapatos tinham salto porque eu gostava de me sentir um pouco mais alta.

– Eu não pedi para você ir devagar.

Ele esfregou o rosto, passou a mão pelos cabelos e soltou uma risada estranha e tensa.

– Eu sei. Mas eu quero ir devagar. Você é diferente. E, se é como eu suponho, é muito inexperiente.

Meu rosto ficou quente. É claro que ele iria perceber como eu era desajeitada. Meus beijos não deviam ser como os das outras garotas.

– Não, Low, você não está me entendendo. – Ele estendeu a mão para me

tocar, mas parou. – Ninguém, ninguém mesmo, jamais me deixou tão excitado só com beijos. Você é perfeita. Tudo em você é perfeito.

Bom, isso fez com que eu me sentisse melhor. Fez com que eu me sentisse poderosa. Gostei daquilo.

Dei um passo na direção de Marcus, e ele riu baixinho.

– Não me provoque, Low – pediu ele.

Fazendo beicinho, franzi a testa para ele.

– Ok, tudo bem. Vou deixar você sozinho.

Dei a volta e segui para o quarto de Cage.

– Low?

Virei ao ouvir a voz dele.

– Sim?

Ele parecia inseguro e nervoso. Isso me deu vontade de abraçá-lo e garantir que estava tudo bem.

– Você pode... Quero dizer, se eu... – Ele fez uma pausa e respirou fundo. – Se eu dormir aqui no sofá, você, por favor, pode dormir na minha cama?

Eu não estava esperando por isso.

– Por quê?

– Porque eu não vou conseguir dormir sabendo que você está na cama do Cage.

A simples explicação dele arrepiou meu corpo inteiro.

– Está bem – respondi, sem conseguir tirar o sorriso bobo do rosto.

Ele soltou o ar como se estivesse prendendo a respiração.

– Obrigado.

Sorri e dei de ombros.

– De nada.

– Mas eu preciso entrar ali para pegar o meu pijama – expliquei.

– Pegue todas as suas roupas.

Gargalhei.

– Marcus, você não pode simplesmente se mudar para o sofá. Isso não seria justo. Você tem uma ótima cama confortável no seu quarto. Você não deveria dormir no sofá.

– Então durma. Apenas durma. Comigo, na minha cama. É o que você faz com Cage agora, certo?

– Sim, mas eu não sinto atração por Cage.

– Vamos dar um jeito nisso. Só, por favor, passe as suas coisas para o meu quarto.

– Então nós vamos morar juntos? Você percebe o que isso significa, né? Na realidade, isso é ir *muito* rápido.

Marcus franziu o cenho e olhou de novo para o sofá.

– Você tem razão. Está bem. Vou dormir no sofá por enquanto. Depois... quando estivermos prontos, eu passo para a cama.

– Tem certeza disso? – perguntei.

– Sim. Eu quero ver aonde isso vai dar conosco e não posso ir adiante com você dormindo na cama do Cage todas as noites. Eu quero você aqui. Mas não com o Cage.

Com uma explicação dessas, como eu poderia dizer não?

Capítulo 12

MARCUS

Eu ainda não havia pensado no que ia dizer a Cage. Quando vi que Willow ia na direção do quarto dele, meu estômago se revirou. Não podia deixar que ela dormisse na cama dele. Eu tinha muito ciúme do relacionamento deles.

Parado à porta do meu quarto com a minha dose matinal de cafeína, fiquei olhando-a dormir. Ela estava bem no meio da minha cama *queen-size*, aconchegada em posição fetal. Tudo o que eu conseguia ver eram aqueles cabelos espalhados nos meus travesseiros. A imagem me fez pensar em chamas. Sempre gostei de observar o fogo. E tinha certeza de que sempre adoraria ver Willow dormir. A ideia de que, quando acordasse, ela estaria aquecida pelos meus lençóis e de que se vestiria no meu quarto fazia valer a pena a briga que eu estava prestes a ter assim que Cage chegasse em casa.

Havia a possibilidade de que ele ficasse tão furioso a ponto de me expulsar do apartamento. Mas eu contava que Willow ameaçasse ir embora comigo, e sabia, sem sombra de dúvida, que Cage não deixaria isso acontecer. Ele podia ficar chateado, mas não a perderia. Ele suportaria qualquer coisa para mantê-la por perto.

Eu não entendia nem um pouco aquele relacionamento. Em um minuto, ele parecia um cara apaixonado ao lado dela. No instante seguinte, agia como um irmão. Eu não gostava disso. Ele não era irmão dela. Queria que se afastasse. Cage não a valorizava o suficiente. Eu, sim, e muito.

Low começou a esticar as pernas e ouvi um gemido baixinho vindo da cama. Fiquei olhando, fascinado, enquanto ela levantava os braços acima da cabeça. Finalmente, seu rosto apareceu fora das cobertas. As mãozinhas de unhas pintadas esfregaram os olhos, e ela bocejou antes de abri-los e me encarar. Um sorriso sonolento surgiu. Eu não ia conseguir dormir no sofá por muito tempo. Disso eu tinha certeza absoluta.

– Bom dia – falei, afastando-me da soleira da porta em que estava recostado e indo até a cama.

Ela se sentou.

– Bom dia – respondeu Low, a voz ainda grogue de sono.

Sentei na beirada do colchão.

– Dormiu bem?

Sorrindo, ela assentiu e pegou meu café. Fiquei observando enquanto ela levava a xícara aos lábios para tomar um gole.

– Você gosta de café puro? – perguntei.

Ela deu de ombros.

– Prefiro com açúcar e creme, mas você fez parecer tão bom que me deu vontade de tomar um gole.

– E está tão bom quanto eu fiz parecer?

Willow franziu o nariz.

– Não.

Rindo, peguei minha xícara de volta.

– Vou preparar uma xícara do jeito que você gosta.

Comecei a me levantar, e a mão dela agarrou meu braço, me fazendo parar.

– Espere, ahn... Precisamos falar sobre o Cage antes que ele volte.

Eu não queria conversar sobre Cage. Eu ia lidar com ele. Sozinho.

– Vou falar com o Cage.

Ela balançou a cabeça.

– Não, não acho que seja uma boa ideia. Eu preciso falar com ele sozinha. Ele vai ficar com raiva de você, e possivelmente vai querer bater em você. Ele não vai me machucar. Vai me ouvir. Eu posso fazê-lo entender o que aconteceu.

A ideia de Willow e Cage enfiados no quarto dele por qualquer período de tempo me incomodava. Eu não ia deixar que ela fizesse isso sozinha. Com a mão livre, cobri a mão que ela tinha colocado no meu braço.

– Low, fui eu que comecei isso. Não me afastei quando Cage me alertou. Ele é o meu colega de apartamento, e eu devo isso a ele. Vou fazer com que me ouça. E se ele me der um soco, eu posso aguentar. Só porque eu não cresci em um bairro difícil, não quer dizer que eu não saiba me defender.

Mordiscando o lábio inferior com nervosismo, ela passou os dedos pelos cabelos desordenados. Low não queria discutir comigo. Dava para ver na expressão preocupada dela. Fiquei de pé, então me abaixei e passei o dedo sob seu queixo, erguendo seu rosto na direção do meu.

– Confie em mim – pedi, beijando-a na boca antes de sair do quarto.

Se eu tivesse sorte, ela estaria no banho quando Cage chegasse. Preferia que ela não estivesse presente quando eu conversasse com ele.

WILLOW

Eu precisava desesperadamente de uma ducha, mas queria estar vestida e pronta quando Cage estivesse de volta. Peguei o telefone para conferir a hora. Sabia que ele chegaria em breve. Cage não era de ficar muito tempo na manhã seguinte.

Abri minha mala e peguei um short e a minha camiseta vintage do Banned Rape do Guns N' Roses de 1987. Eu tinha uma queda por camisetas vintage de bandas de rock. Sempre que via uma em um brechó, ficava toda empolgada. Mas aquela não era um achado: Cage a havia comprado no eBay como presente no meu aniversário no ano anterior. Eu queria tentar diminuir a raiva dele. Pensei que usar essa camiseta poderia ajudar. Escovei os cabelos rapidamente e fiz uma trança lateral. Até conseguir lavá-los, iam ter que ficar assim.

No instante em que abri a porta do quarto, ouvi o barulho das chaves na entrada do apartamento. Meu nervosismo atingiu um nível sem precedentes quando Cage entrou, parecendo totalmente de ressaca. Nossos olhares se cruzaram, e ele começou a sorrir, mas seu sorriso desapareceu quase imediatamente. Eu estava parada diante do quarto de Marcus. Não foi um detalhe que Cage deixou passar.

– Bom dia, Cage – falei, forçando um sorriso.

Os olhos vermelhos dele desviaram de mim e encontraram Marcus saindo da cozinha com a minha xícara de café.

– Bom dia. – Marcus fez um aceno de cabeça para Cage ao passar por ele e levar meu café.

Peguei depressa a xícara das mãos dele, com medo de que Cage pudesse saltar sobre Marcus e queimá-lo com o meu café. Mantive os olhos grudados em Cage. Se ele fizesse qualquer movimento súbito, eu o impediria.

– Low, que *porra* é essa?

Encolhi-me com o tom furioso na voz dele.

Passando por Marcus, coloquei-me na frente dele, sabendo que Cage não iria me machucar.

– Cage, nós dois precisamos conversar. Por favor, não faça nada drástico. Se quiser, eu vou embora.

A mágoa que apareceu nos olhos azuis dele doeu em mim. Eu não gostava de feri-lo. Além de Larissa, Cage era a única outra pessoa que eu havia amado na vida. Magoá-lo era como magoar a mim mesma. Ele pigarreou e lançou um olhar furioso para Marcus.

– Você não conseguiu ficar longe da maldita calcinha dela, não é, Marcus? Eu avisei que ela era minha.

Marcus ficou tenso atrás de mim e começou a se mexer, e eu o acompanhei. Não ia deixá-lo chegar perto de Cage sem que eu estivesse no meio. As mãos

dele seguraram meus ombros. Esperei que tentasse me tirar da sua frente, mas ele não fez isso.

– Eu não estive na calcinha dela, Cage. Você conhece a Low melhor do que isso. Cuidado com o que diz.

Cage deu um passo na nossa direção, fechando e abrindo o punho, sem desviar os olhos de Marcus por um instante.

– Você não a *conhece*, porra! Você é só um garoto bonito com dinheiro do papai. Você vai usá-la e ir embora. Ela não vai suportar isso. Por que não fica longe, como eu mandei?

Dessa vez, Marcus me passou para o lado.

– Você não sabe nada a meu respeito. Desde que me formei na escola, não usei um centavo do dinheiro do meu pai. Eu banco os meus gastos. E jamais a magoaria. Você espera que ela fique sentada esperando você parar de comer todo o estado do Alabama? Isso é maluco e egoísta, Cage. Se realmente se importa com ela, vai deixar que faça suas próprias escolhas.

Marcus não gritou nenhuma vez, mas sua voz estava dura e, em alguns momentos, soou letal. Larguei minha xícara em cima da mesa e me preparei para saltar entre eles se Cage fizesse algum movimento repentino.

– Eu tomo conta da Low. Pode perguntar a ela! Nunca a decepcionei. Eu sequei suas lágrimas e recolhi seus cacos enquanto a infeliz da irmã continuava partindo o coração dela. Desde que ela era pequena, fui eu quem a ajudou a superar as coisas. Então não venha me dizer como devo demonstrar meu amor por ela. Não ouse me dizer que eu sou egoísta, caralho.

Marcus suspirou e balançou a cabeça. Eu sabia que ele não compreendia a perspectiva de Cage. Mas eu, sim.

– Entendo que você sempre tenha estado presente para ela. Entendo. Mas você tem uma vida, Cage. Você sai com garotas o tempo todo. Por que espera que a Low simplesmente fique sentada esperando? Por que ela não pode fazer as próprias escolhas?

O olhar furioso de Cage finalmente saiu de Marcus e se voltou para mim. A traição em seus olhos quase me desmontou. Sua expressão passou de furiosa para preocupada.

– É isso que você quer, gata?

Assenti, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

– Tudo bem. Se você quer fazer isso com Marcus, está certo. Vou aceitar a situação e lidar com isso. Quando ele magoar você, quando ele decepcionar você, eu vou estar aqui. Meus braços estão sempre abertos para você. Quero vê-la feliz, e se acha que esse cretino vai fazê-la feliz, tudo bem. Você precisa viver um pouco também. Não posso protegê-la de tudo. – Seu olhar se voltou

novamente para Marcus. – Mas eu posso estar aqui para ampará-la quando ele partir o seu coração.

Fui até Cage e lhe dei um abraço apertado. Talvez Marcus não gostasse disso, mas eu não me importava. Cage ia aceitar aquilo. Ele realmente faria qualquer coisa para me fazer feliz.

– Obrigada – sussurrei no ouvido dele.

Ele apoiou a cabeça no meu ombro e me apertou com força.

– Se ele magoar você, vou matá-lo.

Só eu ouvi o que ele disse. Eu não duvidava, mas sabia que Marcus jamais me magoaria. Ele era um dos mocinhos.

– Ele não vai fazer isso – garanti.

Cage soltou um suspiro e me deu um beijo na têmpora.

– Vai, gata, ele vai.

Então ele me soltou, se virou e entrou no quarto sem olhar para trás. Quando a porta se fechou, soltei a respiração que estava prendendo e meus ombros caíram para a frente de alívio. Não foi nem de perto tão ruim quanto eu havia imaginado.

Senti dois braços quentes me envolverem, e senti o peito de Marcus me pressionando. Sorri sozinha enquanto ele apertava o nariz contra minha nuca.

– Eu não vou magoar você, Low – prometeu ele.

E eu assenti. Porque acreditava nele.

Capítulo 13

MARCUS

Willow foi tomar banho. Ao que parecia, havia adiado a chuveirada por receio de que eu enfrentasse Cage sozinho. O fato de que ela ficara entre nós dois para me proteger poderia ser engraçado, mas me deixou meio irritado. Eu tinha ficado com vontade de sair e dar uma surra em alguém apenas para que ela visse que eu não era um riquinho mimado que nunca havia rachado um lábio ou ficado com um olho roxo. Ela conhecia Rock, Dewayne e Preston. Será que ela não via que eu não estava exatamente andando por aí com o pessoal do *country club*? Virei a última panqueca e abri a geladeira para pegar a manteiga.

– Ela tirou as coisas dela do meu quarto. Você a obrigou? – perguntou Cage atrás de mim.

Acho que teríamos aquele confronto particular, afinal. Peguei um pedaço de manteiga e me virei, fechando a porta atrás de mim.

– Eu não a obriguei a nada.

Cage rosnou e olhou para a porta do meu banheiro. Aquela também era a primeira vez que ela tomava banho lá. Normalmente, usava o de Cage.

– Por que a Low? Você poderia ter qualquer garota da cidade. Por que precisava mexer com a Low?

Quando ele dizia coisas idiotas como aquela, eu me perguntava se Cage não via que ela era especial.

Largando o tablete de manteiga em cima da mesa, peguei uma faca e comecei a cortar algumas fatias para colocar em cima das panquecas. Sem olhar para trás, com medo de perder a paciência, respondi:

– Você, de todas as pessoas, devia saber quanto ela é especial. Não é fácil encontrar garotas como ela. Desde o instante em que abri aquela porta...

Parei de fatiar a manteiga e olhei para ele. Queria que ele visse meu rosto quando dissesse isso. Precisava que ele acreditasse em mim.

– Desde aquele momento, eu soube que ela iria me afetar. Depois, quanto mais eu a conhecia, quanto mais a observava e conversava com ela, mais perto

dela queria ficar. E por mais que você deteste ouvir isso, ela quer se aproximar de mim também.

Cage soltou uma risada dura e se virou para entrar no quarto. E eu voltei a fatiar a manteiga.

– Eu quero acreditar que você não vai magoá-la. Mas eu sei que vai. Vou recuar e deixar isso acontecer. Porque, no fim, ela vai voltar correndo para mim.

A porta bateu com força atrás dele.

Ele estava errado. Porém, eu não ia mais discutir com Cage a respeito disso. Desde que ficasse de fora e nos deixasse em paz, tudo bem. Isso era mais do que eu poderia querer.

Arrumei a mesa e servi mais café para nós dois, acrescentando creme e açúcar à xícara de Low. Também coloquei um copo de suco de laranja ao lado do prato de panquecas dela. Não sabia se ela gostava de café com a refeição. Como eu tomava leite frio com as panquecas, servi um pouco para ela também.

A porta do meu banheiro se abriu, e ela saiu com as roupas que estava usando mais cedo, mas, dessa vez, seus cabelos estavam úmidos, soltos nas costas. Com a água, as pontas formavam pequenos cachos. Seu rosto estava livre de qualquer maquiagem, e ela estava linda. Grandes olhos verdes examinaram a mesa e, depois, meu semblante alegre.

– Nossa. Parece estar muito bom.

Puxei a cadeira para ela e acenei para que se sentasse. Dando risada, ela se aproximou e parou bem na minha frente. Na ponta dos pés, me beijou suavemente, então se inclinou para trás e sussurrou:

– Obrigada.

– De nada.

Ela se acomodou, e eu empurrei sua cadeira para mais perto da mesa, então fui até meu lugar e também sentei.

– Acho que nunca tinham puxado a cadeira para mim antes. Sempre achei que isso seria meio constrangedor, mas você fez parecer tão normal como a gente vê na televisão.

Sorri, pegando o xarope.

– Eu trabalhei para Jax Stone durante alguns verões na casa de férias dele na ilha. Uma das minhas funções era servir a comida. Puxei a cadeira da mãe dele um milhão de vezes.

Ela fez cara de espanto.

– Foi assim que você conheceu a Sadie, então?

Respondi que sim e, mais uma vez, fiquei surpreso por meu peito não doer à menção do nome de Sadie. Isso me dava vontade de sorrir.

– Ahn, Marcus... – Ela deu uma risadinha, e olhei para ver o que era tão

engraçado. – Por que você me deu três bebidas?

Dessa vez eu ri e dei de ombros.

– Eu não tinha certeza do que você iria querer.

Willow mordeu o lábio inferior, ainda sorrindo, e pegou o leite.

– Com coisas doces, gosto de leite.

– Vou me lembrar disso.

WILLOW

Eu precisava trabalhar naquela noite, mas Tawny havia me ligado pedindo que eu cuidasse de Larissa por duas horas à tarde. Marcus não discutiu comigo como Cage faria. Ele parecia compreender essas questões familiares e me deu uma carona até lá. Depois, me fez prometer ligar para ele assim que estivesse pronta para ir embora. Estava indo procurar emprego e tinha um trabalho para escrever para uma de suas disciplinas on-line. Ainda era difícil deixá-lo. Eu já estava viciada. Não era exatamente um comportamento saudável.

Como sempre, Tawny estava atrasada. Ela havia prometido me dar tempo de ir para casa me trocar antes do trabalho, mas parecia que eu iria trabalhar daquele jeito mesmo. Olhando para o telefone pela décima vez em mais ou menos cinco minutos, soltei um grunhido de frustração. Por que ela não podia simplesmente ligar ou mandar uma mensagem de texto quando se atrasava?

O som do cascalho embaixo dos pneus do lado de fora pôs fim à minha frustração. Fechei a porta do quarto de Larissa para que Tawny não a acordasse da soneca. Ia sair para ligar para Marcus depois de falar com minha irmã. Não queria que ela escutasse a nossa conversa.

Ao lado da janela, parei. Em vez do detonado Ford Taurus de Tawny, havia um carro preto muito caro na entrada da garagem. Isso não podia ser bom. Virando-me, fui até a porta esperando alguém bater, mas ela se abriu e minha irmã entrou seguida por um cara mais velho. Muito mais velho.

– Você pode ir agora – disse Tawny, entrando em casa e olhando para mim como se eu fosse uma empregada.

– Hum, está bem.

Encarei o estranho outra vez. Aquele era o novo amante dela? Quem quer que fosse, eu tinha que ser apresentada antes de ir embora. Se Tawny ia levar homens estranhos para perto da minha sobrinha, eu queria saber quem eram.

– Eu estou atrasada e você precisa trabalhar. Por que está parada aí?

O sujeito franziu o cenho para Tawny e deu um passo na minha direção, estendendo a mão.

– Olá, eu sou Jefferson.

Era isso? Só o primeiro nome? Quem ele achava que era, o Usher?

– Willow, irmã de Tawny – respondi, apertando a mão dele o mais firme que consegui.

Ele sorriu, e me pareceu imediatamente familiar. Que estranho. Eu nunca tinha visto aquele homem antes. Examinei aquele rosto cuidadosamente. O que havia nele?

– Muito bem, agora vocês dois se conheceram. Você pode ir embora.

A irritação na voz de Tawny era indisfarçável. Ela não me queria ali. Bem, agora eu estava curiosa. Azar o dela.

– Você está namorando a minha irmã? – perguntei, olhando novamente para Jefferson, o velho de um nome só.

– Estou, sim.

– Você não tem idade para ser pai dela?

– WILLOW! – berrou Tawny, voltando correndo para a sala e segurando meu braço com tanta força que suas unhas arranharam a minha pele.

– O que foi? Eu tenho direito de saber quem ele é. Você o está trazendo para perto da *minha* sobrinha.

– Saia daqui – esbravejou ela.

Puxei o braço e olhei furiosa para ela.

– Não. Só depois de ter algumas respostas.

– Low, pelo amor de Deus, eu vou...

– Lowlow.

A vozinha de Larissa interrompeu minha irmã, e nós duas nos viramos para vê-la parada à porta, com os cachinhos louros desalinhados por causa da soneca.

– Oi, dorminhoca! Você está acordada – respondi, caminhando na direção dela.

Ela levantou os bracinhos para o alto, pedindo colo, e eu a peguei gentilmente e a apoiei no quadril.

– Mama – murmurou ela em uma voz sonolenta, apontando para Tawny.

– Sim, a mamãe está em casa.

– Papa. – Ela apontou para Jefferson.

Virei a cabeça de repente e nossos olhares se cruzaram. Lentamente, examinei o nariz e os olhos dele. A forma como o lábio inferior era ligeiramente maior do que o superior. Será que era ele?

Segurando Larissa com força, voltei meu olhar inquiridor para minha irmã.

Ela soltou um suspiro e revirou os olhos.

– Certo. Você vai descobrir logo, de qualquer maneira – sibilou ela. – Jefferson é o pai de Larissa. Mas ele ainda está casado e em processo de divórcio. Quando tudo tiver acabado, Larissa e eu vamos nos mudar. Você pode

ficar com esta casa depois que sairmos. Eu nunca mais quero botar os pés aqui de novo.

Ela havia destruído um casamento. Larissa era filha bastarda daquele homem. Ah, merda.

– Feche a boca, Low, e me dê a Larissa aqui. Depois vá embora, *por favor*.

Fui até Tawny no meio de um transe. Eu sempre me perguntei se era esse o caso, mas ouvi-la admitir foi como levar um tapa. Tawny estendeu os braços para Larissa, que afundou a cabeça no meu peito e se agarrou a mim.

– Não – disse ela, alto.

Havia lágrimas em sua vozinha.

– Me dá ela, Low.

Tawny estava irritada.

– Vá com a mamãe agora, docinho. Eu preciso trabalhar – falei gentilmente, virando a cabecinha dela na minha direção.

– Minha Lowlow – disse ela, enroscando os braços com força ao redor do meu pescoço.

– Sim, sua Lowlow, mas a sua Lowlow precisa ir trabalhar. Seu... – Fiz uma pausa e olhei para Jefferson, ignorando o nó no meu estômago. – Seu papai está aqui para ver você.

Tive vontade de vomitar. Minha doce menininha era o resultado de um adultério. Isso me deu vontade de gritar com toda a força do mundo. Aquilo era muito injusto. Eu detestava o que Tawny havia feito, mas não podia desejar que jamais tivesse acontecido. Segurando Larissa em meus braços, nunca poderia desejar que ela não existisse.

– Minha Lowlow – repetiu Larissa, batendo no meu peito.

Voltei minha atenção a ela, que estava dando um sorriso banguela para o pai enquanto me apresentava a ele. Senti lágrimas queimarem meus olhos e as contive. Chorar a deixaria chateada, e eu precisava que ela me deixasse ir embora, ainda que a ideia de sair correndo pela porta com ela enroscada nos meus braços fosse uma tentação. Eu a queria longe da verdade que a assombraria pelo resto da vida. Sabia como era esse estigma. O pai que só visita quando consegue se ver livre da família de verdade. Ser o resultado de um caso. Essa era a minha história. Foi algo que me acompanhou a vida inteira. Não ser boa o bastante para meu pai me querer o tempo todo. E então as visitas simplesmente pararam um dia. Ele se mudou com a família para longe, e nunca mais o vi ou ouvi falar a respeito dele.

Eu não tinha dúvida de que Jefferson faria a mesma coisa com Larissa. Ele diria à minha irmã burra e ingênua que deixaria a esposa, mas jamais faria isso. Ela nunca sairia daquela casa. Larissa cresceria ali enquanto um homem depois

de outro entrava e saía da vida da mãe dela. Iria dormir chorando pelo papai que não a desejara.

– Me dá ela e vai embora – exigiu Tawny, arrancando Larissa dos meus braços.

Ela sabia o que eu estava pensando. Também me odiava por isso. A fúria nos olhos dela não me assustava. O que me abalava era a dor que acabaria encarando quando aquele homem não ficasse com elas e as deixasse ali sozinhas.

– MINHA LOWLOW! – urrou Larissa, esticando os bracinhos na minha direção.

– Quieta, Larissa. Já chega – ralhou Tawny, e a menina gritou ainda mais alto.

Eu queria agarrá-la de volta, mas quanto mais tempo eu ficasse ali, pior aquilo ia se tornar. Joguei um beijinho para ela.

– Amo você, minha lindinha. – Depois, pegando carona na técnica de Marcus, eu disse: – Lembre-se: aja como uma princesa. Princesas não gritam.

Ela fez uma pausa e pensou no que eu disse por um instante, com lágrimas rolando pelo rostinho.

– *Caamba* – disse ela, franzindo o cenho.

– Sim, isso mesmo! Elas dizem “caramba” – garanti, acenando em despedida. – Vejo você logo, está bem?

Virei-me e saí correndo pela porta antes que as lágrimas começassem a cair.

Havia caminhado por quase 1,5 quilômetro quando vi a caminhonete de Marcus diminuir a velocidade ao meu lado. Ele saiu do carro e veio na minha direção de imediato. Eu sabia que estava visivelmente arrasada. Não havia ligado para ele porque precisava chorar e vomitar. Caminhar ajudou a me acalmar e a limpar a minha cabeça.

– Low, o que houve? – perguntou ele, me puxando para seus braços com seriedade.

Balancei a cabeça e me forcei a não perder o controle de novo. Não podia contar nada daquilo a Marcus. Meu mundo não era algo que ele compreenderia. Era feio. Eu não queria que a mancha que me acompanhou a vida inteira fizesse parte do meu relacionamento com ele. Ele me veria de um jeito diferente se soubesse. Veria Larissa de um jeito diferente. Se eu queria que déssemos certo, não podia compartilhar essa parte de mim com ele.

– Por que você não me ligou? Eu estava escrevendo, olhei o relógio e me dei conta de que você devia ter ligado uma hora atrás. Vim o mais rápido que pude.

Afastei-me do peito dele e engoli o nó na minha garganta. O gosto ácido do vômito ardeu.

– Tive uma briga com Tawny. Ela é uma cretina. Larissa chorou porque eu estava saindo. Detesto deixá-la daquele jeito.

Marcus assentiu e acariciou minhas bochechas com os polegares, segurando meu rosto. Eu torci para que ele não tentasse me beijar. Precisava escovar os dentes e tirar o gosto de vômito da boca.

– Família pode ser uma droga – concordou ele.

Então se virou e abriu a porta da caminhonete, me ajudando a subir até o assento.

– Da próxima vez, ligue para mim. Por favor – suplicou ele.

Assenti e forcei um sorriso.

Capítulo 14

MARCUS

Fui até a casa da minha mãe e estacionei atrás do novo Mercedes de Amanda. Eu estava um pouco atrasado, mas tive dificuldade de deixar Willow no trabalho depois da maneira como a havia encontrado. Caramba, ela estava muito chateada. Ainda não havia conhecido a irmã de Low, mas já não gostava nem um pouco dela. Se ela não fosse a mãe de Larissa, eu a odiaria. Queria dizer a Willow que sabia como relacionamentos familiares podiam ser complicados, mas parecia injusto despejar meus problemas nela. Willow era sensível. Ela só ficaria preocupada comigo, e eu a queria feliz. Dar a ela mais coisas com que se estressar não faria bem a nenhum de nós dois. Além disso, eu não estava sozinho. Eu tinha Amanda.

Entrei em casa sem bater. Era noite de jantar em família. Na semana seguinte, pretendia levar Willow comigo. Queria que ela conhecesse a minha mãe. Só precisava descobrir seus horários de trabalho para garantir que o jantar em família acontecesse em uma noite em que Willow estivesse livre.

– Ora, já era hora de você trazer esse traseiro apaixonado até aqui – provocou Amanda.

Sorri. Não adiantava negar. Eu não estava apaixonado ainda. Mas podia facilmente me ver seguindo esse caminho.

– Apaixonado? – perguntou mamãe, saindo da cozinha com o avental branquíssimo enfeitado com renda e uma taça de vinho branco na mão.

– Sim, apaixonado. Você precisava ver Marcus com ela, mamãe. Fica todo gentil e possessivo. É encantador e um pouco enjoativo, na minha opinião.

O rosto da minha mãe se iluminou com a descrição de Amanda. Ela estava preocupada comigo depois do fiasco com Sadie no verão anterior.

– E por que você não a trouxe? Quero ver essa cena enjoativa com meus próprios olhos.

Aproximei-me e abracei minha mãe, porque sabia que ela precisava do carinho e estava contente por vê-la sorrindo de novo.

– Vou trazê-la na semana que vem. Ela está trabalhando hoje. Quando descobrir as folgas dela na semana que vem, poderemos escolher uma noite em que ela estiver livre.

Mamãe deu um beijo em uma das minhas bochechas e um tapinha na outra.

– Ótimo – respondeu ela, dando meia-volta e entrando novamente na cozinha.

– Cage já sabe? – perguntou Amanda em voz baixa, aproximando-se de mim.

Assenti, e ela arfou.

– Eu tirei a Low do quarto dele.

Amanda arregalou os olhos ao máximo.

– Tá brincando!

– Sério.

– E ele não expulsou você?

Ela parecia chocada.

– E se a Low fosse comigo? Não. Ele jamais faria isso.

– Ah, eu não tinha pensado nisso. Boa estratégia.

Dei de ombros.

– Eu sou brilhante.

– Sei...

Dando um tapinha atrás da minha cabeça, ela seguiu em frente até a cozinha.

Quando toda a comida estava na mesa e nós três nos sentamos, mamãe limpou a garganta.

– Muito bem. Tem uma coisa que eu queria contar a vocês. Desde a nossa última conversa, tomei algumas decisões.

A apreensão no rosto dela me deixou preocupado. Aquilo não podia ser bom. Tomando um longo gole do meu chá gelado, esperei que ela continuasse.

– Falei com o pai de vocês esta semana. Várias vezes. E conversamos sobre a possibilidade de um divórcio. Eu disse a ele que, se era o que ele queria, tudo bem. Eu o deixaria ir.

Ela fez uma pausa e contorceu o guardanapo nas mãos, com nervosismo. Também não era um bom sinal.

– Ele não quer o divórcio. Acreditamos que ele esteja passando por uma crise de meia-idade.

Mamãe levantou a mão quando abri a boca, bem perto de gritar que ele a estava enganando.

– Marcus, não. Deixe eu terminar – pediu ela.

Não consegui olhar para Amanda. Se eu a encarasse, só lhe daria esperança.

Detestei ver o alívio no rosto dela. Sabia que aquela possibilidade simplesmente aumentaria ainda mais a dor quando papai aprontasse de novo.

– Você não tem a nossa idade nem viveu o que vivemos. Essas coisas acontecem. Crises de meia-idade são muito comuns. Eu entendo, mesmo que não goste disso. Seu pai vai demitir a garota. Ela não vai mais trabalhar com ele. Ele vai voltar para casa. Vamos tentar consertar nossos problemas. Preciso que vocês dois fiquem do meu lado. Não vai ajudar se vocês tiverem raiva do seu pai.

Ela engoliu em seco, e vi as lágrimas enchendo seus olhos azuis.

– Quero que ele lembre como esta família pode ser boa unida. Quero que ele nos queira.

Fiquei ali sentado sem conseguir encarar minha irmã. Sabia que ela estava completamente de acordo com aquilo. Também sabia que minha mãe queria que desse certo. Papai lhe enchera de esperança. Eu apenas as chatearia se ficasse com raiva e apontasse os problemas desse arranjo. Nada que eu dissesse faria com que mudassem de ideia. Elas o queriam de volta. Então, fiz a única coisa de que era capaz.

– Está bem, mamãe. O que você quiser.

WILLOW

Alguma coisa estava deixando Marcus chateado. Ele estava sendo atencioso e cuidadoso como sempre desde que me buscara no trabalho, mas eu podia sentir a raiva sob a superfície. Devia ter a ver com a família. Ele tinha ido jantar em casa naquela noite. Isso eu sabia. Mas não podia perguntar. Não quando não estava disposta a me abrir com ele sobre os meus próprios problemas. Se ele quisesse me contar, contaria. Comecei a pensar em Larissa. Fiquei olhando para o teto, sabendo que provavelmente não dormiria naquela noite. Por mais cansada que estivesse, minha cabeça não queria desligar.

A porta se abriu lentamente, me assustando, e sentei na cama esperando ver Marcus. Era Cage. Franzindo o cenho, puxei o lençol para cima, escondendo a camiseta de Marcus que estava vestindo. A última coisa que eu precisava era que ele tivesse um ataque de raiva no quarto de Marcus enquanto estava claramente bêbado.

– Cage, quarto errado – sussurrei.

Ele não me escutou e fechou a porta atrás de si antes de vir até a cama e se sentar.

– Não estou tão bêbado. Sei de quem é o quarto.

– Então o que está fazendo?

Cage deu de ombros e soltou um suspiro.

– Senti sua falta. Entrar no meu quarto vazio e deitar na minha cama vazia é uma droga.

– Bom, você não pode dormir aqui.

Ele franziu o cenho, e eu apertei o braço dele.

– Eu sei. Só queria ver você. Achei que estaria dormindo. Pensei que, se ficasse olhando para você por um tempo, eu poderia ir para o meu quarto dormir com essa imagem na cabeça.

Ele sabia ser muito fofo. Cage não lidava bem com mudanças. Nunca conseguiu lidar. E essa era uma mudança que seria muito dura para ele.

– Eu sinto muito, mas ele me faz feliz, Cage.

Ele franziu a testa ainda mais.

– Por quê?

Por quê? A lista poderia ser interminável. Mas eu sabia qual era a única resposta que faria Cage sossegar.

– Eu sou suficiente para ele.

Cage segurou a cabeça entre as mãos.

– Por que eu sou tão ferrado, Low? Por que não posso ser como ele? O que há de errado comigo?

Meu coração se partiu um pouco. Lembranças dos machucados cobrindo o corpo dele e de cortes na testa e no rosto, tudo obra do padrasto, passaram pela minha cabeça. Nós tínhamos problemas. Os meus só eram diferentes.

– Nossa vida não foi fácil – respondi, estendendo o braço para passar a mão nos cabelos pretos sedosos dele.

Cage abaixou as mãos o bastante para que eu visse seus olhos.

– Você não tem problemas com compromisso.

– Não, e ninguém bateu em mim.

– Só que você foi abandonada. Por um homem que era burro demais para saber que tinha uma filha incrível e, embora sua mãe estivesse lá, ela não era muito presente.

O rostinho de Larissa chorando quando eu estava indo embora voltou à minha mente, e uma lágrima escorreu pelo meu rosto.

– Ei.

Ele enxugou minha lágrima.

– O que foi? Eu não queria fazer você chorar.

Balancei a cabeça e segurei o pulso dele.

– Não, você não me fez chorar. É a Larissa.

Parei de falar. Eu precisava contar a alguém. Precisava falar sobre aquilo. E Cage sabia. Ele sabia o que eu havia enfrentado. Ele compreenderia.

– Conheci o pai dela hoje.

Cage arregalou os olhos.

– Sério?

– Sim, ele é casado e velho. Diz que vai deixar a mulher e levar Larissa e Tawny para longe.

Cage não me perguntou qual era o problema. Não precisava. Ele estava comigo quando descobri que meu pai fora embora da cidade com a família oficial.

– Ah, droga – sussurrou ele.

Assenti.

– Talvez ele faça isso, Low. Talvez ele não faça com ela o que o seu pai fez com vocês.

Balancei a cabeça.

– Você não está entendendo? Se ele deixar a mulher, Tawny terá destruído um casamento. Outra pessoa sofrerá. Ele vai machucar alguém de qualquer maneira. Ele é casado. Já havia prometido a Deus que iria amar a esposa. Agora, ele não tem só uma, mas duas famílias. Uma dessas famílias vai sofrer.

Cage soltou o ar longamente.

Ficamos sentados em silêncio por alguns minutos. Olhei para trás dele na direção da porta e pensei em Marcus dormindo no sofá. Não queria que ele pegasse Cage ali. Ele ainda não entendia o relacionamento que tínhamos. Isso o deixaria chateado.

– Obrigada por me escutar, mas... – Acenei com a cabeça na direção da porta, detestando pedir para ele sair.

Cage me deu um sorriso triste e se levantou.

– Eu preciso sair daqui antes que o namoradinho me veja.

– Algo assim – respondi.

Cage assentiu e me atirou um beijo antes de sair do quarto.

Deitei de costas novamente e, dessa vez, fechei os olhos. Falar sobre meus medos havia ajudado. Lentamente, o sono me encontrou.

Senti beijos leves percorrendo meu rosto e me virei para o calor ao meu lado. Quando o cheiro de Marcus chegou ao meu nariz, abri os olhos. Ele não estava embaixo das cobertas comigo. Essa foi a minha primeira observação. Usava uma camiseta. Foi a minha segunda observação. O hálito dele cheirava a menta e, com essa terceira observação, enfiei a cabeça na curva de seu ombro para que ele não sentisse meu hálito matinal.

A risada dele me deixou toda arrepiada.

– Por que você está se escondendo? – A respiração dele fez cócegas na

minha orelha.

– Eu não escovei os dentes – murmurei.

Ele riu alto dessa vez.

– Tenho certeza de que seu hálito matinal é doce como você.

– Ahn, não, acredite. Fede como o de todo mundo – garanti, me recusando a virar o rosto para olhar para ele.

– Tá, tudo bem, esconda o rosto de mim, mas preciso dizer que não gosto de perder o seu olhar sonolento.

– Meu olhar sonolento?

– Sim. Assim que abre os olhos de manhã, a sua expressão é a mais sexy. As pálpebras não se abrem completamente, seu lábio inferior está todo inchado porque você o morde durante o sono.

Nossa. Bem, eu já estava completamente excitada. E meu hálito estava medonho. Maravilha.

Gemi contra o peito dele.

– Isso só me faz querer subir no seu colo e beijar você loucamente.

– Por favor, sinta-se à vontade. Eu não vou impedi-la.

Rindo, dei um tapa no peito dele e me sentei.

– Fique aí parado e deixe-me ir dar uma refrescada matinal. Não se mexa.

Apontei para ele, deixando minha exigência bem clara antes de sair correndo na direção do banheiro para escovar os dentes e os cabelos.

Ao voltar para o quarto, precisei parar para suspirar de felicidade diante da visão que ele compunha recostado na cabeceira. Ele estava usando uma camiseta, mas de cueca boxer, com as longas pernas bronzeadas cruzadas nos tornozelos. E os pés descalços de Marcus Hardy eram absolutamente sensuais.

Levantei os olhos para seu rosto mais uma vez e ele estava sorrindo maliciosamente.

– Estou aprovado?

Rindo, fui até a cama, mas minha ameaça de antes, de saltar em cima dele, pareceu um pouco extrema. Em vez disso, me enrosquei ao seu lado e virei a cabeça para ele dessa vez.

– O quê? Não vai subir em cima de mim e fazer o que quiser comigo?

O tom de provocação na voz dele me causou borboletas no estômago. Sentindo-me um pouco mais corajosa agora que ele havia falado aquilo, atirei uma perna sobre ele e montei em seu colo. O sorriso desapareceu e os olhos dele brilharam de interesse.

– Vamos ver, acho que o passo seguinte é isto... – sussurrei, segurando o rosto dele entre as mãos, inclinando-me para a frente e lhe dando beijinhos rápidos nos lábios.

Beijei também os dois cantos da boca e até mesmo a ponta do nariz. As mãos dele deslizaram, subindo pela parte externa das minhas coxas e por baixo da camiseta para agarrar a minha cintura. Percorrendo o caminho de volta para sua boca, dei uma mordiscada em seu lábio inferior, sugando-o. Ele soltou um gemido e, imediatamente, assumiu o controle. A língua dele se enroscou na minha enquanto explorávamos um ao outro. Ele sugou a minha, me surpreendendo, e eu me inclinei para mais perto, fazendo pressão contra ele.

Arfamos ao mesmo tempo quando o calor que ele provocava entre as minhas pernas entrou em contato com sua ereção evidente. Como se meu corpo soubesse instintivamente o que fazer, me esfreguei contra a pressão que me causava solavancos de prazer.

Marcus começou a respirar mais forte, e seus beijos ficaram mais intensos. A boca dele se afastou da minha, e dei um grito quando ele começou a beijar meu pescoço, parando para morder e lamber a pele sensível no caminho. Dentro de mim, acontecia algo que me assustava, mas era ao mesmo tempo tão excitante que eu não conseguia parar. Continuei me esfregando, e Marcus apertou minha cintura com mais força ao me pressionar ainda mais contra si.

– Ah, meu Deus, gata.

A cabeça dele desabou sobre a cabeceira, e eu parei, cheia de desejo, mas preocupada que ele pudesse ter se machucado.

– O que foi? – consegui perguntar em um sussurro estrangulado.

Marcus abriu os olhos, e suas duas mãos soltaram minha cintura e agarraram meu rosto.

– Você. Está. Me. Deixando. Maluco.

Ele respirou por um instante depois de dizer cada palavra e antes de abocanhar meus lábios novamente. Deslizou a mão para dentro da minha calcinha, e minha necessidade de ser tocada assumiu o controle. Parei de respirar e olhei para baixo enquanto os dedos dele deslizavam sobre a minha pele sensível, encontrando em seguida o calor que me deixava tão excitada.

Inspirei profundamente assim que ele enfiou um dedo dentro de mim.

– Ah! – gritei, apertando os braços dele.

Era como se eu estivesse na borda de um precipício, prestes a cair no esquecimento, e não me importava.

– Você é tão gostosa – sussurrou Marcus no meu ouvido, beijando meu pescoço. – Tão gostosa. Tão quente. Você é absolutamente sexy.

Ouvi-lo me elogiar enquanto eu agarrava seu corpo e fazia barulhos altos e quase suplicantes que eu não conseguia controlar piorou a minha necessidade desesperada.

– Por favor, Marcus – implorei.

Eu não sabia direito pelo que estava implorando, mas estava. Não queria que ele parasse dessa vez. Eu não conseguiria parar. Não agora.

– Goze para mim, Low. Eu quero sentir.

A voz baixa dele pareceu tensa quando ele falou isso perto do meu ouvido.

Bastou uma pequena carícia exatamente onde eu precisava para meu mundo desmoronar. Foi como se alguém tivesse acendido um foguete entre as minhas pernas. O grito que saía da minha boca parecia pertencer a outra pessoa enquanto eu me segurava em Marcus, com medo de cair se ele me soltasse. O que eu tinha feito? Eu conseguiria repetir aquilo?

Quando meu coração começou a desacelerar e consegui respirar novamente, eu me dei conta de que estava enroscada com força nos braços de Marcus, com a cabeça enfiada entre o pescoço e o ombro dele.

Afastei minhas mãos lentamente dos braços de Marcus, esperando não tê-lo arranhado – embora fosse impossível evitar aquilo.

O que eu tinha feito? Como eu poderia olhar para ele? O que eu deveria dizer? Ele me achava louca? Eu tinha quase certeza de que havia berrado feito um demônio. Era um milagre que Cage não tivesse entrado no quarto. Marcus acariciou meus cabelos como se quisesse me reconfortar.

– Low – sussurrou ele.

– Sim – respondi, mantendo o rosto enterrado no pescoço dele.

– Olhe para mim.

Ah, droga. Lentamente, recuei, imediatamente sentindo falta do calor do meu abrigo.

Levantei os olhos para fitá-lo, e um sorriso lento e sexy me tranquilizou imediatamente. Seus olhos estavam baixos, como se ele tivesse acabado de acordar.

– Qual é o problema? – perguntou ele, me encarando.

Senti um calor subir pelo meu rosto.

– Ahn... eu, hum...

O que eu podia dizer? *Desculpe por ter enlouquecido?*

– Low. – Ele estendeu o braço e passou a mão pelos meus cabelos, parando no pescoço. – Foi o seu primeiro orgasmo?

Ah.

Bom, era de se imaginar. Agora eu entendia completamente o fascínio por essas coisas.

Assentindo, soube que meu rosto estava ainda mais vermelho. O sorriso dele se abriu completamente. Ele estava muito satisfeito com aquilo. Bom, isso era bom.

– Você gostou?

Soltei uma pequena gargalhada. Ele não tinha acabado de me fazer aquela pergunta.

– Imaginei que o fato de ter agido como uma maluca lhe responderia isso.

Ele riu e se inclinou para a frente, me beijou uma vez nos lábios e se inclinou para trás. A fricção me fez arfar. Ah. Ele ainda estava... duro. Eles não deveriam deixar de ficar duros depois de gozar? Então ele não tinha gozado. Ah.

– Você, ahn... – Olhei para baixo, rezando para ele não se mexer de novo, porque, por algum motivo, eu estava muito sensível.

– Eu estou bem. Muito, muito bem – disse ele, em um tom divertido. – Juro.

Olhei para os braços dele, e as marcas onde minhas unhas o haviam apertado estavam muito vermelhas.

– Me desculpe.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Low, por que você está pedindo desculpas? Acredite em mim, vou andar por aí cheio de orgulho dessas marcas.

Ah.

Ele limpou a garganta, então agarrou a minha cintura e me afastou.

– Eu, ahn, preciso tomar uma ducha. Se a gente continuar aqui assim, as coisas vão ficar muito mais intensas – explicou ele, inclinando-se para me beijar mais uma vez antes de se levantar. – Volto em alguns minutos. Precisamos ir a um lugar hoje. Um amigo que eu quero que você conheça nos convidou para uma coisa.

Uma coisa?

Fiquei olhando-o se afastar. Seu traseiro era mesmo impressionante. A cueca boxer que ele estava usando pendia dos quadris, e eu suspirei alegremente antes de saltar da cama para me arrumar.

Marcus fechou a porta do banheiro atrás de si. Eu precisava entrar lá para pegar minha bolsa de maquiagem. Também queria dar uma espiada em Marcus no chuveiro. Nu. Sentei na beirada do colchão e esperei até escutar o barulho da água. Quando tive certeza de que ele tivera tempo suficiente para tirar a roupa e entrar no banho, fui até a porta.

Girei a maçaneta lentamente, então abri só um pouquinho e entrei. A cortina era de plástico, mas transparente. Encostando-me à parede para Marcus não me ver, fiquei olhando para as costas nuas dele. Ele tinha um traseiro perfeitamente redondo e musculoso. As duas covinhas na lombar eram visíveis através da cortina de plástico. Minha nossa, que visão!

Levantei o olhar para ver o resto do corpo quando percebi que ele estava apoiado à parede com uma das mãos. A outra mão estava... ah, nossa.

Ele deixou um gemido baixinho escapar enquanto curvava os ombros um

pouco para a frente.

– Ah, isso, gata. Assim – sussurrou ele.

Dei um passo para a frente, querendo ouvir mais.

Os músculos das costas se contraíam conforme o braço se mexia à sua frente.

– Tão gostosa, Low. Tão gostosa, caralho.

Congelei. Senti o coração bater acelerado no peito. Ele estava pensando em mim enquanto... se masturbava? Eu deveria deixá-lo sozinho, mas não consegui. Queria vê-lo. Aquela era a coisa mais sexy que eu já tinha presenciado.

– Hum, ah, meu Deus, isso – gemia ele, mexendo o braço mais rápido.

Segurei-me na borda da pia para não cair no chão. Estava ficando com os joelhos bambos.

– Porra, gata – balbuciou ele, e seu corpo se inclinou mais para a frente, na direção da parede.

Ele estava perto de gozar. Eu queria que ele me flagrasse? Provavelmente não era uma boa ideia. Mas queria escutá-lo e observar seu corpo enquanto ele gozava. Eu nunca tinha visto um cara gozar antes. E ver Marcus tendo um orgasmo seria incrível.

Ele começou a arfar mais alto e a murmurar mais coisas. Obriguei-me a recuar até conseguir sair pela porta sem fazer barulho.

Capítulo 15

MARCUS

Observar Low sair do banheiro usando um vestido de verão vermelho na altura dos joelhos com um par de botas de caubói fez eu me esquecer momentaneamente de respirar. A imagem dela no meu colo, os olhos vidrados de prazer enquanto gritava meu nome ia deixar muito difícil ir devagar. Eu merecia uma espécie de prêmio. Bater uma no chuveiro só me dera um pouco de alívio. Poderia ter feito amor com ela. Ela teria deixado. Espere aí. Eu tinha acabado de pensar “amor”? Quando eu havia pensado nisso como fazer amor? Era sexo. Sempre fora sexo. Às vezes, sexo muito bom. Mas só sexo. Meus olhos foram até o rosto dela. Seus cabelos estavam repartidos ao meio, presos em marias-chiquinhas baixas que caíam sobre seus ombros. Quem diria que marias-chiquinhas podiam ser tão sensuais? Ao encontrar seus olhos me observando atentamente, sorri. Ela era minha.

– Está bom assim?

Engoli o nó na minha garganta.

Ah, caramba, quando foi que eu me apaixonei por ela?

– Sim, você está incrível.

Low abriu um sorriso imenso para mim e fui até ela segurar sua mão.

– Para onde estamos indo exatamente?

Eu queria surpreendê-la, e precisei lutar contra a vontade de levá-la para o meu quarto e trancá-la lá dentro comigo. Poderia deixá-la lá para sempre.

– Por acaso você tem alguma queda por astros do rock?

Ela franziu o cenho e balançou a cabeça lentamente.

– Não, por quê?

Eu me senti um pouco melhor, mas a necessidade de mantê-la escondida em segurança ainda me incomodava.

– Tá bem, ótimo. Por nada. Vamos lá, então.

Ela riu e veio atrás de mim.

O lugar estava lotado. Isso não era exatamente uma surpresa. Parei no portão de segurança. Um guarda saiu do posto e se aproximou da minha caminhonete. Abri a janela e fiquei esperando.

– Posso ajudar? – perguntou ele, franzindo o cenho para mim.

– Marcus Hardy e acompanhante. Meu nome está na lista.

O guarda assentiu e falou algo no fone.

– Estou com Marcus Hardy e acompanhante. Preciso ver um documento, por favor – disse o guarda de maneira um pouco mais amigável.

Tirei a carteira do bolso de trás da calça e entreguei a ele. O homem conferiu o documento e me devolveu.

– Muito bem, Sr. Hardy, quando o portão se abrir, pegue o caminho à direita. Pare no estacionamento pequeno. Haverá outro guarda no portão da segunda entrada. Ele vai pedir seu documento novamente antes de deixar vocês entrarem.

– Está certo, obrigado.

Ele assentiu e deu um passo para trás enquanto o portão se abria. Comecei a passar e olhei para Willow. Ela estava observando tudo. Seus olhos cruzaram os meus, e ela sorriu.

– Estamos prestes a ir para os bastidores do show de Jax Stone, não é?

Ri. Acho que foi fácil adivinhar depois de todo aquele aparato de segurança para passar por uma entrada privada de um centro cívico lotado de gente.

– Bom palpite – respondi.

Ela bateu palmas e deu um gritinho.

– Ah, uau! Eu nunca fui ao show de uma banda grande antes, e vou estar nos bastidores!

Parei em uma vaga de estacionamento e desliguei a caminhonete antes de olhar para ela.

– Você tem várias camisetas vintage de bandas de rock – observei.

Ela deu de ombros.

– Eu gosto. Como achava que jamais iria a um desses shows de verdade, comprava as camisetas sempre que as encontrava em um brechó.

Interessante. Guardei a informação para depois.

– Então a sua empolgação é por ser um show de rock, não porque você vai conhecer Jax Stone?

Eu precisava esclarecer isso para minha própria tranquilidade.

Willow riu, então levantou as sobrancelhas, provocadora.

– Booom, isso também é bem legal. Eu nunca conheci ninguém famoso antes.

Por que eu estava com ciúme? Era uma bobagem. Jax amava Sadie. Ele não

ia tirar Low de mim.

– Tá bem, é justo.

Dei a volta e ajudei Willow a saltar da caminhonete, depois seguimos para a porta. O cara da segurança conferiu os documentos de nós dois dessa vez. Na verdade, ele conferiu Willow um pouco demais para o meu gosto. Eu devia ter pedido para ela se trocar. Aquele decote era muito impressionante.

Assim que a porta se abriu, Sadie nos cumprimentou.

– Vocês vieram!

Ela sorriu alegremente para mim, depois para Willow.

– Sim – respondi, sorrindo para a empolgação nos olhos de Willow ao observar tudo ao redor.

– Que bom. Venham comigo. Quero que Jax conheça Willow antes de começar. Ele passou a última meia hora com uma menininha e a mãe dela. É uma longa história, mas nós a conhecemos no Sea Breeze Foods no verão, e ela o reconheceu apesar do disfarce. Ele lhe deu seu cartão de visita e prometeu conseguir passes para os bastidores em seu show aqui. Depois ele acabou cancelando o show por causa de uns problemas comigo e com a minha família. Enfim, este é o show que está substituindo aquele, e Jax queria que fosse especial para a menininha, já que ela precisou esperar tanto.

– Que fofo – disse Low, um pouco encantada demais para o meu gosto.

Cale a boca, Sadie.

Apertando minha mão com mais força, Willow olhou para mim, e sua expressão empolgada acabou com meu momento de ciúme.

– Chegamos – avisou Sadie, dando um tapinha no braço do guarda-costas para ele abrir caminho.

– Obrigada, Ryan – falou ela, e o gigante irritado chegou a dar um sorrisinho, voltando logo a fechar a cara.

– Estou de volta e tenho companhia – anunciou Sadie, entrando no ambiente imenso que parecia uma suíte de hotel.

Jax se levantou da grande poltrona de couro e lançou seu sorriso de rockstar para Willow. Voltei a detestá-lo. Por que diabo eu a havia levado lá?

– Marcus – cumprimentou ele com um aceno de cabeça.

– Jax – respondi, fazendo muito esforço para não parecer incomodado.

– E você deve ser Willow. Ouvi muito sobre você nas últimas 48 horas.

Sadie tinha falado a Jax a respeito de Willow. De repente começou a fazer sentido por que estávamos ali. Sadie queria mostrar a Jax que eu havia seguido em frente. Que eu não estava mais a fim dela.

Precisava admitir que gostava disso.

– Ah, n-nossa. Hum... – gaguejou Willow.

Jax a deixava nervosa. De repente, eu me sentia desconfortável de novo.

– Ele produz esse efeito nas pessoas – brincou Sadie, indo na direção dele.

Jax passou o braço ao redor dela, puxando-a para si, e beijou a testa dela. Isso me fez sentir melhor.

– Posso imaginar – respondeu Willow, apertando mais a minha mão.

Ela estava nervosa. Eu queria dar um jeito nisso, mas não sabia ao certo como ajudá-la a relaxar.

– E então, Willow, você gosta da minha música ou veio porque Marcus obrigou? – perguntou Jax, com um tom de provocação na voz.

– Ah, eu gosto. Na verdade, eu não sabia aonde estávamos indo. Ele foi meio vago.

Ela olhou para mim, sorrindo.

– Mas me dei conta quando passamos pela segurança.

Jax achou isso divertido.

– Nossa, que alívio. Sadie detestava a minha música quando nos conhecemos. Sou um pouco receoso com as sulistas agora.

– Jax Stone, seu ego está muito bem – cantarolou Sadie, indo até o bar. – Venha sentar aqui, Willow. Vou conseguir uma bebida para nós. Por que não mostra os bastidores para o Marcus, Jax?

Jax ergueu as sobrancelhas para mim. Sabia tanto quanto eu que essa era a maneira de Sadie fazer com que Jax e eu nos aproximássemos. Voltei a atenção a Willow, que havia relaxado um pouco o aperto na minha mão.

– Tudo bem para você? Posso ficar aqui se quiser... – sussurrei em seu ouvido, caso ela quisesse que eu ficasse.

Ela me deu um beijo no rosto.

– Está tudo bem. Sadie não me deixa nervosa.

Claro que não. Maldito deus do rock.

Apertei a mão dela e lhe dei um beijo na boca antes de olhar para um Jax bastante satisfeito.

– Está pronto? – perguntou ele.

Fiz que sim e o acompanhei.

No instante em que saímos pela porta, outro guarda-costas apareceu atrás de nós. Eu estava acostumado com isso. Havia trabalhando para ele por bastante tempo.

– Acho que agora é o momento em que apertamos as mãos e declaramos trégua – disse Jax, abrindo uma porta e me levando até uma grande sala onde os integrantes da banda descansavam e tomavam drinques, dando risada e conversando com garotas.

– Acho que sim.

Uma garota se aproximou de nós com duas garrafas d'água em uma bandeja. Jax pegou as duas, passando uma para mim.

– Posso pedir algo mais forte se desejar. Eu não bebo antes de um show, ou bebo pouco. Sadie não gosta.

– Não, está ótimo assim.

– Você nem presta mais atenção em Sadie. Gosto disso.

Dei risada. Imaginei que ele gostasse mesmo.

– Aposto que sim.

Jax sorriu e tomou um longo gole d'água.

– Você já está apaixonado?

Pensei na pergunta dele e aquela manhã me veio à mente.

– É, acho que sim. As coisas aconteceram meio rápido. Mas é difícil resistir a ela.

– Já passei por isso, cara, e posso dizer sinceramente que compreendo muito bem.

Eu podia imaginar. Estranho. Ele não era de todo mau.

– Sadie está feliz de verdade por você. Falou sem parar em Willow desde que a conheceu. Sei quanto você é carinhoso com ela e como olha para ela como se não houvesse mais ninguém ao redor. Todo tipo de coisa melosa.

Isso me fez rir.

– Acho que isso não deve ter incomodado muito você. Se eu estou babando por outra garota, a sua está a salvo.

Jax sorriu.

– É a mim que ela ama. Eu não estava preocupado.

Ele tinha razão. Além disso, eu não me importava. Não mais.

WILLOW

Meus ouvidos estavam zumbindo quando saímos do show, mas isso não diminuiu minha empolgação. Eu segurava a minha primeira camiseta de show que realmente havia feito por merecer quando Marcus me ajudou a entrar na caminhonete. Fiquei olhando enquanto ele dava a volta pela frente do carro e entrava.

– E aí, o que você achou?

– Adorei! Obrigada por me trazer.

Ele se inclinou na minha direção e me beijou com voracidade, o que eu não estava esperando. Quando terminou, mordiscou meu lábio inferior e então me soltou. Eu fiquei um pouco sem fôlego.

– Esperei duas horas para fazer isso – explicou ele com um sorriso sexy

antes de ligar a caminhonete.

Nossa. Aquele dia não podia ficar melhor.

Recostei a cabeça no assento e descansei os olhos.

– Acorde, bela adormecida, estamos em casa – sussurrou Marcus no meu ouvido, fazendo-me acordar com um salto.

Eu tinha dormido todo o caminho de volta. Droga. Preferia ter passado algum tempo conversando com Marcus. Não havíamos conseguido conversar muito.

– Desculpe por ter caído no sono.

– Não precisa se desculpar. Consegui ficar olhando você dormir por mais de uma hora. Gostei disso.

Ele sempre fazia eu me sentir muito especial.

– Tudo bem, mas isso parece chato.

Ele mordeu cuidadosamente o lóbulo da minha orelha, e então sussurrou:

– Acredite em mim, não foi.

Estremeci, e ele prendeu a respiração.

– Vamos entrar.

A voz dele soou tensa.

Saí depressa da caminhonete. Se a gente ia continuar lá dentro, isso me deixava mais do que feliz.

Marcus deu a volta e segurou a minha mão, puxando-me para o seu lado enquanto subíamos para o apartamento.

Lá dentro, fui até a geladeira pegar um Jarritos. Estava com sede. Abrindo a gaveta de baixo, percebi que não havia mais nenhum. Só cerveja. Antes, Cage nunca deixava minha bebida acabar. Ele estava me liberando. Senti um aperto na garganta. Fechei a geladeira e fiquei olhando, imóvel, para o aço inoxidável na minha frente. E se ele seguisse em frente e me abandonasse? O que aconteceria quando Marcus me deixasse? Eu ficaria sozinha. Cage era meu porto seguro. Meu coração disparou, e olhei para a porta do quarto dele, em pânico. Onde ele estava? Ele não havia me mandado nem uma mensagem de texto o dia todo para dizer o que estava fazendo ou para saber de mim.

– Low, você está bem? – perguntou Marcus.

Eu queria responder que sim, mas não consegui. O pânico começava a me dominar. Fazia muito tempo desde meu último surto de ansiedade, mas eu estava prestes a ter um enorme bem ali, e não havia nada que pudesse fazer para impedir isso. Cage não se lembrara dos meus Jarritos. Ele estava me deixando ir embora. Eu havia pedido por isso, e ele estava me atendendo. Marcus não ficaria

por perto para sempre. A sensação de abandono tomou conta de mim.

– Low, olhe para mim.

Marcus me virou de frente para ele, mas não consegui encará-lo. Eu ia perder o controle. Respirar fundo. Tinha que me concentrar em respirar fundo.

– Low, olhe para mim, gata, por favor – suplicou ele, e eu queria aliviar sua preocupação, mas não conseguia.

Naquele momento, eu precisava respirar. Inspirar e expirar, inspirar e expirar, inspirar e expirar.

– Que droga, Low. – Era a voz de Cage. – Mexa-se – ordenou ele, e eu queria impedi-lo, mas ele estava me deixando. – Low, saia dessa. Vamos lá. Por mim. Foque em mim, Low, e diga o que aconteceu.

A voz de Cage soava preocupada. Ele havia passado por ataques assim comigo antes. Ele os fizera parar. Levantei os olhos.

– Jarritos – falei com a voz engasgada, e meus olhos se encheram de lágrimas.

Arfando, voltei a me concentrar na minha respiração.

– Ah, que merda, Low. Eu comprei mais. Olhe, estão bem aqui nesta bolsa.

Vi as garrafas conhecidas através da sacola de plástico. Cage tinha comprado. Não estava me deixando. Eu estava segura. Não estava sozinha. Assentindo, respirei fundo.

– Tá bem – respondi em um sussurro.

O aperto no meu peito aliviou um pouco, mas eu ainda podia sentir a ameaça de um ataque ali. Esperando por mim.

– Venha aqui.

Cage me puxou, e o cheiro familiar me acalmou.

– Eu vi que tinha acabado esta manhã. Não vou deixar você. Está me ouvindo? Eu. Não. Vou. Deixar. Você.

Assentindo contra seu peito, ouvi uma porta se fechar. Marcus. Ah, meu Deus. Ele tinha me visto perder o controle. Agora eu estava nos braços de Cage. Nada bom. Recuando, olhei por cima do ombro de Cage e Marcus não estava mais ali.

– Ele saiu – sussurrei, erguendo os olhos para Cage.

– Você provavelmente o deixou apavorado. Não é fácil ver você fazer aquilo.

Assenti.

– Foi porque eu não tinha comprado as suas bebidas?

Fiquei com os olhos cheios de lágrimas de novo e dei de ombros.

– Mais ou menos. Foi a ideia de que você estava me deixando ir e que eu ia ficar sozinha.

Ele balançou a cabeça.

– Nunca vai acontecer. Se a porcaria da bebida mexicana terminar e eu demorar um pouco mais para comprar, isso não significa que eu estou deixando você ir embora. Você nunca vai estar sozinha, Low. Eu juro. Está me ouvindo?

– Sim.

Cage olhou de novo por cima do ombro.

– Ele não saiu do apartamento. Só foi para o quarto.

– Obrigada.

Eu o abracei, assustada com a ideia de encarar Marcus.

– Eu te amo, Low – sussurrou ele.

– Eu também te amo – respondi, me afastando.

Precisava lidar com o fato de Marcus ter testemunhado a minha loucura. Cage não poderia fazer isso por mim. Agora dependia de mim.

Capítulo 16

MARCUS

Sentei na beirada da cama e segurei a cabeça nas mãos. Que diabo havia acabado de acontecer? E por que eu não havia conseguido acalmá-la? Vê-la afundar nos braços de Cage foi mais do que eu podia suportar. O ciúme estava me comendo vivo.

Foi a ele que ela recorreu. Eu vinha em segundo lugar. De novo. Agora isso estava me destruindo. Sadie não havia me consumido assim. Eu não pertencia a ela. A Low, sim.

A porta se abriu lentamente, e virei a cabeça para ver Willow entrando no quarto. Observei-a enquanto fechava a porta atrás de si. A preocupação e o medo em seus olhos estavam me matando, mas não fui até ela. Ela não me escolhera. Preferira ficar com Cage.

– Sinto muito que você tenha me visto daquele jeito – disse ela baixinho.

Era por isso que ela estava sentindo muito?

– Você procurou por ele. Não por mim.

Willow arregalou os olhos, surpresa.

– Eu estava tendo um ataque de ansiedade. Tentei me concentrar em respirar. Quando ouvi a voz de Cage, soube que ele me ajudaria. Já me ajudou a enfrentar muitos deles.

– Eu poderia ter ajudado você.

Seus olhos estavam brilhando por causa das lágrimas retidas, e ela deu um passo hesitante na minha direção, mas depois parou.

– Precisava do Cage porque o ataque tinha a ver com ele. Precisava que ele me passasse segurança.

O quê?

– Não estou entendendo – falei, sentando-me e vendo-a dar mais um passo na minha direção.

– Sabe, Cage nunca me abandonou. Meu pai me deixou. Minha mãe me deixou. Minha irmã me deixou. Cage, nunca. Quando as pessoas me

abandonavam, ele sempre estava lá. É a única pessoa com quem eu sempre pude contar. Não importava o que acontecesse, ele estaria lá. – Ela parou e respirou fundo. – Quando abri a geladeira e minhas bebidas tinham acabado... bom, isso nunca acontecera antes. Achei que ele estava me deixando. Achei que ele ia me deixar também.

Ah, droga.

De pé, acabei com a distância que ela estava com medo de percorrer.

– Eu estou aqui. Você tem a mim.

Willow me deu um sorriso triste.

– Um dia, o que quer que seja isso vai acabar. Relacionamentos sempre acabam. E você vai me abandonar também.

Ela havia sido magoada demais.

Segurei seu rosto entre as mãos.

– Escute. Estou apaixonado por você. Loucamente apaixonado. Não vou a lugar algum. Nunca. Você não vai conseguir se livrar de mim.

Uma lágrima rolou pelo rosto dela e eu a sequei com o polegar. Em seguida, beijei a ponta do seu nariz.

– Quero muito acreditar nisso, e acho que você realmente acredita, mas, Marcus, de onde eu venho, as pessoas simplesmente vão embora.

Nem que eu levasse o resto da minha vida, provaria a ela que não iria a lugar algum. Willow só precisava de ações, não de palavras. Ouvira muitas palavras antes.

– Vou passar o resto da minha vida provando isso a você.

Ela fechou os olhos.

– Espero que sim – sussurrou ela.

Estiquei o braço, agarrei a mão dela e a puxei para a cama. Antes, eu estava pensando em fazer um pouco mais do que havíamos feito naquela manhã, mas as coisas tinham mudado. Agora, eu só queria que ficássemos abraçados. Queria deixar tudo melhor. Só eu.

Abri os olhos e me vi sozinho na cama. Sentei e passei as mãos pelo cabelo, depois me levantei para ir atrás de Willow. Quando abri a porta do quarto, Larissa sorriu para mim.

– Martus – anunciou ela, bem alto.

– Princesa – respondi, sorrindo para ela.

Ela levantou os bracinhos e me abaixei para pegá-la no colo. Já havia aprendido o que significava aquela ordem silenciosa.

– Eu não sabia que você estava vindo me visitar.

Larissa bateu palminhas.

– Martus bincá.

– Ele acabou de acordar, Larissa. Dê um minuto a ele – cantarolou Willow ao sair da cozinha. – Preparei um pouco de fettuccine Alfredo com frango, se quiser. Tawny passou por aqui de surpresa há uma hora e deixou Larissa comigo. Eu vou trabalhar esta noite, mas, se eu não ficasse com ela, Tawny ia deixá-la com uma mulher horrorosa. Eu não podia deixar que ela fizesse isso, então...

Willow deu de ombros.

– Eu fico com a Larissa.

Ela congelou e me encarou.

– Você?

O choque em seu rosto me deixou um pouco chateado.

– Sim, claro. Eu ia ficar em casa esta noite, de qualquer maneira. Ela e eu vamos construir com blocos e derrubar tudo, vamos brincar com colheres... vai ser muito divertido.

O sorriso que se abriu no rosto de Willow fez com que eu me sentisse com 3 metros de altura.

– Tá bem, ahn, obrigada. Quer dizer, nossa, tem certeza?

Fui até ela e me abaixei para lhe dar um beijo rápido naquela boquinha surpresa.

– Muita certeza.

– Martus bezo – disse Larissa alegremente, inclinando-se e dando um beijo muito molhado no meu rosto.

Willow riu.

– Muito bem. Não vá roubar o meu homem.

O homem dela. Gostei muito daquilo. Muito mesmo.

– Impossível. Nem uma encantadora loura cacheada poderia fazer isso – garanti, mexendo nos cabelos de Larissa.

– Martus bincá – anunciou a menina mais uma vez.

– Sim, já ouvi, gatinha. Vamos brincar – respondi.

– Espere, você não está com fome?

Eu tinha esquecido que ela havia cozinhado. Meu estômago roncou, e olhei para Larissa.

– Posso comer primeiro e nós brincamos depois? Você pode sentar do meu lado e comer também.

– Mida mida – respondeu Larissa.

Quando me virei para Willow em busca de uma tradução, Larissa continuou cantarolando:

– Martus mida mida.

– “Mida mida” é como ela diz que quer comer – explicou Willow.
– Faz muito sentido para mim – respondi, e as duas garotas deram uma risadinha.

WILLOW

A televisão iluminava o apartamento escuro quando entrei. Estava passando o talk show de Jimmy Fallon, mas sem som. Quando meus olhos se ajustaram à escuridão, vi que Marcus dormia com Larissa aninhada ao seu peito, também mergulhada num sono profundo. Blocos estavam espalhados pelo chão, e o que provavelmente eram farelos de biscoito formava uma trilha da sala de estar até a cozinha. Senti o coração inchar no peito. Eu o amava. Jamais imaginei que isso fosse acontecer. Nunca esperei amar mais ninguém. Não desse jeito. Juntei os blocos e os empilhei de novo dentro do cesto onde eu organizava os brinquedos para quando Larissa ia ao apartamento. Então me abaixei para sussurrar no ouvido de Marcus:

– Estou em casa.

Ele piscou e abriu os olhos, então me cumprimentou com um sorriso sonolento.

– Oi – murmurou ele.

– Vou pegá-la e colocá-la na cama comigo. Trago um cobertor e um travesseiro para você.

– Eu posso levá-la – disse ele, começando a levantar.

Coloquei a mão no ombro dele e o fiz se sentar de novo.

– Não, fique aí. Eu faço isso.

Beijei sua testa na ruguinha entre as sobrancelhas e tirei Larissa dos braços dele.

Depois de cobri-la e protegê-la com almofadas, voltei para o sofá com um travesseiro e um cobertor para Marcus. Ele não havia se mexido. Estava exausto, sem dúvida. Cuidar de Larissa não era para qualquer um. Tinha fechado os olhos. Longos cílios louros roçavam as maçãs do rosto. Eu me inclinei para colocar o travesseiro embaixo da cabeça, e duas mãos agarraram a minha cintura e me puxaram para seu colo.

– Hummm, assim está melhor – sussurrou ele, antes de sequestrar minha boca.

O beijo era doce e suave no começo, mas quanto mais eu me mexia, mais agressivo ia ficando. O calor dos lábios dele tinha gosto de biscoito de chocolate, e eu queria mais e mais. Agarrei a parte da frente da sua camiseta, puxando-o para mais perto. As mãos dele subiram pelas minhas coxas e seguraram minha

bunda. Marcus me apertou e gemeu quando pressionei o corpo contra o dele. Estávamos começando tudo de novo. Antes de avançarmos mais, recuei e olhei para ele. O desejo em seus olhos me derrubou.

– Eu te amo também – sussurrei.

Ele arregalou os olhos e voltou a me beijar. Dessa vez, totalmente acordado e determinado. Eu o queria inteiro. Não havia dúvida. Suas mãos estavam em todos os lugares e eu me sentia trêmula de excitação. Interrompendo o beijo, ele começou a puxar meu short.

– Tire isso aqui – exigiu ele.

Levantei-me, nervosa, mas tão incrivelmente excitada que não conseguia parar de tremer. Não sabia ao certo se ele queria que eu tirasse tudo. Ergui os olhos e o encarei. Marcus balançou a cabeça.

– Só o short. Não quero que a sua primeira vez seja neste sofá. E se você tirar a calcinha, não vou conseguir me controlar.

Sorrindo, montei nele e desci até sentir a dureza que eu tanto desejava pressionada contra mim. A imagem dele no chuveiro e as safadezas que eu o ouvi dizendo passaram de novo pela minha cabeça.

– Eu quero tirar a calcinha – confessei, olhando para ele.

Os olhos de Marcus se arregalaram, e ele balançou a cabeça.

Engolindo em seco, eu me inclinei e levei a boca até seu ouvido.

– Eu sei que você também quer. Vi você no chuveiro. Ouvi você. Eu quero isso. O que você estava imaginando. Eu quero isso.

Marcus respirou com dificuldade.

– Caramba, gata, assim você vai me matar. Estou tentando ser legal.

Eu não queria que ele fosse legal. Queria que ele falasse comigo do jeito que murmurava no chuveiro. O jeito como ele evidentemente queria falar.

– Eu sei que você quer mais.

Marcus levantou o braço e passou a mão pelos meus cabelos, depois segurou o meu rosto.

– Sim, eu quero mais. Muito mais. Mas preciso que você me deixe ir devagar. Por mais que eu deseje você, tenho que garantir que, quando olharmos para trás um dia e nos lembrarmos de como tudo aconteceu, você se sinta querida. Especial. Isso é importante para mim.

Eu me derreti um pouco, então inclinei a cabeça e beijei os lábios dele. Ele escolheria o ritmo. Se continuasse dizendo coisas doces como aquela, eu o deixaria decidir tudo o que quisesse.

– Então eu posso tocá-lo? Do jeito que você me tocou?

O corpo de Marcus ficou imóvel, e ele me encarou. Pude ver o desejo nos olhos dele. Também percebi um conflito interno. Ele não tinha certeza se devia

me deixar fazer aquilo.

Deslizei para trás e encontrei o botão do short que ele estava usando. Abri rapidamente e enfiei minha mão lá dentro antes que ele pudesse pensar no que eu estava fazendo. Acaricieei a ereção dele por cima da cueca boxer que ele vestia, e ele soltou um suspiro. Era todo o estímulo de que eu precisava. Puxei o short e a cueca, até conseguir fechar as mãos ao redor dele.

– Low, puta merda. Gata, o que você está fazendo?

Dei um sorriso malicioso antes de começar a deslizar o punho para cima e para baixo por toda aquela extensão rígida.

– Eu quero tocar em você também. Não é justo que você precise ir para o banheiro fazer isso sozinho.

Marcus fechou os olhos com força e recostou a cabeça.

– Ah! Meu Deus. Não sei por quanto tempo vou conseguir deixar você fazer isso. Porra, Low, as suas mãos são muito gostosas.

Eu me senti poderosa. Dessa vez, era eu que o estava fazendo sentir prazer, e estava adorando. Apertei os dedos e bombeei com mais força.

– Isso dói?

– *Meu Deus*. – Ele soltou o ar, abrindo os olhos e olhando para mim. – Está fantástico.

Seu prazer evidente me encorajava. Baixei a cabeça e dei um beijo na ponta do membro. Os quadris de Marcus corcovaram embaixo de mim, e em seguida ele soltou vários palavrões. Ele agarrou minha cabeça com as duas mãos.

– Gata, não faça isso.

Sorrindo, coloquei a língua para fora e dei uma lambida, fazendo-o estremecer embaixo de mim. Eu nunca havia tocado em um cara assim antes, menos ainda beijado ou tocado alguém daquele jeito. Vendo o êxtase no rosto de Marcus, fiquei com vontade de fazer muito mais.

Abrindo a boca, engoli-o até precisar parar.

As mãos dele agora estavam enroscadas nos meus cabelos.

– Ah, meu Deus, gata. Caralho. Isso é o paraíso.

Marcus gemeu quando comecei a deslizar a boca para cima e para baixo em seu mastro.

Ele começou a arfar e a murmurar mais alto e com mais intensidade.

– Está muito bom. Sua boca é perfeita – incentivou ele, me fazendo ir mais longe a cada vez.

Eu estava começando a pegar o jeito quando Marcus me puxou para longe.

– Pare, eu vou gozar – disse ele, me segurando enquanto estremecia embaixo de mim.

Marcus se cobriu com uma das mãos enquanto recuperava o fôlego.

– Você precisa de alguma coisa? – perguntei, afinal, depois de despertar do transe que me causara vê-lo gozar.

Ele riu.

– Sim. De uma ducha.

Sorrindo, rastejei para longe dele e me levantei.

– Vá se limpar – respondi.

Marcus passou as pernas para o lado e puxou o short para cima antes de se levantar também.

– Você é incrível – disse ele com reverência.

– Você também – respondi.

Ele piscou para mim.

– Então esteja só de calcinha quando eu sair. Ainda não terminei com você.

Capítulo 17

MARCUS

Eu havia acabado de ter a melhor semana da minha vida e agora precisava encerrá-la com um jantar em família. Um jantar em que meu pai estaria presente. Gostaria de não ter prometido à minha mãe que levaria Willow. Era a última coisa que eu queria que ela testemunhasse. Willow veio por trás de mim, passou os braços pelos meus ombros e se abaixou para beijar meu rosto.

– Já está quase acabando esse trabalho? – perguntou ela, levantando e dando a volta na mesa para sentar na minha frente.

Minha camiseta da Universidade do Alabama ficava bem nela. Low não usava mais camisetas de Cage no apartamento. Eu a queria usando as minhas. Talvez fosse um pouco primitivo da minha parte, mas eu não me importava. E ela também não. Eu tinha quase certeza de que Willow até gostava.

– Quase, mas não me importaria com uma distração – respondi.

Ela deu um sorrisinho e balançou a cabeça.

– Não. Eu distraí você a semana toda. Você precisa terminar.

– Por favor – implorei, e ela riu.

– Vou me arrumar para conhecer os seus pais enquanto você termina esse trabalho. Podemos pensar em uma recompensa para você mais tarde.

Eu adorava o quanto ela estava descontraída comigo. Sua provocação era incrivelmente fofa.

– Aí está a distração de que eu preciso. Você alimentou as minhas fantasias.

Rindo, ela fechou a porta do banheiro atrás de si.

Balançando a cabeça para afastar as imagens de Willow montada em cima de mim e gritando o meu nome, voltei a prestar atenção na tela à minha frente. Ela tinha razão. Eu precisava terminar aquilo. Tipo, para ontem. Eu havia passado com Willow todos os minutos livres que tivera, e não mudaria nada.

A porta do apartamento se abriu, e Cage entrou, seguido por Preston. Sujos e suados, voltavam do treino de beisebol.

– Marcus, e aí? – disse Preston ao entrar e seguir para a cozinha atrás de

Cage.

– Escrevendo um trabalho – resmunguei, sabendo que não ia conseguir fazer nada com aqueles dois ali.

– Pago gatas inteligentes para fazerem isso por mim. – Ele se exibiu, e eu revirei os olhos.

Preston vinha “pagando” garotas inteligentes para fazer o dever de casa dele desde a escola. Só que o pagamento não envolvia dinheiro.

– Onde está a Low? – perguntou Cage antes de tomar um gole de cerveja.

– Tomando banho. Ela vai conhecer a minha família esta noite.

Preston soltou um assobio.

– Está ficando sério, hein?

Cage resmungou seu desagrado e tomou mais um gole de cerveja.

Os olhos de Preston iam e vinham entre nós dois. Pude ver todas as perguntas passando pela cabeça dele. Como nós estávamos nos relacionando? Brigávamos? Era desconfortável?

E a verdade era que não. Cage raramente ficava em casa.

Low desligou o chuveiro, e eu dei um salto. Os dois olharam para mim como se eu estivesse louco. A ideia de Low sair enrolada na toalha achando que só eu estava ali me deixou apavorado. Ignorei-os e fui até a porta.

– Low.

– Sim.

– Preston e Cage estão aqui.

– Ok. Hum, você pode trazer as minhas coisas? Estão em cima da cama.

Era o que eu temia.

– Sim.

Não olhei para nenhum dos dois, mas pude sentir seus olhares em cima de mim. Sem dúvida, Preston se divertia, e Cage estava puto.

Uma calcinha de seda rosa que consistia de muito pouco material e um sutiã combinando estavam em cima daquele vestido de verão marrom que me lembrava chocolate. Peguei tudo e fui até o banheiro, tomando o cuidado de manter a roupa íntima escondida dos olhos curiosos deles.

– Aqui.

Ela abriu uma fresta, enfiou a mão para fora e pegou a roupa, sorrindo timidamente para mim. Minha vontade era invadir o banheiro, mas fiquei na minha.

Willow fechou a porta, e me virei para enfrentar o pelotão de fuzilamento.

Preston falou primeiro:

– Que atitude possessiva, hein, parceiro? Ficou com medo que eu pudesse ver a Srta. Low só de toalha?

Lancei um olhar de alerta para ele e voltei a me sentar.

– Eu já a vi de toalha muitas e muitas vezes – provocou Cage presunçosamente.

Respirando fundo, eu me obriguei a me manter calmo.

– A diferença é que ela é minha agora.

– Não, ela é sua *por enquanto* – respondeu ele.

Olhei furioso para Cage. Ele estava apoiado no balcão da cozinha parecendo totalmente cheio de si.

– Para sempre – corrigi.

Cage se afastou com um empurrão e levantou as sobrancelhas.

– Vamos ver.

Comecei a me levantar, e Preston agarrou meu braço quando Cage entrou no próprio quarto.

– Não. Deixa pra lá.

Voltei a me sentar. Não porque Preston tivesse me dito para fazer isso, mas porque era o que Low iria querer.

– Ele é um idiota. Sempre foi. Apenas o ignore.

Falar era fácil.

– Ela é minha – repeti, mais para mim mesmo do que para qualquer outra pessoa.

– Entendi, cara. Ela é sua – concordou Preston.

WILLOW

– Ele não está aqui – sibilou Marcus, olhando para a frente.

Tínhamos estacionado atrás de um pequeno Mercedes caro do lado de fora da casa dos pais dele. Era tão grande quanto eu havia imaginado. O amarelo-claro da casa era destacado por persianas brancas à prova de furacão. Ela ficava na beira da praia, e a maior parte dela ficava no segundo andar. A parte de baixo era toda garagem. O que fazia sentido, o Rei dos Mercedes na Costa do Golfo precisava ter uma garagem grande. A escadaria larga intimidava, levando-nos até duas portas largas.

Marcus soltou um rosnado irritado e abriu a porta. Algo o incomodava, mas eu quase tinha medo de perguntar. Em vez de dar a volta para ir até o lado do carona, ele bateu a porta e ficou parado olhando furiosamente para aquelas portas envidraçadas, como se quisesse arrancá-las das dobradiças. Fazendo o máximo de silêncio possível, abri a porta do carro e fui até a frente da caminhonete. Talvez ele estivesse arrependido. Sabia que ele tinha voltado para a cidade por causa de problemas familiares. Mas aquilo era muito mais intenso do

que eu esperava da família perfeita que eu imaginara para ele. Especialmente depois de conhecer sua irmã alegre, doce e linda. Ele virou a cabeça para mim quando parei ao seu lado, e sua expressão de fúria se desmanchou.

– Sinto muito, Low. Não queria deixar você sentada lá. – Marcus franziu o cenho.

Apertei o braço dele.

– Está tudo bem. Na verdade, eu sei abrir a porta de um carro.

Minha brincadeira apenas provocou um lampejo de sorriso em seu rosto perturbado.

– Meu pai deveria estar aqui. Mas não está.

Muito bem. Faltar a encontros familiares devia ser um problema bem grande por ali.

– Minha mãe estava esperando por ele. Ela estava empolgada.

Marcus soltou um suspiro e segurou a minha mão.

– Se ela parecer estranha ou chateada, ignore. Nada que acontecer esta noite tem a ver com a sua presença. Tudo está muito ferrado no momento.

– Confie em mim, eu sou especialista em famílias ferradas. Posso dar conta.

Marcus beijou minha mão.

– Vamos ver o que nos espera – murmurou, e depois subimos aqueles degraus imensos.

Marcus não bateu à porta. Entramos direto. Aquele ainda era o lar dele. Devia ser legal. Eu precisava bater à porta da casa de Tawny. Sempre estava trancada, de qualquer maneira, e eu não tinha a chave.

– Olá – falou Marcus ao fechar a porta atrás de nós.

Amanda apareceu de imediato, saindo de um cômodo mais à frente. O sorriso dela falhou, e pude perceber que era forçado. Eu vinha fazendo isso o bastante para reconhecer.

– Amanda – disse Marcus com tom cauteloso. – Está tudo bem?

Ela deu de ombros e olhou para mim, depois seu olhar recaiu outra vez na direção dele. Os dois precisavam de um momento a sós. Percebi pela expressão de súplica nos olhos dela.

– Pode me mostrar onde fica o banheiro? – perguntei a Marcus, interrompendo a conversa silenciosa deles.

– Sim, claro. – Ele apontou para uma porta à frente e à esquerda. – Use o lavabo.

O lavabo? Que droga era um lavabo?

– Está bem.

Lá dentro, suspirei e me recostei à parede. Caramba, eu podia sentir a tensão. Eu estava atrapalhando. Era fofo que Marcus me quisesse ali, mas eu

começava a achar que ele havia cometido um erro. Amanda evidentemente precisava de ajuda, e o irmão estava preso comigo. E eu não sabia de nada. Sentia-me um pouco incomodada por ele não ter se aberto comigo, mas, por outro lado, eu também não me abria com ele sobre meus problemas familiares. Não importava o que estivesse acontecendo com eles, não podia ser pior do que o que a minha irmã havia feito. Meus problemas não eram do tipo que as pessoas confessam. Eu precisava esperar algum tempo e dar a eles uma chance de conversarem em particular.

Olhando ao redor no cômodo pequeno, percebi que a pia não era comum. Era uma sofisticada tigela de vidro craquelado apoiada em um suporte de mármore. A torneira parecia o bico de cobre de uma bomba. Ao ligar a água, fiquei imediatamente maravilhada com a forma como funcionava. Rindo da minha fascinação infantil diante de uma pia de banheiro, fechei a torneira e voltei a atenção para o restante do ambiente. Não havia banheira ou chuveiro. O vaso sanitário ficava do outro lado, e um lustre tipo candelabro pendia do teto alto. *Quem coloca um lustre desses em um cômodo minúsculo sem nada além de um vaso sanitário e uma pia?* Uma batida à porta me assustou.

– Low, você está bem?

A voz de Marcus parecia preocupada.

Abri a porta, então agarrei o braço dele, puxando-o para dentro comigo. A expressão de choque dele me deu vontade de rir alto, mas não fiz isso. As linhas de preocupação em sua testa me diziam que sua cabeça estava cheia demais para brincadeiras.

– O que foi? – perguntou ele quando fechei a porta.

Virando-me, olhei para os seus lindos olhos verdes. Meu Deus, ele era deslumbrante.

– Estou dando uma chance para você conversar sozinho com Amanda. Ela parecia preocupada – expliquei.

Marcus soltou um suspiro frustrado.

– Sinto muito por tudo isso – começou ele, e coloquei o dedo sobre sua boca para fazê-lo parar.

– Psiu. Eu sei que você está tendo problemas com sua família, e o seu pai não apareceu e dificultou as coisas. Se minha presença aqui deixa todos desconfortáveis, eu posso ir embora. Só preciso ligar...

Marcus agarrou meu dedo e balançou a cabeça gentilmente.

– Não. Você não vai ligar para ninguém. – Ele fez uma pausa. – Você vai ficar aqui comigo. Eu preciso de você aqui, Low. Sinto muito que tudo tenha azedado, mas eu preciso de você aqui. Por favor, fique.

A expressão de súplica nos olhos dele foi minha ruína. É claro que eu

ficaria com ele. Aproximei-me e fiquei nas pontas dos pés para lhe dar um beijo casto.

– Então vamos lá.

Ele sorriu pela primeira vez desde que havíamos chegado.

Quando saímos do lavabo, Amanda estava parada do lado de fora esperando por nós com um sorrisinho divertido no rosto.

– Você precisou ajudá-la a sair, Marcus? – perguntou ela com um tom provocativo.

– Cale a boca, Amanda – respondeu ele, passando o braço pelas minhas costas.

Ela piscou para mim antes de se virar para nos levar até a sala de jantar. A mesa era imensa e estava coberta por uma variedade de comida. Eles realmente levavam jantares de família a sério. Uma mulher alta e elegante saiu da cozinha. Seus cabelos louros eram quase brancos. Talvez “platinados” fosse a melhor palavra para descrevê-los. O corte bem curto combinava perfeitamente com sua aparência clássica. Seu corpo esguio me lembrou o de Amanda. O avental amarrado em sua cintura era tão branco que parecia jamais ter sido usado. Embaixo do avental, ela estava usando o que parecia ser um vestido sem mangas preto e escarpins também pretos nos pés. Ao olhar para ela, uma palavra vinha à mente: “rica”.

– Marcus.

Ela sorriu alegremente ao ver o filho.

– Mama, esta é Willow. – A mão dele apertou mais minha cintura. – Low, esta é minha mãe, Margaret.

Margaret colocou a cestinha de pão sobre a mesa e veio até mim, sorrindo. Um pouco alegre demais. A dor nos olhos dela era indisfarçável.

– É tão bom conhecer você, Willow. Ouvi falar muito a seu respeito, e você é mesmo linda.

– É um prazer conhecer você também. Muito obrigada pelo convite para jantar.

O sorriso dela pareceu relaxar e ficar mais genuíno.

– Estou feliz que tenha vindo. Marcus nunca traz garotas para jantar. Sua presença é muito bem-vinda.

– Posso ajudar com alguma coisa, Mama?

Ele a chamava de Mama. Não era a coisa mais fofa do mundo?

– Não, querido. Você e Willow podem se sentar. Amanda está trazendo a jarra de chá e logo tudo vai estar pronto.

Marcus puxou uma cadeira para mim, e eu me sentei. Depois, ele fez o mesmo para a mãe.

– Aí está – disse ele, sorrindo para ela.

O amor nos olhos dela ao olhar para Marcus era inegável. Ele era muito amado. Não importavam quais fossem os problemas de sua família, a mãe e a irmã o adoravam. Mas como poderia ser diferente?

Capítulo 18

MARCUS

Minha mãe não parou de tagarelar sobre o próximo festival de frutos do mar de Sea Breeze e o evento beneficente que ela estava organizando. Willow foi perfeita. Demonstrou interesse na conversa sem rumo da minha mãe e inclusive fez perguntas a respeito do evento. Amanda chamou a minha atenção duas vezes. Ela estava muito feliz com Willow. Naquele momento, manter minha mãe ocupada era o melhor dos mundos, e Willow fazia um trabalho fantástico. Precisei de toda a minha força de vontade para não agarrá-la e beijá-la loucamente. Quando Willow perguntou se havia algo que ela pudesse fazer para ajudar, o rosto da minha mãe se iluminou. O alívio por ver um sorriso de verdade em seu rosto tornou mais fácil engolir a comida. O nó apertado no meu estômago ao ver a tristeza profunda em seus olhos quando chegamos parecia um peso de chumbo na minha barriga. A cada sorriso que Willow arrancava dela, eu conseguia relaxar um pouco mais. Amanda também parecia mais tranquila. Ao final da refeição, eu havia desistido de fingir que não estava tão fascinado com Willow quanto minha mãe. Eu a encarava abertamente, sorvendo sua pele macia, os cabelos sedosos que caíam como ondas sobre os ombros e aquele seu olhar tão expressivo. O tom rosa-claro das suas bochechas me indicou que ela sabia que eu a estava devorando com os olhos.

– Eu adoraria ajudar. Marcus pode dar meu número para a senhora. Assim é só me dizer quando precisar de mim.

Ela ia passar algum tempo ajudando minha mãe. Caramba, eu estava tão entregue a essa altura que faria qualquer coisa que ela me pedisse.

– Marcus, querido?

A voz da minha mãe interrompeu meus pensamentos. Desviei o olhar de Willow e voltei meu foco para ela.

– Sim?

Ela sorriu, parecendo muito satisfeita. Aquela noite não havia sido um horror, no fim das contas. Willow salvara o dia.

– Pode me ajudar a pegar o bolo de caramelo e os pratos de sobremesa, por favor?

Eu me levantei, e Amanda disfarçou o riso com um guardanapo. Tive a impressão de que minha mãe havia chamado meu nome mais de uma vez antes que eu a escutasse. Tanto minha mãe quanto minha irmã se divertiam com muita facilidade. Segui minha mãe até a cozinha e, no instante em que pisamos lá, ela se virou e me deu um abraço apertado.

– Ah, querido, ela é perfeita. Eu a adorei. Ela é linda e inteligente, e você está simplesmente tão encantado com ela. Fez um bem tremendo ao meu coração ver você assim. E ela é daqui. Sempre me preocupei que você conhecesse uma garota na faculdade e fosse morar longe de mim. Isso é perfeito. Mal posso esperar para apresentá-las às meninas no clube quando ela for me ajudar com a decoração no festival.

Não consegui deixar de rir com o entusiasmo da minha mãe. A ausência do meu pai fora completamente esquecida naquele momento.

– Ela é especial. Eu falei.

– Sim, ela é definitivamente especial. Eu a adorei.

– Eu também a adoro, Mama.

Willow havia trabalhado nas duas últimas noites e passara todo o dia anterior na casa da irmã, cuidando de Larissa. Eu estava sentindo sua falta. Naquela noite, precisava dela toda para mim. Faríamos um piquenique sob a luz do luar na praia. Um pouco de dança sob as estrelas e depois faríamos amor. Estava na hora. Queria dormir com ela à noite, abraçado a ela. Aquela história do sofá era um saco. Antes de fazer tudo isso, precisava falar com meu pai. Ele havia me ligado duas vezes e deixado recados, que eu apaguei sem escutar. Naquela manhã, minha mãe me telefonara no lugar dele. Ela tinha implorado que eu fosse vê-lo. Detestava nos ver brigados, o que me deixava desnorteado, porque ele havia destruído o mundo dela. A mulher simplesmente perdoava demais.

Parei na revenda em Sea Breeze. Papai estava sempre naquela loja. Ele apenas visitava as filiais. Aquela era a sede e o maior terreno. Respirando fundo, saí da caminhonete e segui até a porta da frente. A primeira coisa que notei foram os cabelos ruivos cacheados da secretária que ele supostamente havia demitido. Minha carranca ao passar por ela fez seu sorriso falhar e, pela primeira vez na vida, senti vontade de machucar uma mulher. Não perguntei se ele estava na sala. Falar com a vadia que havia destruído a minha família não era algo que eu pretendesse fazer naquele dia.

Papai levantou o olhar quando invadi seu escritório.

– Marcus.

Ele pareceu surpreso.

– Mamãe me pediu para vir. Estou aqui. Você tem dez minutos.

Franzindo a testa, ele pediu que eu me sentasse. Pensei em recusar a oferta e ficar de pé para poder olhar furiosamente de cima para ele o tempo todo, mas decidi que talvez fosse mais seguro me sentar. Assim, se eu o atacasse, ele teria tempo de se defender. Limpando a garganta, meu pai afrouxou o nó da gravata e apoiou os dois cotovelos em cima da mesa, inclinando-se para a frente.

– Eu sei que minha ausência ontem no jantar de família deixou você chateado.

Soltei uma risada dura.

– Não, pai, o fato de aquela vagabunda ainda estar trabalhando aqui apesar de você ter dito à mamãe que a demitiu é o que está me deixando furioso no momento.

Ele comprimiu os lábios, e pude ver que meu comentário sobre seu brinquedinho o incomodou.

– Vamos deixá-la de fora disso, está bem? Há coisas de que você não sabe, e até chegar à minha idade e viver o que vivi, você nunca vai entender.

Minha visão ficou turva de ódio.

– Sua mãe e eu temos vivido como colegas de quarto por muito tempo, Marcus. Ela estava completamente envolvida com o mundo dela e eu estava ocupado com o meu trabalho, que tornava possível a vida encantada que ela levava. E que Amanda tivesse tudo o que deseja. E eu teria feito o mesmo por você, se tivesse deixado. Sua recusa em me deixar ajudá-lo me incomoda. Você é meu filho. Quero que tenha o melhor. Posso lhe dar o melhor. Só que você briga comigo desde sempre. Mas esta não é a questão... – Ele acenou a mão como se quisesse espantar aquelas palavras. – Sua mãe e eu não fazemos mais um ao outro feliz. Nosso casamento estava acabado muito antes de eu seguir em frente. Eu preciso de afeto...

– Pare – rosnei, levantando.

Eu não podia mais ouvir aquilo.

– Eu. Não. Me. Importo. Com. O. Que. Você. Precisa. – Falei cada palavra com o máximo possível de veneno na voz. – Eu só me importo com a mulher que dedicou a vida dela a construir um lar para mim e Amanda. A construir um lar para você. Nada do que ela fez justifica o fato de você ter começado a trepar com uma garota com metade da sua idade. Acha mesmo que ela ama você? Sério? Isso é idiota e patético. Ela quer o seu dinheiro, seu cretino.

Meu pai se levantou de repente da cadeira, atirando-a contra a parede atrás de si.

– Não sou obrigado a escutar você falar comigo assim. Você é meu filho. Eu mereço mais respeito.

Soltei uma risada enojada e furiosa, e balancei a cabeça.

– Qualquer respeito que eu possa ter tido por você morreu no momento em que você traiu a minha mãe.

Não esperei por uma resposta. Abri a porta do escritório com toda a força e a bati atrás de mim, precisando libertar parte da minha fúria para não explodir. Clientes e vendedores pularam de susto e se viraram para assistir ao espetáculo que eu estava provocando. Torci para que todos os clientes saíssem sem comprar porcaria nenhuma. Olhando ao redor do showroom, encontrei a garota responsável por tudo aquilo. Ela me encarava com uma expressão chocada, quase assustada. Eu queria machucá-la. Atirá-la contra uma parede e gritar com ela. Mas não podia fazer isso. Então, me conformei com palavras:

– Tire dele tudo o que puder enquanto pode, porque você não vai ser jovem para sempre. Um dia ele vai deixar você também. Por alguém mais jovem. Velhos hábitos não são abandonados e posso garantir que você não tem nada de especial. Não passa de uma bunda jovem.

Ela ficou boquiaberta, e ouvi exclamações de empregados que haviam me escutado. Ótimo. Meu pai ia pensar duas vezes antes de me ligar e pedir para eu ir falar com ele de novo.

Saindo da revenda, dirigi na direção do Live Bay. Era cedo, mas eu precisava de uma cerveja. Não, eu precisava de uma maldita dose de uísque. Várias doses de uísque.

WILLOW

– E aí, Low?

A voz de Preston me sobressaltou. Virei-me e o encontrei parado atrás de mim com as mãos enfiadas nos bolsos do jeans, a testa franzida.

– Oi, Preston.

Ele olhou ao redor para o restaurante quase vazio. Estava na hora de ir para casa, e eu tinha ligado para Marcus, mas ele não havia atendido. Estava me preparando para começar a caminhar. Ligar para Cage estava fora de cogitação. Talvez Marcus tivesse mandado Preston me buscar. Eu esperava que sim. Estava exausta, e voltar caminhando era a última coisa que eu queria.

– Já acabou por aqui? – perguntou ele, voltando a atenção para mim novamente.

– Já, estava quase indo embora. Marcus mandou você me buscar?

Preston franziu ainda mais o cenho.

- Bom, não exatamente. Ele está no bar aqui do lado.
- Ele estava ali? Por que não havia atendido às minhas ligações?
- Entendi – respondi, esperando por uma explicação.

Preston suspirou.

– Ele está bêbado. Tipo, completamente bêbado, a ponto de não saber o que está fazendo.

Assustada, desamarrei o avental, que atirei no cesto de roupa suja, e saí correndo em direção à porta. Preston veio logo atrás.

– Antes que você o veja, precisa saber que ele encontrou o pai hoje e foi um horror. Saiu da loja direto para o bar, e está lá desde então. Ele tem tido muitos problemas com a família e precisa segurar toda a barra para impedir que a mãe e a irmã desmoronem. Não fique brava com ele. Apenas entenda, está bem?

O tom de súplica na voz de Preston me assustou. Eu me preparei mentalmente para o pior quando abri a porta do bar e entrei, procurando pelo meu namorado bêbado entre as pessoas.

– Rock está com ele. Ginger, a bartender da noite, me ligou avisando, e eu liguei para o Rock. Ele veio comigo.

Encontrei Rock primeiro. Ele estava sentado em uma mesa do lado mais distante da pista de dança, sozinho. Fui direto até ele. Nossos olhares se encontraram, e pude ver a expressão de pena antes mesmo que ele falasse. Meu coração bateu mais rápido. Onde ele estava? Rock não o deixaria sair, certo? Dirigir bêbado?

– Onde? – perguntei ao chegar à mesa.

Rock apontou com a caneca na direção da pista de dança. Virando-me, eu o vi imediatamente.

Marcus estava dançando com Jess, que meio que montava na perna dobrada dele, segurada pelos quadris. Ele sorria como se estivesse se divertindo loucamente. Furiosa, entrei pisando duro na pista. Aquela vaca já tinha me provocado demais. Eu estava pouco me lixando se ela era prima de alguém. Marcus era meu. Os olhos verdes e avermelhados dele cruzaram com os meus quando parei atrás de Jess. Agarrando o ombro dela, puxei-a com toda a força que consegui reunir. Ela gritou, chocada, ao cambalear para trás.

– Gata – disse Marcus com a voz enrolada, estendendo os braços para mim.

– Minha Low está aqui.

Suas palavras distorcidas saíram abafadas quando ele me puxou contra si, afundando a cabeça no meu pescoço.

Senti unhas arranhando meu braço. Gritei de dor, assustando Marcus, que levantou a cabeça, parecendo confuso e instável.

– Saia daqui, vaca! – berrou Jess atrás de mim.

Afastando Marcus apenas o bastante para ele não acabar ficando no nosso caminho, eu me virei e olhei furiosa para ela.

– Sugiro que você saia daqui. Tocar no meu namorado desse jeito não é legal. Ele está bêbado. Não vai se lembrar disso amanhã. Então saia daqui antes que eu quebre esse seu narizinho plastificado – sibilei, dando mais um passo na direção dela.

Ela soltou uma gargalhada.

– Não tenho medo de você.

Levantei uma sobrancelha e dei um sorrisinho.

– Sério? Bom, princesa, você já brigou com uma garota do meu lado da cidade? Eu não sei brigar justo. Não vou puxar os seus cabelos e arranhar o seu rosto. Vou lutar para sobreviver. Você vai acordar estirada de costas nesta pista de dança. Quer ver se eu estou blefando? Por favor, vá em frente. Me dê um soco. Você começa e eu termino.

Ouvi coros, alguns gritos e assobios, mas ignorei tudo. Bloquear a percepção do entorno era a primeira regra. Eu podia derrubá-la. Não tinha dúvida. Cage havia me ensinado a brigar muito cedo. A indecisão no rosto dela enquanto eu sustentava o olhar, resolutamente à espera, era risível.

– Saia daqui, Jess.

Rock apareceu atrás dela, segurando seus braços e a puxando. Ela não ofereceu resistência. Foi voluntariamente, virando-se e deixando que ele a levasse embora pela porta da frente. Depois que os dois haviam saído, dei de cara com o olhar vidrado de Marcus em mim, com um sorriso pateta no rosto. Sim, ele estava completamente bêbado.

– Isso foi sexy, Low – disse ele com a voz arrastada, estendendo o braço e me puxando para si.

O cheiro dele parecia o de Cage. Não gostei disso. Queria meu Marcus de volta. Empurrando seu peito, eu o encarei. Ele franziu a testa.

– O que houve? – perguntou, levemente trôpego.

Não fazia sentido explicar o que estava acontecendo.

– Vou levar você para casa – respondi, pegando seu braço para ajudá-lo a ficar de pé.

Preston nos encontrou perto da saída e abriu a porta para nós.

– Sinto muito que você tenha precisado vê-lo assim – sussurrou Preston.

Assenti. Eu também sentia muito ter precisado ver aquilo também. E sentia muito ter precisado bancar a fodona dentro de um bar cheio de gente. Lembrei os motivos com que Preston justificara a bebedeira de Marcus, mas estava tendo dificuldade em aceitá-los. E daí? Ele havia tido uma discussão com o pai. Bom, ele tinha uma mãe e uma irmã que o amavam. Eu não tinha nem isso, mas não

me embebedava toda vez que minha irmã e eu brigávamos. E isso acontecia sempre que eu a via. Não, ele não tinha uma desculpa para aquilo. E muito menos para deixar outra garota se esfregar nele. As mãos dele estavam na cintura dela. As mãos grandes dele estavam a poucos centímetros dos imensos peitos dela. Até onde eu sabia, ele podia tê-la passado pelo corpo inteiro dela antes de eu chegar.

– Ele tem tido muitos problemas de família – disse Preston ao abrir a porta do carona da caminhonete de Marcus. Deixei-o ajudar Marcus e prender seu cinto de segurança, e depois fechei a porta.

– Eu sou um exemplo de garota com família problemática. Sabe quantas vezes eu fiquei bêbada? Nenhuma. Nem uma vez. Eu sei que ele é seu amigo e que você o está protegendo, mas isso não muda o fato de que ele se embebedou e estava agarrando outra garota. Ela estava montando nele com bastante convicção, posso acrescentar. Você acha que ele ficaria bem se a situação fosse inversa? Não! Posso garantir que ele teria pirado. Vou levá-lo para casa. Vou colocá-lo na cama e lidar com isso de manhã. Por favor, Preston, chega de desculpas. Ele não tem nenhuma que vá me servir.

Preston soltou um longo suspiro e assentiu, dando um passo para trás para eu poder entrar pelo lado do motorista da caminhonete.

– Ah, aqui estão as chaves. Tirei dele quando cheguei.

Preston me atirou as chaves.

– Ele realmente ama você – disse ele, levantando as mãos em rendição. – Não grite comigo. Não vou dizer mais nada. Fechei a boca agora.

Consegui dar um sorriso tenso e nada verdadeiro antes de entrar na caminhonete e dirigir para casa.

Capítulo 19

MARCUS

Eu não conseguia engolir. Parecia ter algodão na minha garganta, e uma cobertura áspera na minha língua também. Estalando a boca, comecei a me mexer, e minha cabeça latejou em protesto. Caindo de novo na cama macia, gemi. O que havia de errado comigo? Lentamente, abri os olhos. O sol entrava pelas persianas. Confuso, olhei para mim mesmo. Eu estava de jeans e camiseta. Na minha cama. Tinha algo errado. Pressionando a cabeça entre as mãos, me forcei a sentar. O quarto começou a girar, então fechei os olhos. Eu conhecia a sensação. Fazia tempo que não a tinha, mas sabia o que era. Uma ressaca absurda. Um barulho do outro lado da porta me ajudou a focar. Eu estava no meu quarto. Por quê? Como havia chegado ali?

Willow. Ficando de pé, forcei meus pés a se mexerem até abrir a porta do cômodo. Então me apoiei contra ela e gemi por causa da tontura provocada pela dor na minha cabeça.

– Você está com uma cara péssima.

Abrindo os olhos, vi Cage entrando na sala com uma xícara de café nas mãos. Voltei a atenção para o sofá e notei que estava vazio. Willow. Onde estava Willow?

– Você é um péssimo bêbado.

Merda. O que eu tinha feito?

– Low – consegui dizer, apesar da minha boca extremamente seca.

Cage sentou no sofá e deu um sorrisinho. O que era tão engraçado?

– Low está na minha cama.

O quê? Por quê? Ela não faria isso. Sabe que eu não a quero lá. Obriguei-me a me afastar da porta e caminhei na direção do quarto de Cage.

– Deixe-a em paz. Ela precisa dormir. Ontem à noite não foi exatamente fácil para ela.

Parei e me virei para olhá-lo.

– O que aconteceu?

Cage ergueu as sobrancelhas. O sorrisinho desapareceu do seu rosto, e ele pareceu irritado.

– Quer uma recapitulação completa? Tudo bem.

Cage se inclinou, apoiando os cotovelos nos joelhos, e seu olhar para mim foi furioso.

– Low foi buscar você bêbado no bar ontem à noite. Quando chegou, só faltava você estar transando com Jess na pista de dança. As mãos em cima dela. Low o arrancou de lá e, como Jess a ameaçou, ela basicamente a desafiou e a mandou dar no pé. Pelo que me contaram, foi bem sexy. Enfim, depois ela arrastou seu traseiro bêbado para casa. Você desmaiou na caminhonete. Ela precisou da minha ajuda para trazer você escada acima até a sua cama. Depois desabafou comigo e chorou. Eu a abracei e a consolei, como sempre faço quando está magoada, e a levei até a minha cama, onde ela me contou tudo e imediatamente caiu no sono. Preston me ligou e me narrou a história toda também.

Eu ia passar mal. O que eu tinha feito? Meu peito doía, meu estômago estava revirando e a cabeça martelava. Eu a mandara correndo de volta para os braços de Cage em busca de consolo – de novo. Por minha causa, Jess a havia ameaçado. Eu a colocara em perigo, e ela tinha tomado conta de mim.

INFERNO!

Caindo na cadeira mais próxima, segurei a cabeça girando entre as mãos e lutei contra a vontade de chorar feito um bebê.

– Achei que fosse matar você quando a magoasse, sabe? Mas, quem diria, eu só estou aliviado que tudo tenha acabado. Nem quero machucar você. Estou apenas muito feliz por tê-la de volta.

Foi o que bastou. Saí correndo para o banheiro e vomitei tudo o que havia no meu estômago. Várias vezes. Então deslizei pela parede e chorei em silêncio. Tudo era culpa do meu pai. Ele era o motivo pelo qual eu havia me embebedado. Se eu perdesse Willow por causa disso, eu iria matá-lo. Não podia perdê-la. Pensar nisso doía tanto que eu mal conseguia respirar.

A porta do banheiro se abriu lentamente, e me virei para encontrar uma Willow muito solene. Olhei para ela com atenção quando entrou e fechou a porta atrás de si. Ela me deu uma toalhinha molhada.

– Aqui.

Peguei a toalha, sem conseguir tirar os olhos dela enquanto limpava o suor frio do rosto. Então ela me deu o copo que tinha nas mãos.

– Beba isto. Vai ajudar.

Tomei vários golinhos e fiquei olhando para ela, com medo de que se virasse e fosse embora. Ela não foi. Em vez disso, deslizou pela parede e se

sentou ao meu lado.

– Me desculpa. Eu sinto muito, muito – falei, engasgado.

Ela não respondeu. Ficou lá sentada olhando para as mãos entrelaçadas no colo. Eu queria puxá-la para perto de mim e lhe dar um abraço. Impedir que ela me deixasse. Mas podia sentir o cheiro de uísque e fumaça nas minhas roupas. Eu estava fedendo.

– Você me magoou – respondeu ela finalmente, falando baixinho.

O que ainda estava inteiro no meu coração se despedaçou ao ouvir isso. O embrulho no meu estômago me deixou sem ar.

– Meu Deus, Low, eu sinto muito.

Eu queria declarar o meu amor, mas não queria que minhas palavras fossem maculadas pela situação.

– Sei que você brigou com o seu pai. Preston me explicou. Marcus, o que eu não entendo é por que você bebeu a ponto de tocar em outra mulher. Minha irmã e eu brigamos o tempo todo. Eu não tenho uma mãe e uma irmã que me amem, como você. Eu não tenho uma família. A única família que eu tenho me odeia. Larissa não conta, porque é um bebê. Eu sei que problemas familiares são uma droga, Marcus. Eu tenho problemas enormes. Coisas sobre as quais você não sabe. Problemas que estão me consumindo. Mas nada disso é desculpa para eu tomar um porre e ficar me esfregando em outro cara.

Eu era um moleque egoísta e mimado. Ela tinha razão. Se a situação fosse inversa, eu teria ficado louco. Não estaria sentado ao lado dela conversando calmamente na manhã seguinte. Ela era boa demais para mim. Eu já tinha me dado conta disso, mas agora tinha certeza.

– Você tem razão. Eu não mereço você.

Willow estendeu a mão para cobrir a minha, e meu corpo estremeceu ao seu toque. Merda, eu ia chorar na frente dela. Lutando contra as lágrimas que ardiam nos meus olhos, não consegui encará-la. Lentamente, enganchei meu polegar no seu. Não tinha coragem para segurar sua mão. Não suportaria se ela me rejeitasse.

– Nunca mais faça isso comigo.

Absorvi lentamente o que ela disse, e virei a cabeça para encará-la, sem me importar mais se meus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Nunca mais? Você quer dizer que me perdoa? Não está tudo acabado? – perguntei, sem acreditar.

Ela sorriu e virou a mão, enroscando os dedos nos meus, bem apertado.

– Eu perdoo você – disse, estendendo a outra mão e secando meus cílios. – Como posso ficar brava? Hein? Você está sentado aqui no chão do banheiro lutando contra as lágrimas e parecendo completamente derrotado.

Ela chegou mais perto e deitou a cabeça no meu ombro.

– Eu te amo, Marcus. É claro que eu perdoo você.

Apoiando o copo que estava na minha mão na borda da banheira, eu a puxei para os meus braços. Tinha que abraçá-la. Quase a havia perdido e precisava dela perto de mim. Ela se aninhou ao meu corpo, e lágrimas de alívio escorreram livremente pelo meu rosto.

– Eu também te amo. Te amo muito, Low. Demais. Prometo, Low, que nunca mais vou magoar você.

WILLOW

Durante a semana seguinte, Marcus se esforçou para fazer coisas doces e românticas. Certa noite, voltei para casa do trabalho com um banho de espuma à luz de velas me esperando. Ele deixava bilhetinhos fofos por todos os cantos para mim. Uma vez, até um cliente me entregara um desses bilhetes durante o trabalho. Acordei duas manhãs com uma camiseta vintage de turnês do Aerosmith ao lado do meu travesseiro. Uma era do California, de 1984, a outra, do Aero-Force One, de 1986.

Eu estava pronta para dar o próximo passo, só estava esperando por ele. Marcus precisava se certificar de que eu não iria deixá-lo. De que havia conquistado o meu perdão. E é claro que havia. Tínhamos crescido em ambientes muito diferentes. Não era justo eu esperar que ele lidasse com situações ruins da mesma maneira que eu. Ele fora protegido dos problemas. Não sabia como seguir em frente apesar dos golpes. Meu ciúme me fizera puni-lo. Não queria que tivesse um motivo para ele se comportar da maneira como havia se comportado. Mas não se pode esperar que uma pessoa protegida reaja à decepção da mesma maneira que reage alguém que só conhece a decepção.

Saindo para a rua ensolarada depois de passar o dia todo trancada em uma sala de aula, levantei o rosto para o sol e inalei a brisa salgada. O verão estava chegando, e eu mal podia esperar para passá-lo com Marcus. Cage planejava uma viagem de carro com amigos. Ele me convidara também, mas eu estava ansiosa por aquelas duas semanas a sós com Marcus. Seria a primeira vez que Cage e eu ficaríamos separados por tanto tempo. Isso me preocupava um pouco, mas o medo de ser abandonada começava a desaparecer. Desde a manhã em que vi as lágrimas nos olhos de Marcus quando ele achou que havia me perdido, estava me sentindo mais segura no nosso relacionamento. Ele me amava tanto quanto eu o amava. Não duvidava mais disso. Quando eu precisava de alguém, nunca mais me passara pela cabeça ligar para Cage. A primeira pessoa de quem eu me lembrava era Marcus. Além disso, agora Marcus comprava meus Jarritos.

Nunca deixava o estoque diminuir tanto a ponto de Cage perceber. Mantinha a geladeira tão bem abastecida que chegava a ser cômico. Cage reclamou disso no começo, mas acabou superando.

Meus pensamentos felizes foram interrompidos quando pousei os olhos na minha irmã parada ao lado de uma SUV Mercedes nova, sorrindo com perversidade. Caminhando na direção dela, franzi o cenho, analisando seu carro novo. Imaginei se havia sido comprado em uma das lojas do pai de Marcus.

– Tawny – falei, parando na frente dela.

– Gostou do carro? – Tawny só faltou ronronar de prazer.

Não. Eu não gostava da forma como ela o havia conseguido. Por outro lado, gostava do fato de que Larissa não seria mais transportada naquela armadilha mortal da minha irmã.

– Você conseguiu isso abrindo as pernas, mana. Não sou exatamente fã de destruidoras de lares.

Ela revirou os olhos e me lançou um olhar de nojo. Como se eu fosse a nojenta. Como se eu fosse a mocinha pegando um velho com o dobro da sua idade.

– Que seja. Queria que você soubesse que vou me mudar e vender a casa. Jefferson acha que é melhor. Não faz sentido deixar você com ela. Você não mora lá. E ela é minha, de qualquer maneira. Mamãe a deixou para mim.

A informação doeu, mas eu estava esperando por isso. Ela nunca havia me dado nada. Por que começaria agora?

– Para onde você vai?

Esperava que não fosse para longe. Eu não dava a mínima para Tawny, mas Larissa era minha sobrinha. Queria poder vê-la.

Tawny sorriu e entortou a cabeça, deixando os cachos ruivos caírem sobre o braço nu.

– Jefferson vai nos levar para Mobile. Ele comprou uma casa grande para nós duas, e vai morar conosco assim que assinar a papelada do divórcio.

A uma hora de distância. Nada mau. Só que era mais longe do que eu gostaria. Pelo menos Tawny não precisaria trabalhar. Ficaria em casa com Larissa, e talvez esse estilo de vida despertasse a mãe dentro dela. Talvez ela e Larissa criassem um laço. Engoli o gosto amargo na boca. Tawny estava realmente destruindo um casamento. Se bem que Larissa teria um pai. Eu estava muito dividida. Era um alívio enorme saber que Larissa não precisaria levar a mesma vida que eu. Mas a ideia de que um casamento havia sido destruído, que outra família estava perdendo o pai, me partia o coração. Meu Deus, a situação podia ser ainda mais errada?

– Aqui.

Tawny me entregou um envelope. Estendi a mão para pegá-lo. Tinha o meu nome escrito na frente com a letra cheia de voltas de Tawny e estava lacrado.

– É um pouco de dinheiro. Por todas as vezes que você cuidou da Larissa, e para que consiga um apartamento seu e saia da cama de Cage York. Também coloquei nosso novo endereço aí. Larissa vai querer ver você.

Encarei minha irmã, atônita. Quem era aquela e o que havia feito com Tawny?

– Você está me dando dinheiro? – perguntei, incrédula.

Ela endireitou os ombros, e pude ver a máscara da indiferença assumir o posto no rosto dela. Tawny não trabalhava com emoções.

– Eu sempre pago as minhas dívidas, Low.

Minha irmã me lançou seu sorriso de miss e jogou os cabelos por cima dos ombros.

– Bom, eu preciso encontrar meu noivo e buscar Larissa na babá.

Tawny se virou para sair, mas parou e olhou por cima do ombro.

– Você é inteligente, Low. Faça alguma coisa com isso.

Fiquei ali parada enquanto ela entrava em seu novo e sofisticado SUV e ia embora. O que havia acabado de acontecer? Aquele fora o jeito dela de pedir desculpas? Abri o envelope com cuidado. Tirando de dentro dele um cheque de 10 mil dólares, fiquei olhando para ele em choque. Então meus olhos focaram em quem o havia assinado:

Jefferson M. Hardy II
Mercedes Benz da Costa do Golfo

Capítulo 20

MARCUS

Não conseguia encontrar Willow em lugar algum. Ela não atendia o telefone nem respondia às minhas mensagens. Sua aula havia terminado horas antes. Procurei pelo telefone da irmã nas coisas dela. Nada.

Meu celular vibrou, e me atrapalhei para pegá-lo. Era uma mensagem de texto de Amanda. Não era o que eu estava esperando.

Mamãe precisa de você. Rápido, por favor.

Merda.

Eu precisava encontrar Willow. Não tinha tempo para drama familiar. Meu pai sem dúvida havia aprontado mais uma e mamãe estava pirando.

– Onde você está, Low? – resmunguei de frustração, olhando para o meu telefone, tentando decidir para quem ligar.

Quem saberia onde ela estava?

– Estou aqui.

Ela falou com uma voz tão baixa que quase não a escutei acima do caos na minha cabeça. Virei-me para encontrá-la parada na porta do nosso quarto. Ela parecia arrasada.

– O que aconteceu? – perguntei, correndo até ela e a puxando para os meus braços.

Os olhos vermelhos e inchados e o rosto molhado de lágrimas eram apenas o começo do que havia de errado com ela. Willow não retribuiu o meu abraço. Em vez disso, ficou de pé, parada.

– Low, você está me assustando – falei junto aos seus cabelos, esperando alguma reação dela.

Ela não respondeu.

Meu celular soou de novo e eu o ignorei. Abracei-a mais apertado e aguardei, precisando que ela dissesse alguma coisa. Qualquer coisa.

O aparelho começou a tocar. Frustrado, eu o peguei para rejeitar a chamada, mas vi que era Amanda. Alguma coisa devia estar muito errada.

– O que foi, Amanda? Estou ocupado agora.
– Ela tomou alguma coisa, Marcus! Me ajuda!
Os gritos vieram tão altos pelo telefone que Willow deu um salto nos meus braços. Ela havia escutado.
– Quem? Mamãe tomou alguma coisa?
Meu coração estava disparado. Ah, meu Deus, não.
– SIM! Ela não está acordando. Liguei para a emergência, mas não consigo sentir o pulso dela! Me ajuda! – gemeu ela.
– Estou indo. Mantenha ela viva, Amanda. Está me ouvindo!? Mantenha-a respirando. Faça boca a boca. Alguma coisa!
Willow havia recuado do meu abraço, e seu rosto estava branco como giz. Eu precisava cuidar do que a incomodava, mas a vida da minha mãe corria risco naquele momento.
– Low, eu preciso ir.
Ela assentiu.
– Rápido – disse ela freneticamente.
Pude ver o horror em seus olhos. Ela tinha escutado tudo aquilo que Amanda dissera. Entendera. Eu não a estava deixando. Ela sabia. Saí correndo pela porta. Por favor, Deus, não deixe minha mãe morrer, por favor.

Cinco horas depois, minha mãe havia passado por uma lavagem estomacal e estava recebendo soro pela veia. Minha irmã não tinha sentido a pulsação porque, em pânico, não conseguiu procurar no lugar certo. Mas ela tinha razão sobre uma coisa: mamãe havia tomado um vidro de analgésicos. Meu pai assinara os papéis do divórcio, que estavam junto ao peito dela quando cheguei lá.

Mamãe abriu os olhos e focou a atenção em mim. Saí do meu lugar perto da parede, de onde a observava fazia mais de uma hora, desejando que ela abrisse os olhos.

– Marcus – sussurrou ela.

Agarrei sua mão. De repente, eu não era um homem de 21 anos. Era um garotinho assustado, precisando que a minha mãe me abraçasse e me dissesse que tudo ia ficar bem. Ver os paramédicos levantando o corpo desmaiado dela para a maca e a levando para fora da casa foi um pesadelo que eu jamais queria voltar a viver.

– Sinto muito – sussurrou ela.

– Shhh, Mama. Não fale. Está tudo bem. Só prometa que nunca vai fazer isso comigo de novo. Eu não vou dar conta, Mama. Não vou.

Apertei a mão dela e ouvi um pequeno soluço. Não queria que ela chorasse. Agora não. Ela precisava se recuperar.

– Ele me deixou. E a levou com ele. Mudou-se para Mobile – disse ela, abalada.

Peguei o copo d’água e o canudo que a enfermeira havia deixado alguns minutos antes. Ela disse que mamãe precisaria daquilo quando acordasse.

– Aqui, mamãe, tome um golinho. Não quero falar sobre ele. Ele foi embora. Ainda estamos aqui e não vamos a lugar algum.

Obedientemente, ela bebeu a água e deitou a cabeça no travesseiro.

– Eu te amo – disse ela, olhando para mim com os olhos tristes.

– Eu também te amo. Amanda e eu precisamos de você, mãe. Não pode tentar nos deixar de novo. A gente precisa de você.

Falei carinhosamente, mas com intensidade. Precisava que ela compreendesse que, embora nosso pai a tivesse abandonado, nós jamais faríamos isso. Ela era importante para nós.

– Eu também preciso de vocês.

– Que bom. Agora tome mais um gole.

– Você acordou.

Olhei para trás e vi Amanda correndo para a cama e se inclinando sobre nossa mãe fragilizada.

– Ah, mamãe, você está bem. Você acordou! – gritou ela.

Mamãe agarrou a mão de Amanda.

– Me desculpe. Nunca mais vou fazer isso. Tive um momento de fraqueza – explicou mamãe lentamente, olhando para a minha irmã. Amanda fungou antes de subir na cama e se enroscar ao lado dela.

– Minha bebezinha – arrulhou mamãe, beijando a testa de Amanda.

As duas estavam ali, a salvo. Ia ficar tudo bem. Eu podia fazer aquilo. Eu podia manter aquela família unida. Faria tudo o que precisasse. Low iria me ajudar. Mamãe a adorava. Nós íamos vencer aquilo tudo.

WILLOW

Cage me viu no instante em que saiu do banco de jogadores. Franzindo o cenho, veio até mim. Eu nunca tinha ido a um de seus treinos antes. Pude ver a dúvida e a preocupação em sua expressão.

– Low, o que houve? – perguntou ele quando me alcançou.

Senti o soluço se formar na minha garganta, e cobri a boca para silenciá-lo. Ele arregalou os olhos e procurou a minha mão.

– Vamos lá – disse ele, me puxando consigo para longe dos olhos curiosos

dos companheiros de time.

Cage nos levou direto para seu carro e abriu a porta do carona.

– Entre.

Não discuti. Entrei. O cheiro familiar de segurança me cercou, e meus olhos se encheram de lágrimas. Cage sempre seria meu refúgio. Porque, depois que Marcus soubesse da verdade, eu o perderia. Ele ia me deixar também. E eu não o culpava.

Cage sentou no banco do motorista e se virou para mim.

– O que aconteceu? Em quem eu preciso dar uma surra?

Balancei a cabeça.

– Em ninguém. Ah, Cage, é um horror. É pior do que eu jamais poderia imaginar.

– Nada é tão ruim assim, gata. Nunca. E, se for, eu vou dar um jeito.

– Você não pode dar um jeito, Cage. Não tem como dar um jeito.

– Isso não existe.

– Larissa e Marcus são irmãos! – gritei, colocando os punhos cerrados sobre os olhos e soluçando forte.

Silêncio.

Eu o havia deixado sem fala.

– O homem casado com quem Tawny estava tendo um caso é o pai do Marcus. Jefferson *HARDY* acabou de abandonar a esposa para ficar com minha irmã.

– Caralho.

Apoiei as mãos no colo e olhei para a expressão horrorizada de Cage.

– Como soube? Quero dizer, como você descobriu? Marcus sabe?

– Ela me encontrou na frente da faculdade hoje. Estava dirigindo uma SUV Mercedes novinha. Disse que o pai da Larissa havia deixado a esposa e que os dois estavam se mudando para Mobile. Ele havia comprado uma casa nova chique e ia viver com elas. Depois, ela me entregou um cheque para pagar pelo que chamou de dívida que tinha comigo e foi embora.

Enfiei a mão no bolso, peguei o cheque e o entreguei a Cage.

– Puta merda.

– Olhe para a assinatura, Cage. Não para a quantia.

Ele levantou os olhos azuis para mim.

– Low, gata, eu sinto muito. Ela não para de foder com a sua vida.

– Eu sabia que ele estava com problemas em casa, sabia que ele odiava o pai e estava preocupado com a mãe. Mas, meu Deus, Cage, nunca em um milhão de anos eu teria imaginado isso.

Cage estendeu a mão para segurar a minha.

– Eu estou aqui. Você tem a mim. Você sabe.

Eu sabia. Mas não era com a perda de Cage que estava preocupada.

– Eu preciso falar com ela, com ele, com os dois. Preciso ver Tawny e Jefferson, o pai do Marcus. Preciso encontrar uma maneira de contar a Marcus e não o perder. Não posso perdê-lo, Cage.

Cage ligou o carro.

– Aperte o cinto e coloque o endereço deles no meu GPS.

No mesmo instante fiz o que ele mandou, então deitei a cabeça no encosto, fechei os olhos e rezei para encontrar um modo de resolver tudo.

Estava escuro quando paramos na entrada da garagem da casa de tijolos onde minha irmã e minha sobrinha moravam agora. Tinha dois andares e ficava dentro de um condomínio fechado, em volta de um campo de golfe. Fiquei olhando fixamente para a construção diante de mim. Havia luzes acesas em quase todos os cômodos. Eles estavam ali. Chegara a hora de conseguir algumas respostas. De entender o que havia acontecido. Eu só precisava encontrar um jeito de continuar com Marcus. Olhei mais uma vez para o meu telefone. Ele não me mandava mensagem havia duas horas, desde que avisara que sua mãe estava bem. Não me explicou o que havia acontecido. Eu achei que tinha ouvido sua irmã falar alguma coisa sobre ligar para a emergência, mas pelo jeito isso não fora necessário. Amanda devia ter exagerado. Se a mãe dele tivesse ido para o hospital, ele teria me contado. Ia querer que eu estivesse lá.

– Vamos lá. Vamos fazer isso – disse Cage, abrindo a porta do carro para mim.

Eu estava tão perdida nos meus pensamentos que nem tinha reparado que ele já tinha saltado. Saí também, e nós dois fomos até a porta dupla da entrada. Aquelas duas portas grandes me faziam lembrar a outra casa daquele homem. A casa onde ele havia criado Amanda e Marcus. A casa que ele havia abandonado.

Apertei a campainha e esperei.

Jefferson Hardy abriu a porta. Ele recuou e seu olhar transpareceu surpresa.

– Willow, por favor, entre. Larissa estava falando em você agora mesmo.

Ele se lembrava do meu nome.

Entrei na casa, com Cage logo atrás de mim.

– Quem é? – perguntou Tawny, surgindo no topo da elegante escada de madeira.

Ela ficou paralisada ao descobrir que era a gente.

– Low, o que você está fazendo aqui?

Tawny parecia irritada. Ótimo. Eu estava arrasada.

– Preciso conversar com você.

Virei-me para Jefferson.

– E com ele.

Jefferson e Tawny se entreolharam enquanto eu esperava.

– Está bem. Tawny, por que você não pega a Larissa e desce aqui? Ela vai ficar muito feliz de ver a Willow.

Aquele homem estava brincando de casinha. Como se não tivesse acabado de abandonar outra família. A família que ele mantivera durante mais tempo do que Tawny tinha de vida.

– Venha comigo – disse Jefferson, sorrindo para mim. Ele se virou e nos levou por um corredor até uma grande sala de jantar mobiliada com várias poltronas de couro grandes o bastante para duas pessoas e um imenso sofá modulado. Na parede, havia a maior TV de tela plana que eu já tinha visto, e a lareira a gás estava acesa. Não era aconchegante?

– Querem beber alguma coisa? – perguntou Jefferson.

Balancei a cabeça.

– Não – disse Cage.

Eu tinha a sensação de que ele era o meu guarda-costas. Ajudava saber que ele estava ali.

– Minha Lowlow! – gritou Larissa, com evidente alegria, quando Tawny entrou na sala carregando-a no colo.

Ela estava com os cabelos úmidos do banho, usando um pijama que eu nunca tinha visto. Parecia macio, fofo e caro. Ver Larissa usando algo tão bom foi um acréscimo à confusão de emoções que eu estava sentindo. Eu queria o melhor para ela. Queria que tivesse um pai que a amasse e fosse presente. Mas e a outra menininha que aquele homem tinha? A filha adolescente que estava desmoronando por causa da traição dele? Eu queria berrar de frustração.

Tawny colocou Larissa no chão, e ela correu até mim, os bracinhos para o alto. Eu me abaixei, peguei-a no colo e cheirei seu pescocinho. Ela cheirava muito bem. Tinha o cheiro que um bebê devia ter. Um bebê saudável e amado.

– Oi, minha princesa favorita – sussurrei no ouvido dela.

– Lowlow.

Ela sorriu para mim.

– Senti sua falta – falei para ela, que bateu palminhas alegremente e tascou um beijo molhado no meu rosto.

– Cay! – gritou ela quando seus olhos encontraram Cage, e ela se remexeu nos meus braços para alcançá-lo.

– Oi, linda – respondeu ele, pegando-a no colo.

Eu me virei para minha irmã e Jefferson.

– Até hoje, eu não sabia exatamente quem você era – falei, olhando diretamente para Jefferson.

– Não era da sua conta, Low – disparou Tawny, vindo para o lado dele, passando o braço no dele.

– Aí que você se engana. Infelizmente, é da minha conta.

– Larissa é minha e do Jefferson. Só porque nós...

– Tawny, cale a boca. Você não faz ideia do que eu vim aqui dizer. Só me deixe falar. Para variar um pouco.

Vi os olhos da minha irmã cintilarem de raiva. Jefferson acariciou levemente a mão dela para acalmá-la.

– Vamos ouvi-la, querida.

Fechei os olhos, desejando com todas as forças ser capaz de reverter aquilo. De impedir aquilo. Que Larissa pudesse ser filha de outro homem. Um homem solteiro que fosse amá-la e tomar conta dela. Não dele.

– Cage, você pode dar uma volta com a Larissa, por favor? – perguntei, sem olhar para ele.

– Sim.

Notei o desagrado de Jefferson.

– Ele já cuidou da sua filha mais vezes do que você. Posso garantir que está em ótimas mãos.

Não conquistei um fã com esse comentário, mas era um fato.

– Hoje, quando recebi aquele cheque, vi o sobrenome de Jefferson pela primeira vez. Você nunca o mencionara antes. E você sempre se recusou a me contar onde trabalhava. Eu imaginei que fosse porque o caso que estava tendo era com alguém do trabalho.

– Eu não contei porque não era da sua conta – rosnou Tawny.

– Mais uma vez, é aí que você se engana. Sabe, aconteceu uma coisa que torna este um problema muito real para mim. Eu detestava saber que você estava desmanchando uma família. Detestava saber que você estava destruindo outro casamento.

– Meu casamento estava acabado há muito tempo, Willow – começou Jefferson.

Olhei furiosa para ele.

– Sério? Porque quando você não apareceu para o jantar da família que a sua esposa havia preparado com tanto carinho, e a sua filha e o seu filho ficaram na expectativa de ver o pai deles, isso os destruiu. Eu estava lá. Eu testemunhei a sua mulher abrir um sorriso que não condizia com o sofrimento dos olhos dela. Vi o ódio do seu filho por você aumentar ainda mais e vi a sua filha, a outra, que ainda precisa do pai, especialmente agora, com o mundo dela desmoronando, se

esforçar para fazer a mãe e o irmão sorrirem. Eu estava sentada na primeira fila, Sr. Hardy.

– Que diabo você está falando, Low? – gritou Tawny para mim.

– Eu conheci um cara. Pela primeira vez na vida, eu me apaixonei. Baixei a minha guarda. Encontrei alguém que me faz rir. Que me dá esperança. Eu o amo com todas as minhas forças. Mas ele está precisando lidar com uma mãe completamente destruída. Uma irmã mais nova assustada. E está fazendo tudo o que pode para ajeitar as coisas para elas. Enquanto o pai dele está brincando de casinha com você.

– Marcus – disse Jefferson, suspirando pesadamente.

Ele entendeu. Ele sacou.

– Sim, Marcus – respondi, ainda olhando furiosamente para a minha irmã.

– Vocês podem perceber a situação desagradável que estou enfrentando. Eu amo Marcus Hardy de tal forma que desistiria de tudo por ele. De tudo. Tudo, menos da Larissa. Não consigo imaginar uma saída para isso. Ele não vai querer ter nada comigo quando descobrir tudo. Tawny é o motivo pelo qual a família dele foi destruída. O motivo pelo qual ele recebeu uma ligação da irmã apavorada porque havia algo errado com a mãe dele.

Soltei uma risada dura e dei um grito, atirando as mãos para o alto.

– Você está apaixonada pelo filho do Jeff?

Virei-me e fuzilei Tawny com os olhos.

– Sim.

– Vá embora, Low. Seu drama acabou com a minha noite. Sinto muito que você esteja tão chateada por causa disso, mas não é problema nosso.

– Tawny, não seja tão insensível – disse Jefferson, olhando para ela.

– Insensível? Jeff, isso é absolutamente ridículo. Ela acha que ama o seu filho, e se ela acredita que vir até aqui nos xingar vai fazer alguma diferença, está tristemente enganada.

A campainha da casa soou, e fiz uma pausa.

– Quem mais está aqui? Meu Deus, a gente acabou de se mudar.

Tawny saiu apressadamente para atender a porta, e fiquei ali parada, fitando a lareira. Ela tinha razão. Do que isso iria adiantar? Eu não conseguiria uma resposta ao compartilhar com eles quanto os dois haviam ferrado com tantas vidas. Eles simplesmente não se importavam. E, mesmo que se importassem, o que eu esperava que fizessem?

– Low.

A voz de Marcus invadiu os meus pensamentos e desviei o olhar do fogo para encontrar Tawny de pé na entrada da sala de estar com os braços cruzados no peito, fazendo uma careta.

– Olhem só quem mais está aqui – disse Tawny, voltando para o lado de Jefferson e entrelaçando o braço no dele.

– Marcus.

Não sabia mais o que dizer. Apenas fiquei ali vendo aquela cena horrível se desenrolar. Os olhos dele saíram de Tawny para mim. Eu soube no instante em que ele viu. A semelhança era indiscutível. Especialmente com nós duas juntas no mesmo ambiente. As emoções no rosto dele foram do choque à dor, ao desespero e à fúria em segundos.

– Você é irmã dela. Isto é...

Ele parou e olhou para o pai.

– Ah, meu Deus, não.

Marcus começou a balançar a cabeça.

– A Larissa. Ela não é... Não pode ser.

Ele estava arrasado. Pude ver no instante em que aconteceu. Eu conhecia a sensação. Tinha acabado de vivenciá-la.

– Martus bincá! – gritou Larissa quando Cage entrou na sala com ela no colo.

Marcus olhou para Larissa com horror. Então olhou para mim e identifiquei a traição ali. Ele achou que eu sabia da situação desde sempre. Pude ver isso quando ele simplesmente me encarou. Larissa continuava tentando atrair a atenção dele chamando seu nome e pedindo para brincar.

A raiva de Marcus foi se transformando em torpor. O tique no maxilar e a postura rígida ficaram mais intensos conforme nos encarávamos. Pude senti-lo escapando de mim a cada segundo, mas não havia nada que eu pudesse dizer. Eu não sabia como impedir aquilo. Como explicar.

– Você. Está. Morta. Para. Mim – disse ele em um tom de voz duro e sem emoção.

Então deu meia-volta e saiu. Aquelas palavras ásperas ditas secamente me despertaram do meu transe. Saí correndo atrás dele.

– Marcus, espere! Por favor, espere! – chamei, mas ele não parou.

Ele não olhou para trás.

– MARCUS, POR FAVOR! – gritei quando ele abriu a porta de entrada.

Dessa vez, ele parou e se virou lentamente. Os olhos dele irradiavam um ódio paralisante.

– Você sabe onde eu estava, Willow? Claro que não. Você estava aqui com a sua irmã e o meu pai brincando de casinha. Eu estava ao lado do leito da minha mãe no hospital. Enquanto ela se recuperava de uma overdose de analgésicos que tomou depois de receber os papéis do divórcio, que meu pai levou tão atenciosamente até a casa dela para informar que a estava deixando. Foi lá que

eu estive o dia todo. Então, por favor, não diga mais nada. Nunca mais quero ver você ou sequer ouvir o seu nome de novo. Em poucas horas vou deixar o apartamento do Cage. Se, por acaso, algum dia sentiu qualquer coisa por mim... fique longe e me esqueça.

Capítulo 21

Dois meses depois

MARCUS

– Um Marcus Hardy sóbrio? Acho que meus olhos estão me enganando – falou Dewayne quando eu puxei uma cadeira para sentar ao lado de Rock à mesa que eles estavam ocupando no Live Bay para assistir à apresentação da Jackdown.

– Ele acabou de chegar. Está cedo ainda – provocou Preston, surgindo com uma garota nova.

Ela se remexeu em seu colo, e ele lambeu a orelha dela. Comportamento típico de Preston. Havia montes de turistas na cidade, carne fresca por toda parte. Preston passaria os três meses seguintes comendo as mais bonitas.

– Não vou beber esta noite. Abandonei todas as minhas disciplinas do semestre passado antes de ser reprovado. Então, acho que está na hora de ficar sóbrio e tentar me recuperar com alguns cursos de verão.

Rock me deu tapinhas nas costas.

– Este é o velho Marcus que a gente conhece e ama. Sabia que você estava aí dentro em algum lugar. Que bom que está de volta.

Eu não estava de volta. Estava morto por dentro. O velho Marcus havia sido completamente destruído.

– Sorria, meu irmão, tem garotas gostosas seminuas por todo lado. E tudo o que elas querem são casos de uma noite só. É o paraíso na terra, caramba – disse Preston, sorrindo feito um garotinho em uma loja de doces.

– Pegar mulheres só por pegar não tem mais graça. Preciso dar um tempo delas também – falei, rejeitando a cerveja que uma garçonete me ofereceu.

Aceitei uma garrafa d'água. Ia precisar de muita água para me livrar de todo o álcool que havia consumido.

– Um tempo de mulheres? Você é que sabe, cara – respondeu Dewayne com descrença.

– Achei que você fosse fazer aquela viagem de carro com o... ahn... – falou Rock a Preston.

– Você pode dizer o nome dele. Não sou um idiota e não me importo. Quantas vezes preciso repetir que isso não tem importância? – resmunguei.

– Tá bem. E então, você decidiu não fazer aquela viagem de carro que estava combinando com o Cage?

Preston deu de ombros.

– Não sei. Cage parece estar dando para trás. Ele está muito diferente nos últimos meses.

Preston parou de falar, e pude sentir a tensão na mesa. Estavam todos muito preocupados que uma menção a Willow me deixasse em estado de fúria. Eu tinha superado aquilo. Claro, durante algum tempo, a menção ao nome dela ou qualquer coisa que me fizesse lembrar dela me deixava um pouco pirado, mas aquilo havia passado. Sentia-me completamente entorpecido no que dizia respeito a ela.

Recostei-me na cadeira e fiquei olhando o mar de pessoas dançando. Ninguém chamou a minha atenção. Ninguém se destacou. Eu estava entorpecido para a vida. Ela havia me detonado completamente. Mas eu sobrevivera. Estava melhor agora. Não era mais um bobo idiota, e nenhuma mulher jamais teria tanto controle sobre mim outra vez.

– Ahn, Marcus, cara, tem certeza de que agora está tudo bem em relação a Willow e essas coisas? – perguntou Dewayne.

Olhei furioso para ele. Por que ele precisava continuar dizendo o nome dela e trazendo o assunto à tona?

– Sim.

Ele assentiu.

– Ótimo. Porque ela acabou de entrar, e está parecendo uma verdadeira deusa.

Eu não a via desde a noite em que a deixara na casa nova do meu pai. Eu a evitava a todo custo, e ela fazia o mesmo. Não tinha colocado os pés no bar nenhuma vez. Tentei não procurá-la. Disse a mim mesmo que não dava a mínima. Mas eu era fraco e virei a cabeça na direção da porta.

Willow havia perdido peso.

Os cabelos estavam mais compridos.

Usava um vestido novo que destacava todas as suas curvas.

Ela estava de tirar o fôlego.

E completamente enroscada nos braços de Cage York.

Eu tinha ouvido falar que ele já não saía tanto. Sabia que era por causa de Willow. Dizia a mim mesmo que ele estava apenas sendo amigo dela. Que ainda

pegava todo mundo, só que não como antes. Mas o brilho possessivo nos olhos dele enquanto a mantinha presa ao seu lado me revelou outra coisa. Eu queria desviar o olhar. E, inferno, eu queria não me importar. Ela era uma mentirosa. Feita do mesmo material que sua irmã vadia. Era do que eu vinha tentando me convencer nas últimas semanas. E nunca parecera verossímil, muito embora eu a tivesse flagrado lá. Havia tantas coisas nela que diziam que não tinha nada a ver com a irmã. A forma como olhava com nervosismo para Cage enquanto ele falava com ela. Ele era sua rede de segurança. Exatamente como Cage previra, eu a havia deixado e ela voltou correndo para ele.

Mas ela não havia mentido para Cage. Não tinha assistido a sua irmã destruir a família dele. Não. Ela havia feito isso tudo comigo. Ela tinha dito que me amava, e depois deixou a irmã quase destruir a minha mãe. A minha irmã. A mim.

Cage se abaixou e sussurrou no ouvido dela, e um sorrisinho levantou os cantos de sua boca. Então ela virou a cabeça e seu olhar encontrou o meu. O sorriso desapareceu e ela congelou. Levantou a mão rapidamente para agarrar o braço de Cage, como se precisasse de proteção, disparando a raiva dentro de mim. Ela não ia me destruir de novo. Agora era a minha vez. Levantei-me e puxei a morena bêbada do colo de Preston.

– Vamos dançar, gata?

Não esperei para ver a reação de Low. Minha parceira de dança se desvencilhou de Preston e se agarrou a mim, evidentemente satisfeita com o rumo dos acontecimentos. Abstraindo meus sentimentos e isolando as emoções, eu a puxei e me movimentei contra ela. Segurei sua bunda pouco vestida com as duas mãos, e ela ronronou e se aproximou mais. Willow ia ver só. Queria aparecer ali com Cage? Bem, gata, fique observando. A garota passou os braços pelo meu peito e me segurou com força pelo pescoço. Sorri para ela, concentrado em seu rosto e fazendo o máximo possível para tirar a imagem de Willow da cabeça.

– Tá certo, cara, você conseguiu o que queria – disse Preston, puxando a morena para longe de mim. – Ela deu meia-volta e foi embora. Parabéns. Agora devolva a minha acompanhante.

Nem tentei continuar com ela. Olhei de novo para a porta. Willow não estava mais lá.

WILLOW

Cage entrou na sala segurando uma tigela grande de pipoca e dois refrigerantes. Eu tinha parado de beber Jarritos. Eles me faziam lembrar de Marcus. Levantei o

cobertor para acomodar Cage ali comigo. Quando estávamos cobertos, ele colocou a tigela no colo e me passou um refrigerante.

– Só estou concordando em ver uma comédia romântica porque a noite foi uma droga. Mas o próximo filme precisa ter sangue e ação. Entendeu?

Dei risada e concordei. Cage era mais do que maravilhoso.

– Juro – falei, entrelaçando os dedos mindinhos das duas mãos.

Cage olhou para as minhas mãos com um sorriso malicioso antes de colocar um dos meus dedos na boca e sugar.

– Cage! – berrei, tirando o dedo da boca dele com um estalo.

– Não brinque com partes fofas do seu corpo na minha frente, e eu não chupo nada – respondeu ele com uma piscadela.

Eu jamais teria sobrevivido aos dois últimos meses se não fosse Cage. Meu peito ainda doía, e meus ataques de ansiedade tinham voltado com toda a força, mas, na verdade, eu estava melhor. Bom, até Cage me convencer a enfrentar todo mundo no Live Bay esta noite. Eu achava que conseguiria. Mas Marcus estava lá. Ele olhou para mim e, por um instante, pensei ter visto algum alívio quando nossos olhares se cruzaram. Estava enganada. Marcus se levantou em um salto, levou uma garota para a pista de dança e começou a agarrá-la lá mesmo, só para eu ver. Queria me mandar um recado. Cage me tirou de lá tão rápido que não tive tempo de desmoronar.

– Coma. Enchi essa pipoca de manteiga e sal. Você está melhorando, ganhando um pouco de peso. Não quero que tenha uma recaída depois desta noite.

Enfiei a mão na tigela, peguei um punhado de pipoca e coloquei na boca.

Cage riu.

– Maravilha.

Mastigando, eu me aninhei em Cage e me concentrei no filme. Se não me concentrasse, ficaria pensando nos momentos que tinha passado com Marcus naquele sofá. Quantas vezes ficara olhando para ele dormir enquanto estávamos ali. Parecia que tinha sido muito tempo antes. Era quase como se aquela parte da minha vida tivesse sido um sonho. Aquela noite me lembrara que não. Fora muito verdadeiro. E exatamente como antes, a pessoa que eu amava me deixou. Estendi o braço e segurei a camiseta de Cage com força. Eu precisava da lembrança de que amava Cage e ele não havia me deixado. Nem quando eu pirei e desabei completamente depois de Marcus ter ido embora da casa da minha irmã. Nem quando os ataques de pânico começaram a acontecer todas as noites. Ele ficara comigo. Havia desistido das noitadas para cuidar de mim. Era a minha família. Era tudo o que eu tinha. Encarar minha irmã era impossível. Sentia tanta falta de Larissa que chegava a doer, mas não podia voltar lá. As lembranças

relacionadas àquela casa eram dolorosas demais. Um dia, eu ficaria bem. Então, veria minha sobrinha. Tinha aprendido a aceitar o que minha irmã havia feito e a aceitar Jefferson Hardy como pai de Larissa.

– Ele ainda se importa.

As palavras de Cage me despertaram.

– O quê? – perguntei, voltando a prestar atenção na tela, achando que ele estava falando sobre o filme.

– Marcus. Ele se importa, Low. Vi isso nos olhos dele. O que ele fez esta noite foi uma merda, mas foi um mecanismo de defesa. Ele não quer se importar, mas se importa.

Balancei a cabeça e fechei os olhos. Eu não queria ouvir aquilo. Não naquele momento.

– Não, Cage. Não faça isso. Não posso me permitir ter esperança. Ele me odeia. E sempre vai me odiar.

Cage estalou a língua.

– Existe uma linha tênue, gata. Uma linha tênue entre o amor e o ódio.

– Não. Não existe.

Cage colocou a mecha de cabelo que havia se soltado da minha trança atrás da minha orelha.

– Low, um cara não se apaixona por você e depois simplesmente joga tudo fora. Você é especial demais. Depois de ser amado por você, ele não vai conseguir esquecê-la completamente. Ele está atormentado. Aposto minha vida nisso.

Cage me amava. Ele achava que eu era perfeita. Era o irmão que toda garota merecia ter. Virei a cabeça e dei um beijo no braço dele.

– Obrigada. Sei que você realmente acredita nisso. Eu te amo. Mas você está errado.

– Você ainda não descobriu que eu nunca estou errado?

Dando risada, peguei mais um punhado de pipoca. Eu estava me sentindo segura ali, naquele momento. Não queria pensar em mais nada.

Capítulo 22

MARCUS

– Ele é o nosso pai, Marcus. Isso nunca vai mudar – disse Amanda enfaticamente.

Ela estava andando de um lado para outro, na frente da mesa onde eu tentava escolher os cursos de verão que faria.

– Além disso, eu fico pensando naquele rostinho e naqueles cachos louros, sabendo que ela é nossa irmã. É um bebê, não fez nada de errado. Ela nasceu. Não é culpa dela. Quero conhecê-la, Marcus. Quero meu pai de volta na minha vida. Eu odeio isso. Mamãe quer que a gente vá vê-lo. *Vê-los*. Ela acha que vai ser bom para nós. Especialmente para você.

Resmungando, recostei-me na cadeira e observei a minha determinada irmã. O que havia acontecido com a Amanda furiosa? A que odiava nosso pai e nunca mais queria vê-lo? Gostava daquela Amanda. Eu a queria de volta. Nós sentíamos a mesma coisa. Exceto, é claro, a respeito de Larissa. Toda vez que eu pensava nela, meu peito doía. Eu era fascinado por seus cachinhos louros e as palminhas e os gritinhos alegres, e ela era minha irmã. Será que era esse o plano de Willow? Ela tinha pensado que, se colocasse Larissa na minha vida, me faria amá-la e aceitar o que meu pai havia feito? Meu Deus, como eu pude ser tão cego? Aquelas malditas covinhas. Eu me perdi no instante em que ela sorriu para mim. Ela parecia tão ferida e inocente, e o tempo todo sabia exatamente o que a irmã estava fazendo. O que Willow tinha feito era imperdoável. Ela havia mentido para mim. Para a minha família. E, que inferno, eu ainda estava apaixonado por ela.

– Eles vão estar no condomínio esta semana. Papai nos convidou, e eu vou. Quero você lá comigo. Preciso de você lá, Marcus. Por favor – implorou Amanda. – Papai disse que Tawny não vai estar lá. Vão ser apenas ele e a Larissa – garantiu ela, me dando um beijo na testa.

Jantar com o papai e a outra filha. Não era a minha ideia de diversão. Uma imagem de Larissa sorrindo para mim e exigindo brincar me veio à mente.

– Tudo bem, eu vou. Só porque você está insistindo. Não quero fazer as pazes com ele. Se você quer, tudo bem. Mas eu não vou me reconciliar.

Amanda franziu o cenho, então deu a volta na mesa e me deu um beijo na bochecha.

– Obrigada. Eu realmente preferia que você superasse toda essa raiva e deixasse tudo para trás. Daí talvez consiga ver o que os outros veem. Você está vivendo em um túnel. Se continuar cego por muito tempo, vai perder.

Que droga aquilo queria dizer? Olhei para Amanda, que deu um sorrisinho e saiu do quarto. Acho que ela imaginava que sua frase era profunda e cheia de significado. Provavelmente era um verso de uma canção horrorosa de alguma boy band.

– Amanda – disse meu pai com carinho, puxando minha irmã para um abraço.

Ele lhe fez carinho na cabeça, beijou sua têmpora e sussurrou algo em seu ouvido. Ela assentiu, e ele levantou os olhos para encontrar os meus.

– Marcus. Fico feliz que você tenha vindo.

Eu não estava feliz. Mas Amanda evidentemente estava precisando daquilo. Por isso, eu a acompanhei para dentro da casa.

– Martus! – Fui surpreendido por um grito agudo e alto.

Olhei para baixo e vi Larissa correndo na minha direção com os braços levantados, sorrindo.

Dois dentinhos se exibiram para mim. Eu a peguei no colo, e ela tinha exatamente o mesmo cheirinho de que eu lembrava.

– Como está a minha princesa? Estou vendo que ganhou dois dentinhos.

Ela apontou para os dentes novos e fez que sim, dando um beijo molhado na minha boca.

– Martus, vem bincá.

O vocabulário dela estava se expandindo. Eu a coloquei no chão e segurei sua mão.

– Vá na frente – falei para ela, que me puxou na direção da sala de estar, onde havia brinquedos de todo tipo espalhados pelo chão.

Olhei ao redor por um instante. Tawny não estava por perto. Soltando um suspiro de alívio, sentei onde Larissa mandou. Ela puxou um balde de blocos rosa para perto de mim.

– *Princesa* – explicou ela, apontando para a imagem da Cinderela em um dos blocos.

– O meu tipo preferido – garanti, e ela riu alegremente, esperando que eu construísse uma torre de blocos para derrubar.

– Ela falou muitas vezes em você – disse meu pai ao entrar na sala.
Não olhei para ele nem respondi. Tinha ido até ali por dois motivos: minhas irmãs. As duas.

Amanda se sentou no chão, do outro lado de Larissa.

– Larissa, esta é a Amanda – falei enquanto ela observava Amanda.

– Manda – repetiu ela.

Amanda abriu um imenso sorriso.

– Sim, e é muito bom conhecer você, Larissa. Posso brincar também?

Larissa sorriu. Amanda tinha dito sua palavra preferida.

– Manda binca.

Ela empurrou alguns blocos na direção de Amanda.

Amanda começou a empilhar os blocos animadamente. Larissa tinha esse efeito sobre as pessoas. Era difícil resistir. Parecia com a tia dela. Ah, droga.

Larissa estava me observando, e vi o sorriso dela desaparecer quando ela olhou para meu pai e depois para mim.

– Minha Lowlow – sussurrou ela, com os olhos se enchendo de lágrimas.

Meu pai veio imediatamente até ela e a pegou no colo.

– Ei, não chore, querida. Marcus está aqui para brincar com você e com a Amanda. Lowlow vem amanhã para ver você. Tá bem?

Ele fez uma voz muito carinhosa. Será que algum dia havia falado conosco daquele jeito? Era difícil ver meu pai como alguém compassivo e amoroso. Larissa fungou e assentiu.

– Chão – pediu Larissa, e meu pai a colocou de volta onde ela estava sentada.

Ela me deu um sorriso lacrimoso.

– Lowlow também.

Meu peito estava doendo tanto que senti dificuldade para respirar. Algum dia ficaria mais fácil ver Larissa? As lembranças de Willow sempre iriam me atormentar e me destruir?

Limpei a garganta e assenti.

– Você pode me mostrar os seus outros brinquedos? – perguntou Amanda.

Ela estava tentando distrair Larissa de qualquer outro comentário sobre a amada tia dela. Larissa se levantou e estendeu a mão para Amanda.

– Vem.

Amanda seguiu alegremente a lourinha gorducha para fora da sala. Era como se ela finalmente tivesse uma boneca de verdade com que brincar. Sempre quisera ter uma irmã mais nova, e finalmente havia conseguido.

Fiquei a sós com o meu pai. *Merda.*

– Tem planos para o verão? – perguntou ele, escolhendo um assunto bem

neutro.

– Cursos on-line – respondi, me levantando e indo até as grandes janelas com vista para o golfo.

– Está tentando acabar logo?

– Não, estou compensando o tempo perdido.

Ele não merecia mais explicações. Havia optado por sair da minha vida. Virando-me antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, perguntei:

– Onde está a nova mamãe?

– Pedi que ela me deixasse fazer isto sozinho.

– Por quê? Ficou com medo de que eu a magoasse?

Meu pai balançou a cabeça.

– Não, eu só não a queria aqui enquanto eu recebia a visita dos meus filhos.

– Só estou aqui pela Amanda.

– E pela Larissa. Eu não sou bobo, filho. Vejo como você olha para a menina. Talvez você não queira se importar com ela, mas se importa.

Eu não tinha por que mentir.

– Já me importava com Larissa antes de saber. Ela é um bebê. Nada disso é culpa dela.

– E ela é sua irmã.

– E ela é minha irmã – concordei.

Era a verdade.

– Você falou com Willow desde...?

Ele não terminou a frase. Não precisava.

– Não.

Meu pai não tinha uma resposta para aquilo. Comecei a ir atrás das meninas, mas a voz dele me fez parar:

– Willow não sabia.

Congelei.

– Ela estava arrasada. Tinha acabado de descobrir. Ela estava aqui, na nossa casa, tendo uma crise nervosa quando você entrou.

Engoli em seco. Será que eu queria ouvir aquilo?

– Ela me expôs completamente, listando todas as pessoas que eu havia magoado com o que fiz. Mencionou todos os pecados que eu cometi e elogiou a única pessoa que tinha ficado para juntar os pedaços: você. Apaixonadamente. A forma como você tinha sido o responsável por manter unida a família que eu havia traído. Ela também me falou quanto ela o amava e como as coisas que eu e a irmã dela tínhamos feito seriam o motivo pelo qual ela o perderia.

Segurei-me na cadeira ao meu lado. Senti os joelhos fraquejarem. A dor de ouvir Larissa pedir por Willow não foi nada em comparação com a que

atravessava o meu peito naquele momento. As coisas que eu tinha dito. Ah, meu Deus, não.

– Ela foi abandonada a vida toda. Ela é uma boa garota. Larissa a adora. Embora faltem à irmã muitos traços nobres, Willow parece tê-los em abundância.

Eu a havia deixado.

Exatamente como ela temia.

A lembrança do rosto dela ao entrar no quarto naquele dia antes de a minha irmã ligar. Willow parecia completamente destruída, arrasada, perdida. Tinha acabado de descobrir. E tinha ido me contar. E eu precisara sair.

Ela não sabia de nada o tempo todo.

– O que aconteceu? – perguntou Amanda ao entrar na sala.

Levantei a cabeça e olhei para ela.

– Willow não sabia – sussurrei, horrorizado com as palavras que havia gritado naquela noite enquanto ela me implorava para parar.

– Sempre achei que ela não soubesse – respondeu Amanda.

A tristeza na voz dela era completa.

– Tentei dizer para você que tinha certeza de que ela era inocente, mas você não queria me escutar. Eu não podia sequer falar o nome dela. Toda vez que tentei conversar com você sobre a Willow, você acabou ficando bêbado a ponto de não conseguir caminhar.

Ela sabia tanto quanto eu como eu havia perdido Low, e fora só por culpa minha.

WILLOW

O jantar não tinha sido tão ruim. Larissa grudou em mim e não me largou. Por fim, eu a coloquei na cama e li para ela dormir. Não conseguiria lidar com ela chorando quando eu fosse embora. A maneira como ela se pendurou em mim me lembrava como eu me sentia: com medo de ter perdido alguém que eu amava. Eu não ia mais ficar afastada. Tinha falado com Tawny em encontrá-la na metade do caminho até Mobile para ficar com Larissa uma noite por semana. Assim, eu poderia passar algum tempo sozinha com ela e não precisaria enfrentar aquela casa novamente. Surpreendentemente, Jefferson concordou com a ideia. Pelo jeito, ele também não gostava de ver Larissa chorando por mim. Eu queria odiá-lo, mas, quando o via com Larissa, era difícil. Não podemos controlar tudo o que acontece na vida. É uma droga, e precisamos seguir em frente. Ficar com raiva de Tawny e Jefferson não fazia mais sentido. Isso apenas magoaria Larissa, e ela era inocente.

A porta do quarto de Cage se abriu, e ele saiu franzindo o cenho.

– Você não se importa mesmo? Eu me sentiria melhor se você fosse.

Balancei a cabeça. Eu não ia mais ser a sombra dele. Cage precisava retomar a própria vida. Naquela noite, queria que ele saísse e se divertisse. Eu ficaria perfeitamente bem ali.

– Tenho sorvete de chocolate e duas temporadas de *True Blood*. Pode ir. Eu e meu vampiro predileto vamos ficar perfeitamente bem. Prometo.

Ele suspirou e me abraçou.

– Tá, tudo bem. Eu vou. Se você tiver um ataque de ansiedade ou se ficar chateada, quero que me ligue.

– Cage, sério, pode ir. – Apontei para a porta.

– Eu vou. Qualquer coisa, estou levando meu celular, ok?

– Eu ouvi você, Cage. Vá.

Depois que a porta se fechou atrás dele, peguei meu sorvete de chocolate e fui para o sofá. Naquela noite, eu iria me esquecer de tudo.

Capítulo 23

MARCUS

– Não olhe agora, mas o Cage está vindo para cá – murmurou Dewayne, me trazendo de volta ao presente.

Eu estava perdido nos meus pensamentos. Desde que meu pai me contara quanto eu me enganara a respeito de Willow, não fiz nada além de relembrar todas as palavras horrorosas que dissera para ela. Procurei entre as pessoas até identificar Cage vindo na nossa direção. Ele estava sozinho.

– Desculpe, cara, não sabia que ele viria esta noite, senão teria avisado – sussurrou Preston do outro lado da mesa.

– Pare de ser babá dele. Ele vai precisar lidar com isso um dia – disse Rock, dando de ombros com exagero.

Ele tinha razão, é claro.

– Não achei que você fosse sair esta noite – disse Preston quando Cage parou diante da mesa.

– Eu precisava de uma noite fora. Foi a Low que insistiu.

– Ela não veio com você?

Surpreendi a todo mundo, incluindo a mim mesmo, com a pergunta.

Cage franziu a testa para mim e inclinou a cabeça, como se estivesse me examinando. Eu o encarei, esperando por uma resposta enquanto ele decidia se eu merecia ou não.

– Não. Ela teve uma experiência ruim da última vez que eu a convenci a sair do apartamento e vir para cá – respondeu ele lentamente, sem alterar a voz.

A noite em que eu havia dançado com aquela garota. Caramba, a lista de pontos contra mim era interminável.

– Ahn, bem, que bom que você veio esta noite. Você não tem saído muito – comentou Preston, em uma tentativa de aliviar a tensão.

Cage continuou olhando furiosamente para mim.

– Eu tinha outras prioridades.

Eu queria odiá-lo porque ele tinha ficado ao lado dela. Por ter sido o que eu

não fora. Mas eu não conseguia. Em vez disso, sentia-me grato porque alguém havia tomado conta dela.

– Ela está bem?

Eu precisava saber. Qualquer coisa. Qualquer detalhe.

Cage soltou uma risada dura e balançou a cabeça como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

– Não, Marcus, ela não está bem. Um dia vai ficar. Não é como se ela nunca tivesse sido abandonada antes. Ela vai sobreviver.

Se ele queria me atingir, conseguiu. Eu precisava de ar. Levantei, peguei minha água e me virei para sair.

– Se você tivesse errado comigo, estaria morto para mim. Mas não foi comigo que você errou. Foi com a Low. E ela não é como a maioria das pessoas. Se você conseguiu deixar de lado o suficiente aquela sua fúria hipócrita de menininho rico superprotegido e se deu conta do enorme erro que cometeu, não é tarde demais. Ainda.

Então Cage York se virou e foi embora. Atravessou a massa de gente e saiu pela porta da frente. Fiquei ali parado repassando mentalmente o que ele tinha dito. E saí correndo.

O Mustang de Cage não estava estacionado do lado de fora do apartamento. Embora as luzes estivessem apagadas, podia ver a luminosidade da televisão. Ela estava em casa. Exatamente como Cage tinha dito. Subi a escada de dois em dois degraus e parei diante da porta. Não tinha mais a chave. Willow teria que abrir para mim. E talvez batesse a porta na minha cara. Esfreguei as palmas das mãos nas pernas das calças jeans e respirei fundo algumas vezes. Eu merecia aquilo? Se havia alguma chance de ela algum dia me perdoar, será que eu era digno? Não, não era. Mas eu era egoísta. Eu queria Low. Era tudo o que me importava. Levantei a mão e bati à porta. E fiquei esperando, meu coração saindo pela boca. A trava se abriu, a maçaneta girou. Esperando, rezei para ela me escutar.

WILLOW

– Marcus?

Eu tinha caído no sono no sofá? Estava sonhando? Não seria o primeiro sonho que eu teria com Marcus nos últimos dois meses. Pisquei várias vezes. Certamente parecia real.

– Low – sussurrou ele, quase com reverência.

Com certeza era um sonho. Aquele era o Marcus do meu sonho. O que não

me odiava. O que ainda me amava. Dei as costas para a porta, querendo acordar. Doía demais. Eu estava cansada de sofrer.

– Low, por favor, apenas me escute, por favor – implorou Marcus atrás de mim.

Virando-me, vi que ele havia entrado no apartamento.

– Eu estou dormindo? – perguntei, confusa.

Porque aquele sonho estava real demais.

– Não – respondeu ele.

Fiquei observando enquanto ele fechava a porta.

– Por que você está aqui?

Ele avançou e eu dei um passo para trás. Alguém berrou na televisão, e saltei, assustada. Peguei o controle remoto, apertei o botão de mudo e olhei de novo para Marcus.

– Eu queria falar com você. Não mereço que me escute, mas estou disposto a implorar, se adiantar alguma coisa.

Franzindo a testa, sentei no sofá com as pernas recolhidas.

– Estou escutando – respondi, e ele relaxou visivelmente.

– Sinto muito – começou ele, fechando os olhos com força e respirando fundo antes de abri-los e olhar para mim, emocionado. – Aquele dia. Você veio para cá me contar. Você tinha acabado de descobrir. Mas eu não sabia. Você estava chateada, mas minha irmã ligou, e a minha mãe havia tomado um frasco de analgésicos...

Eu já sabia disso, mas deixei que ele continuasse:

– Quase a perdemos. Os médicos fizeram uma lavagem estomacal e eu fiquei lá com a minha irmã esperando que minha mãe voltasse a si. Quando ela acordou, contou que meu pai levava os papéis do divórcio e tinha se mudado com outra mulher. Ela tentou se matar. Eu fui até a concessionária e exigi que alguém me desse o novo endereço dele. Queria espancá-lo pelo que ele tinha feito com a minha família. Pelo que ele havia provocado nela. O medo que me assombrou toda aquela tarde, enquanto eu via a vida da minha mãe em risco, se transformou em fúria. Depois, quando entrei na casa do meu pai e vi você com a sua irmã, não consegui pensar direito, Low. Eu me senti traído. Não por ele, mas por você. Eu tinha certeza de que você sabia de tudo. Não escutei você. Só peguei todo aquele medo e aquela fúria e atirei contra você. E eu vou me arrepender disso pelo resto da vida.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ver a tristeza no rosto de Marcus enquanto ele relembrava o dia em que me destruiu. Meu coração ficou apertado. Funguei e sequei minhas lágrimas.

– Eu perdoo você.

Era verdade. Não mudava muita coisa, mas realmente o perdoava. Respirei fundo e me dei conta de que estava mais fácil respirar. Saber que ele não achava que eu o havia traído tirou o peso de cima de mim. A maior parte dele, pelo menos.

Marcus ficou me encarando. Eu o havia surpreendido. Ele não esperava ser perdoado.

– Você me perdoa? – perguntou ele com a voz comovida.

– Sim, perdoo. Eu entendo o que aconteceu. A situação toda era um pesadelo. A vida é uma droga, mas a gente supera e segue em frente.

– Eu te amo, Low.

Eu queria acreditar nisso, e talvez ele amasse mesmo. Mas eu não conseguiria sobreviver a ele de novo. Tinha atingido o meu limite de mágoa.

– Marcus, o que a gente teve foi... foi incrível. Foi maravilhoso. Eu nunca tinha sentido nada parecido antes. Vou me lembrar disso com carinho pelo resto da vida.

– Não, Low. Por favor. – Marcus engasgou.

Forcei um sorriso através das lágrimas. Elas rolavam livremente agora. Aquele era o nosso encerramento.

– Não posso fazer isso de novo. Uma vez foi o máximo que consegui. Nunca pensei que fosse me abrir daquele jeito com ninguém. Que fosse me sentir livre e confiante. Eu consegui. E não me arrependo. Nunca vou me arrepender. Mas já tive minha cota de abandono na vida. Preciso me proteger.

Marcus respirou com dificuldade. Observei-o passar as mãos pelos cabelos. Ele era lindo. E um dia tinha sido meu. Eu era grata por isso.

– Low, eu vou amar você até o dia da minha morte – declarou ele, com os olhos úmidos.

Eu também iria amá-lo. Só que não bastava.

– Sinto muito – sussurrei.

Ficamos nos encarando enquanto o peso do que estávamos fazendo recaía sobre nós.

Ele respirou fundo mais uma vez.

– Não posso obrigar você a confiar em mim. Eu mereço isso.

A voz dele estava trêmula.

– Você merece ser feliz – garanti.

Era verdade.

– Nunca vou ser feliz sem você – respondeu ele.

Era difícil ignorar a angústia em seus olhos.

– Vai, sim.

– Low, meu Deus, eu sinto muito. Por favor, me deixe provar que não vou a

lugar nenhum? Vou passar o resto da vida provando a você que nunca mais vou te magoar.

A conversa que havíamos tido no chão do banheiro dele não muito tempo antes voltou à minha mente. Era muito parecida com aquela. Marcus estava muito seguro de que nunca mais me magoaria. De que sempre estaria lá. Ele fora superprotegido demais. Não lidava bem com problemas. Eu precisava de alguém que não fosse embora quando as coisas ruins acontecessem.

– Não posso. Eu tentei. Não deu certo. Não posso continuar esperando que Cage recolha os cacos quando a minha vida se despedaça. Está na hora de aprender a resolver meus próprios problemas. Lidar com as coisas ruins por conta própria. E isso quer dizer que não posso mais confiar meu coração a ninguém. Porque eu sou fraca para isso.

Marcus deu dois longos passos e se ajoelhou no chão à minha frente. Pude sentir o cheiro dele. Tão bom. Tão limpo. Meu Marcus.

– Low, eu juro que você pode confiar em mim. Por favor. Eu sinto a sua falta. Morro de saudade de você. Preciso de você, Low. Por favor, gata, por favor.

Um soluço atravessou o meu peito e balancei a cabeça.

– Não posso.

Marcus deixou a cabeça cair nos meus joelhos, e nós dois ficamos ali sentados, chorando lágrimas silenciosas. Toquei o cabelo dele. Lembrei-me de como era senti-lo. Aproveitei o cheiro dele que me cercou. Finalmente, ele ergueu a cabeça devagar e olhou para mim uma última vez antes de ir embora. Quando a porta se fechou, eu me enrosquei no sofá e chorei até não ter mais lágrimas para derramar.

Capítulo 24

MARCUS

Eu via relances de Willow no bar. Ela nunca ficava por muito tempo. Normalmente, era porque estava trabalhando e precisava de algo do almoxarifado. Ela sempre sorria. Era amigável. Só isso. Procurar por ela havia se tornado meu único passatempo. Eu estava começando a me perguntar se me tornara um *stalker*. A única coisa que me mantinha são era não vê-la com nenhum outro cara. Raramente estava com Cage. Ela morava com ele, mas ouvi dizer que ele quase nunca ficava em casa. Pelo jeito, estava compensando o tempo perdido.

Dei uma olhada no restaurante com nervosismo. Eu precisava conseguir uma mesa na seção dela antes que Low aparecesse no salão de jantar. De outra forma, havia uma boa chance de que ela pedisse para a recepcionista me colocar em outro lugar. Acompanhei a morena baixinha até uma mesa que ela me garantiu estar entre as de Willow naquela noite.

– Low vai vir em um instante.

A voz aguda da garota me trouxe de volta à realidade.

– Obrigado.

Sentei depressa, colocando o pacotinho que havia levado comigo sobre o assento, longe da vista. Não queria que ela tivesse a oportunidade de recusá-lo. Eu pretendia deixá-lo em cima da mesa quando fosse embora. Assim, se ela estivesse decidida a rejeitar o meu presente, teria que ir atrás de mim primeiro.

Ela apareceu no canto, olhando para o bloquinho na sua mão. Tinha um lápis enfiado atrás da orelha e estava com os cabelos presos em um coque bagunçado atrás da cabeça. Eu sentia muita falta dela. Fiquei observando enquanto ela levantava a cabeça. Aqueles grandes olhos verdes expressivos que assombravam meus sonhos cruzaram com os meus, e ela tropeçou. A vontade de tocá-la era insuportável. Obriguei-me a continuar no lugar, mas meus olhos a devoraram enquanto ela se recompunha e seguia o caminho até a minha mesa.

– Marcus – disse ela, dando um sorriso nervoso.

– Oi, Low – respondi.

O aroma doce de madressilva que a acompanhava preencheu o pequeno reservado.

– Você está, ahn, esperando por alguém?

Balancei a cabeça e sorri.

– Não. Sou só eu.

O alívio na expressão dela me deu esperança.

– Ah, tá bem. Nesse caso, o que vai querer beber?

– Quero chá gelado, por favor.

Willow pegou o lápis preso atrás da orelha e anotou o pedido rapidamente. Nunca a tinha visto anotar pedidos de bebidas antes. Será que a minha presença a deixara tão agitada que ela precisava escrever “chá gelado”? Nossa, eu esperava que sim.

– Tudo bem, já volto.

Ela me deu um sorriso que não pareceu sincero, então rapidamente deu meia-volta e seguiu para a cozinha. Não parou em nenhuma das outras mesas para ver se precisavam de algo. Willow queria um instante. Por minha causa. Pela primeira vez depois de semanas, eu consegui respirar fundo. Talvez conseguisse atingi-la novamente. Aquelas malditas muralhas que ela havia construído ao redor do coração me assustavam.

WILLOW

Eu consigo fazer isso. Eu consigo fazer isso. Eu CONSIGO fazer isso.

– Tudo certo, Low? – perguntou Seth, parando do meu lado.

– Ahn, sim, tudo certo. Só precisava de um tempo. – Forcei outro sorriso e peguei o chá gelado para Marcus.

Seth assentiu e seguiu de costas para o salão. Eu precisava fazer a mesma coisa. Passei a mão pelos cabelos e alisei o avental, e então revirei os olhos para meu comportamento ridículo. Aquele era Marcus. Ele havia despedaçado meu coração. Eu não me importava com o que ele pensava a meu respeito. Minha aparência não tinha importância.

Segui de volta para o salão e parei nas outras mesas para ver se desejavam mais alguma coisa. Eu precisava de mais uma porção de molho tártaro, um copo d’água e alguns limões. E ainda estava com a bebida de Marcus na mão. Precisava acabar com aquilo.

Ele estava recostado no reservado, me observando. Eu podia sentir o olhar dele sobre mim enquanto eu conferia os outros clientes. Era um milagre eu não ter tropeçado e caído por causa da minha reação nervosa à atenção dele.

– Aí está.

Coloquei o chá em cima da mesa, na frente dele.

– Está pronto para pedir?

– A garoupa defumada parece boa – respondeu ele.

Eu queria me aninhar no colo dele. Não era absurdo? O simples fato de ouvi-lo falar me fazia precisar tocar nele e sentir seus braços ao meu redor de novo. *Argh!*

– Você não recomenda esse prato?

Despertei dos meus pensamentos obsessivos e olhei para ele.

– Ahn?

Marcus sorriu para mim, e meu estômago embrulhou.

– Você está franzindo a testa. Fiquei imaginando se tinha pedido o prato errado.

Meu rosto imediatamente relaxou e balancei a cabeça, olhando fixamente para meu bloquinho de pedidos em uma tentativa de disfarçar meu rosto vermelho.

– Ah, não. É um prato muito bom. A garoupa está deliciosa e fresca.

– Você sugere que eu experimente essas batatas-doces fritas?

– Bom, elas são diferentes. Ahn, talvez seja melhor pedir as fritas normais.

Marcus me entregou o cardápio.

– Fritas normais, então.

Estendi a mão para pegar o cardápio e lutei contra a vontade de olhar para ele. Sabia que ele estava me observando. Se eu levantasse a cabeça, nossos olhos se cruzariam. Só que eu ainda não estava tão forte. Talvez um dia fosse estar. Depois de algum tempo. Colocando o cardápio embaixo do braço, me apressei de volta para a cozinha. Eu precisava de mais um minuto.

Após entregar a conta a Marcus, corri mais uma vez para a segurança da cozinha. Atirei-me contra a parede atrás do lava-louça industrial e soltei um gemido de frustração. Aquilo tinha sido uma tortura. Marcus estava amigável e falante. Observava todos os meus movimentos, como se eu fosse a coisa mais fascinante que ele vira na vida. Eu estava uma pilha de nervos. Por duas vezes, garotas que eu não conhecia e que obviamente o conheciam foram até ele e fizeram de tudo para convencê-lo a ir dançar com elas. Ele as dispensou com rispidez. Adorei aquilo. Cada vez que eu perdia a batalha comigo mesma e olhava para a mesa dele, seus olhos estavam fixos em mim. Nem quando tinha convidadas indesejadas seus olhos se desviavam.

– Low, seu amigo deixou uma gorjeta em cima da mesa, e uma caixa com o seu nome escrito.

Sem conseguir disfarçar a curiosidade, voltei até o reservado em que

Marcus estivera sentado. Ele havia deixado uma nota de 50 dólares para pagar pela refeição de 20 dólares. Franzindo o cenho, enfiei o dinheiro no bolso e peguei o pacote. Passei o dedo por cima do meu nome. Reconheci a caligrafia bonita dele.

– Ei, Seth, eu já volto – avisei, saindo pela porta dos fundos.

Precisava de privacidade. Lá fora, cuidadosamente escondida, abri a caixa.

Era uma camiseta da turnê Chinese Democracy do Guns N’ Roses de 2006, autografada por todos os integrantes da banda. Havia um bilhetezinho enfiado lá dentro, e eu o salvei de cair no cascalho enlameado.

Willow,

Há uma história por trás desta camiseta. Eu fui à noite de abertura deste show em Miami, e a guardei como um dos meus bens mais preciosos. É especial porque foi o único evento ao qual meu pai me levou na vida. Ele sabia quanto eu queria ir. Eu tinha acabado de fazer 15 anos, e ele entrou no meu quarto uma noite com dois ingressos. Não eram ingressos comuns. Eram passes para os bastidores. Usara todas as suas conexões para pôr as mãos naqueles ingressos. É a única lembrança boa que tenho dele. Talvez por isso esta camisa fosse tão especial.

Enfim, eu quero que fique com ela. Gostaria de ver você usando-a em vez de ficar enfiada no fundo de uma gaveta da minha cômoda. É uma das boas partes de mim, e eu queria saber que está nas suas mãos.

Eu te amo. Sempre vou te amar.

Marcus

Capítulo 25

MARCUS

Larissa chutava alegremente a água na piscina enquanto flutuava na parte rasa vestindo um colete salva-vidas. Meu pai me ligara para dizer que eles estavam passando a semana no condomínio e que Larissa queria me ver. Eu também queria vê-la. Ele e Tawny haviam saído para fazer compras, e eu ficara sozinho com a menina, já que ainda não queria ver a mãe de Larissa. Eu não gostava de Tawny. Jamais gostaria. Ela não apenas havia provocado o sofrimento da minha mãe e da minha irmã, como maltratara Low durante toda a vida. Só por esse motivo, eu nem precisava conhecê-la.

– Minha Lowlow! – gritou Larissa, batendo com as mãos na água.

Acompanhei o olhar de idolatria dela para ver Willow saindo da casa usando um biquíni azul-royal. Opa.

– Olá, menininha. Eu também senti a sua falta – respondeu Willow, sorrindo para Larissa, que continuava dando gritinhos e tapinhas na água.

Willow olhou timidamente para mim e eu tive quase certeza de que havia engolido a minha língua.

– Olá, Marcus.

– Low – consegui responder.

– Espero que você não se importe. Tawny me ligou e disse que a Larissa havia acordado perguntando por mim e que você estaria com ela na piscina hoje, se eu quisesse vir nadar um pouco.

Ela estava ali.

Conversando comigo.

De biquíni.

– Ahn, não, eu não me importo nem um pouco.

Não havia nada nas suas mãos. Willow não estava devolvendo a camiseta que eu deixara para ela três noites antes. Não consegui deixar de sorrir.

– Minha Lowlow! – gritou Larissa quando Low se abaixou até a água para falar com ela.

– Olhe só para você, nadando por aí como uma menina grande – comentou Low.

Larissa gostou do elogio e começou a girar em círculos, ansiosa para se exhibir.

– Nossa! E você consegue fazer truques.

– Martus tuques.

Larissa apontou um dedinho para mim.

– Aposto como o Marcus sabe fazer truques – concordou Willow.

Eu queria mostrar a ela quantos truques eu sabia fazer. Especialmente com ela naquele biquíni.

Um frisbee passou perto da cabeça de Willow. Antes que eu pudesse abrir a boca para avisá-la, ela o pegou.

– Ei, bela pegada.

Um cara com os cabelos bem curtos e muitos músculos apareceu correndo, sorrindo para Willow como se tivesse acabado de acertar na loteria.

– Cuidado da próxima vez. Você poderia ter acertado a menina. – Willow foi educada ao chamar a atenção dele, acenando com a cabeça na direção de Larissa.

– Ah, é, me desculpe por isso. O vento o carregou. Vou jogar mais longe.

Willow lançou-lhe aquele seu sorriso paralisante, e ele pareceu um pouco abalado. Eu entendia completamente como o rapaz estava se sentindo. Mas ele precisava ir embora. Agora.

– Martus tuques – exigiu Larissa.

Willow voltou os olhos para mim, dando um sorrisinho.

– Acredito que você vá ter que nos mostrar seus truques. A rainha se pronunciou.

Levantei-me e caminhei até a prancha de mergulho. Saltei de pé nela. Estava me sentindo um adolescente de novo, empolgado por me exhibir para uma garota. O olhar simpático de Willow percorreu meu corpo. Ah, puxa, agora eu não conseguiria me concentrar e ia ficar de pau duro, o que se mostraria evidente naquela sunga. Eu precisava me apressar. Saí correndo, dei um mortal de costas e mergulhei.

Quando minha cabeça entrou na água, tanto Willow quanto Larissa estavam aplaudindo.

– Bravo. Fiquei impressionada. Não sabia que garotos do *country club* conheciam esses truques – provocou Willow.

Ela começou a nadar na direção da escada, mas parou ao meu lado.

– Obrigada pela camiseta. Eu adorei – disse, sussurrando e se apressando para a escada.

Willow tinha adorado a minha camiseta. E não ia devolver o meu presente. Meu coração acelerou quando pensei nela vestindo-a.

Fiquei admirando fascinado enquanto ela saía da piscina. A parte de baixo do biquíni envolvia seu bumbum como uma segunda pele. A água que escorria pelo seu corpo cintilava ao sol. Quando a vi de frente, fiquei feliz por estar embaixo d'água.

– Vamos ver se eu consigo superar esse. Eu não cresci saltando de pranchas de mergulho. Cresci saltando de pilares de pontes no golfo.

Willow piscou para mim. Realmente piscou. Será que estava flertando comigo? Ela balançou os quadris ao caminhar, e me esqueci de tudo, exceto do corpo dela se mexendo.

– Lowlow tuques – declarou Larissa.

– É, a Low vai fazer uns truques – murmurei, sem conseguir pensar coerentemente.

Merda. Ela ia saltar. Todas as minhas fantasias de menino voltaram correndo, e me perguntei se estava babando. Ela correu e saltou com as pontas dos dedos, então dobrou as pernas, girou de costas e caiu na água em um mergulho perfeito.

Meu Deus, aquela imagem ia ser muito útil mais tarde. Naquela noite. No meu chuveiro.

Larissa estava comemorando quando Willow voltou nadando na nossa direção. Consegui me libertar dos pensamentos libidinosos e bater palmas.

– Acho que não consigo bater esse. Por favor, vá em frente e nos mostre mais alguns truques.

Lancei-lhe um sorriso malicioso, e ela corou.

Diminuí a distância entre nós e me abaixei até meus lábios estarem a poucos centímetros do ouvido dela.

– Eu te amo – sussurrei.

E então, sem olhar para ver sua reação, saí nadando.

Eu precisava me afastar. Porque eu estava muito perto de agarrá-la e beijá-la até ficar pelo menos minimamente saciado. O que talvez fosse impossível.

WILLOW

“Eu te amo.”

As três palavras que Marcus havia sussurrado no meu ouvido ficaram se repetindo na minha cabeça a noite toda. Muito tempo depois de eu dar um beijo de despedida em Larissa e deixar Marcus com um aceno. Algum dia ficaria fácil? Nós estaríamos para sempre na vida um do outro. Eu queria provar que

poderíamos nos entender e ficar perto de Larissa sem que fosse estranho. Tudo o que eu conseguira notar era que não havia superado Marcus Hardy. Nem de longe.

– Por que essa testa franzida? – perguntou Cage, entrando na cozinha e saltando para sentar no balcão, bem ao lado de onde eu estava picando legumes para a minha salada.

– Eu só estava pensando. Chegue mais para lá.

Cutuquei a perna dele com as costas da mão.

– Andou falando com o Marcus?

Que tipo de pergunta era aquela?

– Sim.

– Quando?

– Hoje.

– Foi ele que fez você franzir a testa?

– Não. Ele foi legal. Nós fomos legais.

– Legais, é? E então, você está pensando naquela história de não confiar nele? Já decidiu se pode tentar mais uma vez?

Soltei a faca.

– Cage, do que você está falando?

Cage esfregou o queixo, pensativo.

– Acho que você está cometendo um erro.

Eu também.

– Por quê?

– Realmente, o Marcus a magoou. Mas ele voltou. Ele queria voltar. Todas as outras pessoas que a abandonaram não quiseram voltar, Low. Simplesmente foram embora. Marcus não queria ir embora. Isso o destruiu completamente.

Agarrei a borda do balcão com as duas mãos.

– Ele voltou – sussurrei.

Cage se abaixou e apertou meu ombro.

– É, ele voltou.

– Você acha que ele vai me abandonar de novo?

Cage soltou um longo e pesado suspiro.

– Bom, as coisas acontecem na vida, Low. Caramba, eu poderia morrer amanhã e deixar você. Não podemos controlar o futuro. Mas posso jurar que Marcus Hardy te ama mais do que qualquer outra pessoa vai te amar nesta vida. Além de mim, é claro.

Dei risada.

– É claro.

– Ninguém te ama como eu, gata – provocou ele.

Descendo do balcão num salto, ele me puxou para um abraço.

– Corra o risco, Low.

– O que eu faço? Eu disse não – murmurei no ombro de Cage.

– Eu tenho visto o cara, Low. Vá até ele e diga que o ama. Você mudou de ideia. Você quer lhe dar mais uma chance. Posso garantir que ele não vai discutir com você.

Inclinei-me para trás e encarei Cage.

– Você acha?

– Eu *sei*.

– Tudo bem. Acho que vou mandar uma mensagem e pedir para ele me encontrar em algum lugar.

– Parece uma ótima ideia.

Cage começou a se virar para sair, mas eu segurei o braço dele para fazê-lo parar.

– Cage?

Ele me deixou puxá-lo de volta com seu tradicional sorriso malicioso.

– Sim?

– Por que você está fazendo isso?

– Fazendo o quê?

Coloquei a mão no quadril e levantei a sobrancelha. Ele sabia muito bem do que eu estava falando.

– Por que você de repente é a favor de que eu converse com o Marcus, de que eu dê mais uma chance a ele? Você não estava planejando se casar comigo um dia? Acho que isso estraga o seu plano.

Cage riu e jogou um braço por cima dos meus ombros.

– Acho que isso realmente estraga meu futuro tão planejado. Acontece que o Marcus faz você feliz. Ele pode amar você de um jeito que eu não posso. Eu sou completamente errado, Low. Você e eu sabemos que eu jamais seria um bom marido.

Ele fez uma careta ao dizer essa palavra, e eu não consegui evitar a risada.

– Ah, eu tenho certeza de que você seria um péssimo marido, mas só estou um pouco surpresa que você pense que outro cara possa ser bom o bastante para mim.

– Eu nunca disse que o Marcus será bom o bastante para você. Não vá ficando empolgada. Tudo o que eu disse foi que ele faz você feliz e, se alguém consegue amar você tanto quanto eu, esse alguém é o Marcus. Ele está com tanta saudade de você, gata... Chega a ser patético assistir.

Eu esperava que ele estivesse certo.

Capítulo 26

MARCUS

Quero conversar com você. Pode vir ao apartamento?

Fiquei olhando fixamente para a mensagem de texto de Willow. Parado do lado de fora da porta do apartamento mais uma vez, tive um caso terrível de déjà-vu. Da última vez que tinha estado ali, ela havia destruído completamente todos os meus sonhos. Agora eu estava de volta. Levantei a mão para bater e paralisei. Eu queria fazer aquilo. Será que conseguiria suportar ainda mais? Se ela havia decidido que não podíamos mais ficar perto um do outro até eu aprender a controlar a minha necessidade de declarar meu amor por ela, talvez eu fosse saltar de uma maldita ponte. Não. Ela não faria isso. Eu estava sendo dramático. Os nós dos meus dedos bateram na madeira lisa. Pronto. Eu estava ali.

A porta se abriu quase imediatamente, e Willow estava lá parada sorrindo com nervosismo.

– Você veio – disse ela.

Pude ouvir o alívio em sua voz.

Ela achou mesmo que eu não viria?

– Você pediu. Eu vim.

Ela mordeu o lábio inferior, e desviei o olhar. Não podia pensar nos lábios dela.

– Entre. Quer beber alguma coisa?

Ela estava torcendo as mãos. Willow estava nervosa.

– Não. Estou bem.

Eu queria ir em frente. Nossa energia nervosa combinada estava me deixando maluco. Queria agarrá-la e tranquilizá-la. Mas não podia fazer isso. Não mais.

– Ah.

Ela olhou ao redor e de novo para mim.

– Tá certo. Bom, então, você se importa de sentar?

Aquilo estava ficando mais fascinante a cada segundo. Fui até o sofá e me sentei, ali onde haviam acontecido tantos dos meus momentos favoritos com Willow.

– Você vai se sentar? – perguntei enquanto ela andava de um lado para outro e me olhava com nervosismo.

– Ahn, não. Acho que não consigo.

Tudo bem.

– Low, o que está acontecendo?

Ela parou e ficou de pé bem na minha frente, com a mesa de centro entre nós.

– Eu te amo.

Meu coração quase parou de bater no peito. Ela não dizia aquelas palavras desde a última vez em que a tive nos meus braços.

– E você me deixou. Mas... mas você voltou. Ninguém nunca tinha voltado. Eles me deixavam e pronto. Queriam me deixar. Você, não. Você voltou.

Eu queria me levantar, passar por cima da mesa e puxá-la para os meus braços, mas não sabia se já podia fazer isso. Precisava ouvir tudo o que ela tinha a dizer.

– Sim, eu voltei. Meu coração nunca deixou você.

– Eu sinto sua falta.

Desta vez eu me levantei e dei a volta na mesa.

– Eu sinto sua falta. A cada segundo do dia – sussurrei.

Os olhos dela me acompanharam até eu estar a poucos centímetros de distância.

– Eu confio em você.

Eu precisava de mais do que isso.

– Você confia em mim – repeti.

Ela assentiu, e sua mão acariciou o meu braço.

– Quero tentar de novo.

Aquelas eram as palavras que eu precisava ouvir.

WILLOW

A boca dele estava na minha antes que eu pudesse dizer qualquer outra palavra. Arfei de surpresa, e sua língua se aproveitou disso e se enroscou na minha, experimentando, por toda parte. Eu segurei os cabelos da nuca de Marcus enquanto ele me puxava com força para si. Em seguida, estávamos no sofá. A boca dele soltou a minha, e ele começou a dar muitos beijos no meu rosto e no meu pescoço. Ele disse quanto me amava várias vezes enquanto passava as mãos

pelas minhas costas, segurando meu traseiro e me puxando.

Gemendo dentro de sua boca, mordisquei e senti o sabor de cada centímetro de sua língua. Senti minha blusa sendo levantada, com os dedos de Marcus roçando na minha pele.

– Levante os braços.

A ordem dele era ávida. Não discuti. Ergui os braços, e a blusa foi arrancada do meu corpo. Então, as mãos de Marcus estavam de volta ao meu rosto, e ele estava me beijando. Suas mãos percorreram meu pescoço lentamente, traçando minha clavícula. Gemi. Então as mãos dele cobriram meu sutiã. O gancho da frente se abriu e o sutiã escorregou, deslizando pelos meus braços. Marcus parou de me beijar e se recostou enquanto tirava lentamente o sutiã e o deixava de lado.

– Eu te amo – arfou ele, subindo o olhar dos meus seios nus para os meus olhos.

– Eu também te amo – respondi sem fôlego.

– Eu te quero, Low.

Assenti, porque não estava conseguindo formar palavras.

Puxando-me contra si, Marcus me beijou, e eu remexi na barra da camiseta dele.

– Tire – sussurrei contra sua boca.

Em um movimento rápido, ele arrancou a camiseta. Pressionei meu corpo contra o dele, suspirando com a sensação da sua pele quente na minha.

– Low – gemeu ele no meu ouvido antes de fazer uma trilha de beijos no meu pescoço.

Parei de respirar, observando-o enquanto ele beijava meus seios. O hálito quente dele fez cócegas nos meus mamilos, deixando-os ainda mais duros.

Quando ele finalmente sugou um com a boca, gritei seu nome e me soltei. Eu estava pronta para confiar em Marcus. Completamente.

– Quero entrar em você – sussurrou ele no meu ouvido ao deslizar a mão por baixo da minha saia e da calcinha.

Passou um dedo suavemente em mim, e o corpo dele estremeceu quando choraminguei.

– Você está tão molhada. Tão perfeita. Tudo o que eu sempre quis. Por favor, gata, por favor, deixe eu amar você.

Afastei-me do abraço dele e me levantei. O pânico em seu rosto me fez sorrir. Tirei a saia e a calcinha e voltei para o colo dele.

– Puta merda, você é maravilhosa – sussurrou ele enquanto passava as mãos no meu peito em uma carícia.

Ele estava me tratando como se eu fosse um tipo de obra de arte

inestimável, idolatrando-me com as mãos. Eu já ia começar a implorar que ele colocasse o dedo entre as minhas pernas de novo quando ele me pegou no colo e me deitou de costas no sofá.

– Adoro tocar em você e olhar para o seu corpo, mas preciso entrar em você – explicou ele ao abrir a calça e tirá-la junto com a cueca.

Eu queria tocar nele.

Apoiando-me nos cotovelos, estendi a mão. Ele a agarrou antes que eu pudesse senti-lo e riu.

– Não é uma boa ideia. Quero entrar em você antes de explodir.

Marcus pegou os jeans e tirou uma camisinha da carteira.

– Posso colocar em você?

Ele balançou a cabeça.

– De novo, não é uma boa ideia. Não hoje. Estou precisando demais de você agora. Posso passar vergonha.

Sorrindo, eu me reclinei mais enquanto ele cobria o meu corpo com o dele. O joelho dele abriu as minhas pernas antes que ele afundasse entre elas.

– Ah, meu Deus! – gritei quando a ereção dele me tocou.

Nunca o sentira sem nada entre nós. Não consegui deixar de corcovear, tentando chegar mais perto.

– Puta merda, isso vai me matar – disse Marcus, arfante. – Eu quero muito preencher você, mas preciso ir com calma. Vai doer se não for assim.

– Por favor, Marcus. Não me faça esperar. Preciso de você. Quero você dentro de mim.

A boca de Marcus envolveu a minha enquanto sua ereção pressionava minha abertura. Eu estava pronta para ele. Pude sentir pela facilidade com que ele começou a deslizar para dentro. Levantei os quadris, e ele me segurou e os pressionou de novo contra o sofá, impedindo-me de acelerar as coisas.

Então deslizou lentamente para dentro de mim.

– Tão apertadinha. Você é tão apertadinha, Low. Tão quente e apertadinha – sussurrou ele na minha boca. – Eu te amo. Quero que saiba que eu te amo. Eu vou sempre te amar.

Comecei a garantir a ele que o amava também, mas uma dor intensa me atingiu quando ele afundou dentro de mim e parou. Segurei com força nos braços dele até a ardência passar.

– Estou bem – garanti enquanto ele beijava o meu rosto e passava as mãos pelos meus cabelos como se estivesse tentando me acalmar. – Por favor, eu quero mais – implorei.

Marcus assobiou enquanto recuava e entrava outra vez. Senti um formigamento crescer dentro de mim quando seus braços começaram a tremer.

– Nunca pensei que pudesse ser assim – disse ele, gemendo baixo.
– Mais rápido. Você consegue ir mais rápido? – perguntei, apertando os bíceps dele quando a sensação do meu corpo começou a aumentar.
– Ah, sim, eu consigo ir mais rápido – garantiu, bombeando dentro de mim num ritmo mais constante.

Era exatamente o que eu estava precisando. No instante em que meu corpo explodiu num prazer louco, ouvi Marcus gritar meu nome enquanto todo o seu corpo se sacudia e tremia em cima de mim.

Quando abri os olhos, vi o peitoral bem-definido de Marcus. Senti o cheiro dele. Estava enroscada em seus braços, e nossas pernas estavam entrelaçadas. Era delicioso. Não sabia direito quanta roupa estava vestindo, se é que vestia alguma coisa. Eu estava definitivamente descoberta. Isso dava para dizer.

Afundi o rosto no peito dele para abafar minha risada.

– O que é tão engraçado? – perguntou Marcus com a voz sonolenta, divertindo-se.

– Eu estou nua – falei contra o peito dele.

– Sim, e está bem sexy – respondeu ele, rindo.

Ele abaixou a mão e puxou a colcha por cima de nós.

– Não acredito que conseguimos dormir neste sofá – sussurrei, imaginando se Cage havia chegado em casa e nos visto daquele jeito.

– Preciso falar com Cage que quero comprar este sofá. Ele agora tem lembranças muito intensas para mim.

Sem conseguir segurar o riso, joguei a cabeça para trás e o encarei. Adorava os cabelos amassados de sono dele.

– Como você está se sentindo? – perguntou ele.

– Maravilhosa – respondi sinceramente.

Um sorrisinho sexy surgiu em seus lábios.

– Eu também.

A mão dele desceu pelas minhas costas até meus quadris.

– Você é tão macia... – murmurou ele.

Seus olhos pesados me faziam sentir todo tipo de coisa.

– Cage pode estar aqui – lembrei a ele, deslizando minha perna por entre as suas.

– Humm... ele está.

Arregalei os olhos. Marcus riu.

– Relaxe, ele não viu nada. Você estava coberta quando ele entrou.

– O que foi que ele disse?

– As palavras exatas dele foram: “Caralho, já não era sem tempo.”

Rindo, eu levantei a cabeça e beijei o queixo dele.

– E o que você disse?

Marcus beijou a minha cabeça.

– Eu concordei plenamente.

Capítulo 27

MARCUS

Gritos, palmas e assobios nos receberam quando entrei no Live Bay duas noites mais tarde abraçado a Low.

– Caramba!

– Aleluia!

– Já estava na hora!

– Finalmente!

Willow olhou para mim, sorrindo.

– Acho que eles estão contentes.

Ela não fazia ideia.

– É, tenho certeza de que nada, exceto o nosso casamento, vai deixá-los mais felizes. Eles não eram nem um pouco fãs do Marcus sem a Willow.

– Ah.

– É, “ah”.

Willow me deu um beijo no rosto, e a galera enlouqueceu.

– É isso mesmo! Lamba ele todo! – gritou Preston quando chegamos perto da mesa.

– Nem me importaria com alguma demonstração pública de afeto a esta altura – disse Dewayne com sua voz arrastada.

– Oi para vocês também – falou Willow.

– Você não tem ideia da falta que fez – insistiu Preston.

Willow olhou para mim.

– Tenho alguma ideia.

– Vou levar minha garota para dançar longe daqui. Vocês estão me fazendo parecer patético.

– Você estava patético – declarou Dewayne.

Estava mesmo. Não havia por que discutir.

Puxando Willow, aproveitei suas curvas macias e seu cheiro doce de madressilva. Nada na minha vida parecia tão certo quanto ela nos meus braços.

WILLOW

– Não acredito que você vai se mudar.

Cage estava parado no meio da sala, o cenho franzido.

– Se eu soubesse que você ia me deixar, jamais teria convencido você a dar mais uma chance àquele idiota.

Estava com a minha mala pronta e a chave que ele tinha me dado estendida na mão.

– Não diga isso, Cage. Não estou deixando você. Estou liberando você.

– Quem disse que eu quero ser liberado?

– Eu. Você tem sido o meu melhor amigo e salvador, minha família e porto seguro há tempo demais. Eu sempre vim em primeiro lugar na sua vida. Você coloca as suas vontades e necessidades em segundo plano para garantir que eu esteja feliz. Eu te amo. E está na hora de deixar você ir. Você está livre para ser apenas meu amigo. Não precisa largar tudo para ir me salvar ou juntar meus cacos. Sou uma mocinha agora. Se meu mundo desmoronar, eu vou dar conta.

Cage pegou a chave, e então agarrou a minha mão e me puxou para um abraço.

– Ele nunca vai deixar você, Low. É só por isso que vou permitir que você saia por aquela porta. O garoto está entregue.

– Eu também não acho que ele vá me deixar.

– E eu não me arrependo de nada. Eu faria tudo de novo. Você sabe disso, né?

Assenti, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

– Você é a minha família, Cage. Sempre vai ser.

– Você também, Low. Sempre.

À porta, Marcus limpou a garganta. Dei um passo para trás e sequei as lágrimas antes que ele pudesse vê-las.

– Cuide bem dela – disse Cage a Marcus.

– Pode deixar.

Cage enfiou minha chave no bolso.

– Acho que vou fazer aquela viagem de carro. Tenho um monte de tempo livre agora.

– Vá. Divirta-se – falei.

Cage sorriu.

– Tá bem.

Ele acenou com a cabeça para o sofá.

– E levem aquele sofá. Não vou pegar o dinheiro de vocês.

– Quero pagar por ele. Você vai precisar de outro.

– Estou pensando em colocar alguns colchões infláveis aqui. Quem sabe

fazer algumas orgias.

– Argh! Cale a boca, Cage. – Empurrei-o, fazendo-o perder o equilíbrio.
Dando risada, ele deu de ombros.

– Ei, achei que você quisesse que eu vivesse um pouco.

– Você é maluco, Cage York.

Marcus veio por trás de mim e pegou a minha mala.

– Pronta?

Sorri para ele e fiz que sim.

Eu estava pronta. Estava pronta para tudo o que o amanhã trouxesse.

Sobre a autora



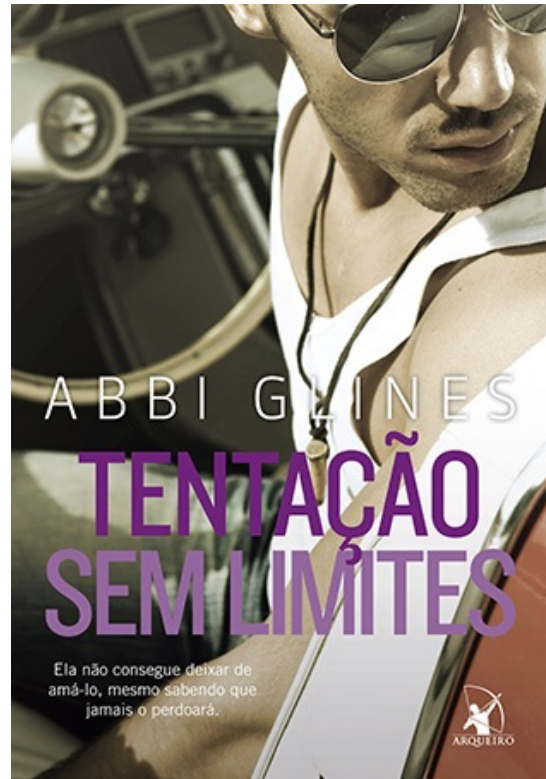
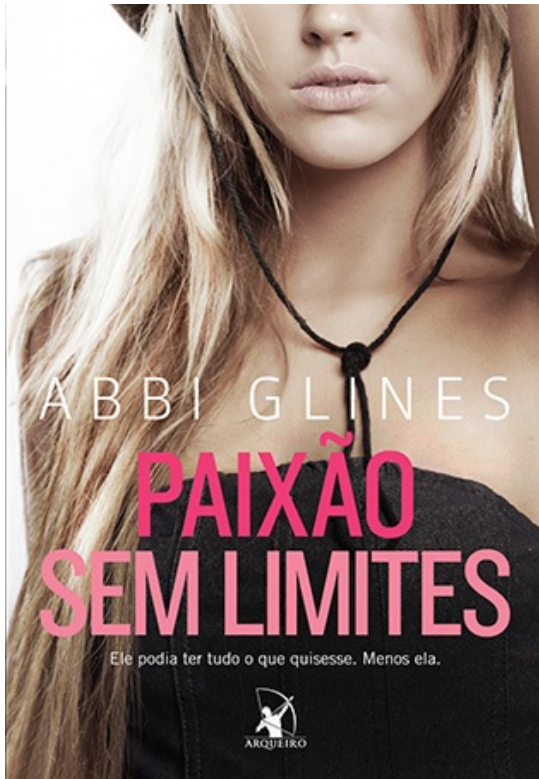
ABBI GLINES é autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, do *USA Today* e do *The Wall Street Journal*, incluindo a série Rosemary Beach, também publicada pela Arqueiro. Suas obras já venderam mais de 440 mil exemplares no Brasil.

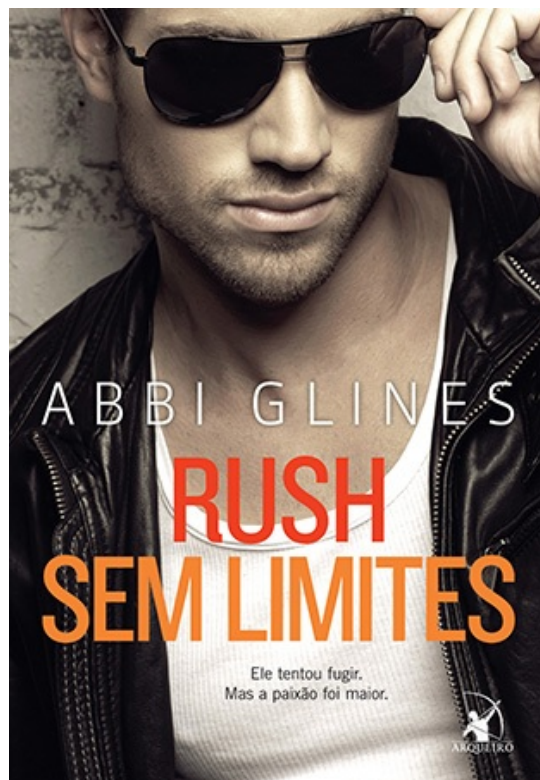
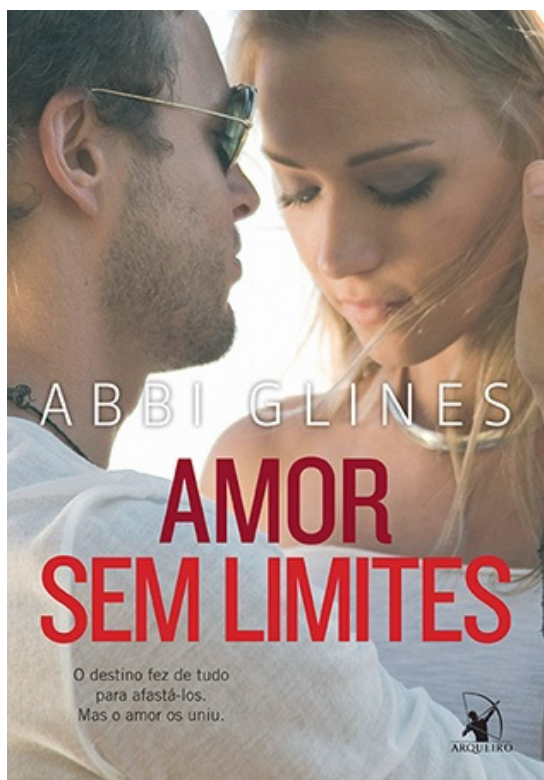
Abbi é viciada em Twitter ([@abbiglines](https://twitter.com/abbiglines)) e escreve regularmente no seu blog e na [sua página](#) do Facebook. Ela vive com a família no Alabama.

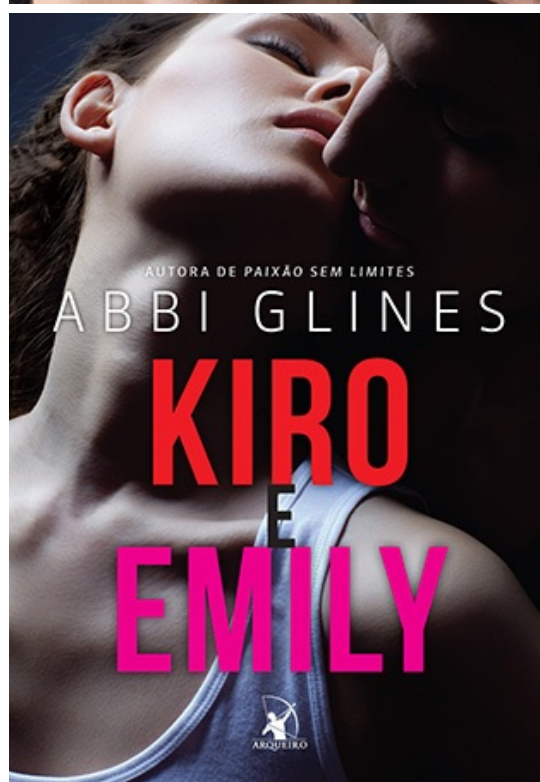
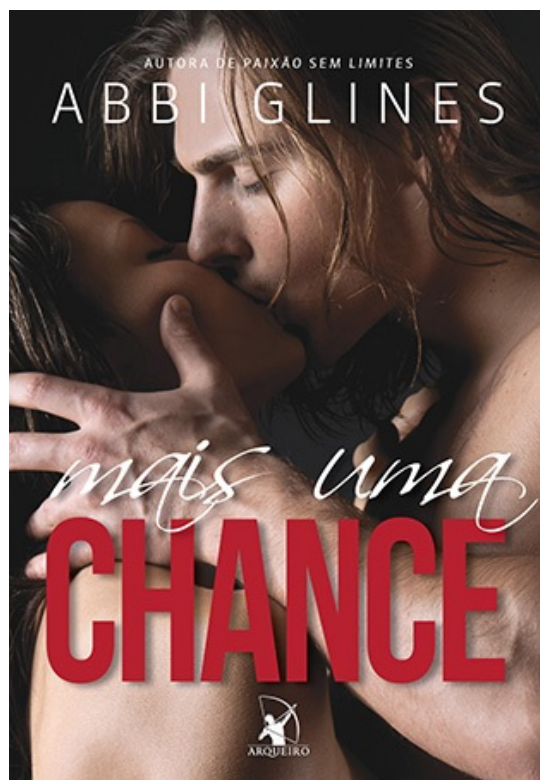
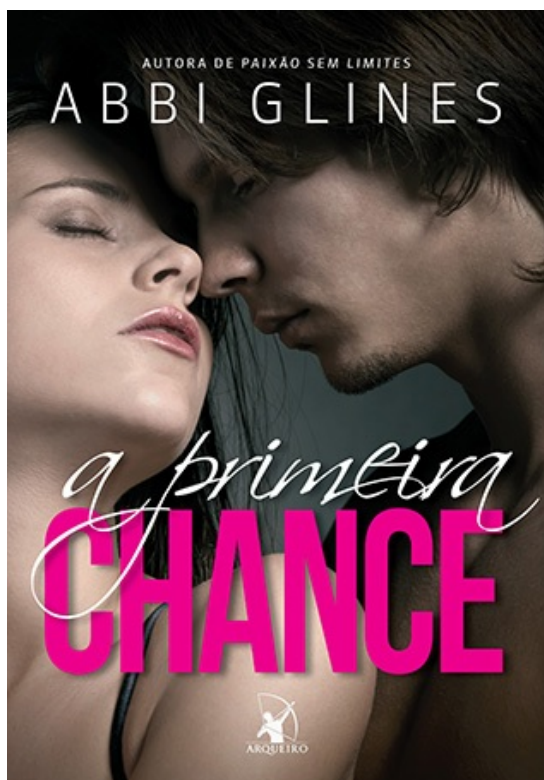
www.abbiglines.com

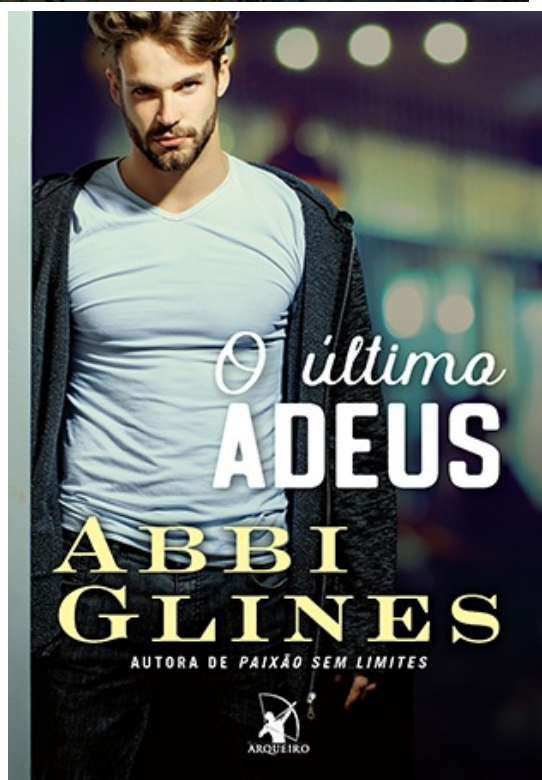
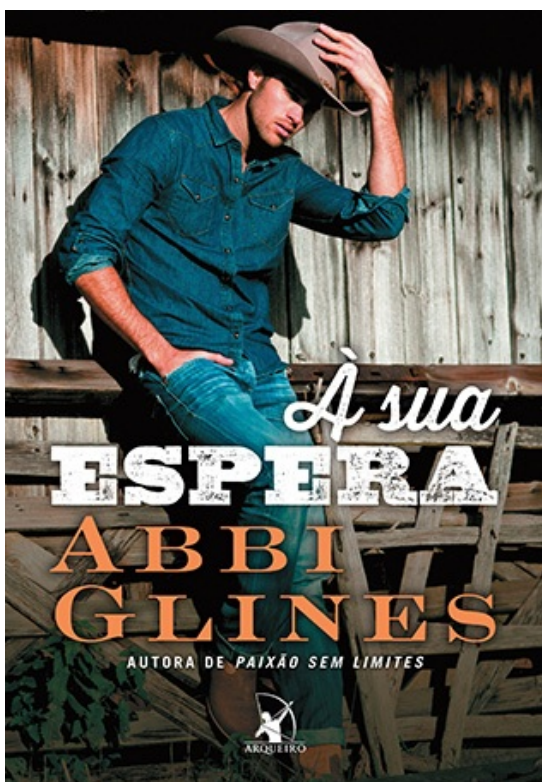
CONHEÇA OS LIVROS DE ABBI GLINES

ROSEMARY B_{EACH}









SEA BREEZE



Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

